



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LETRAS**

**PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE LICENCIATURA EM LÍNGUA
PORTUGUESA E LÍNGUA FRANCESA E RESPECTIVAS LITERATURAS DA UNIFAP
CAMPUS BINACIONAL DO OIAPOQUE**

**MACAPÁ-AP
JULHO DE 2013**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ-UNIFAP
CNPJ/MF 34.868.257/001-81

José Carlos Tavares Carvalho
Reitor

Antonio Sergio Monteiro Filocreão
Vice-Reitor

Selsoniel Barroso
Pró-Reitor de Administração e Planejamento (PROAP)

Adelma das Neves Nunes Barros
Pró-Reitor de Ensino de Graduação (PROGRAD)

Liudmila Miyar
Pró-Reitora de Pesquisa e Pós-Graduação (PROPESPG)

Steve Wanderson Calheiros de Araújo
Pró-Reitor de Extensão de Ações Comunitárias (PROEAC)

Departamento de Letras e Artes (DLA)

Dayse Fernanda Wagner (COEG)

Aldenice de Andrade Couto - Docente Letras-Francês UNIFAP

Érika Pinto de Azevedo - Docente Letras-Francês UNIFAP

Martha Zoni – Docente Letras-Português UNIFAP

(Comissão de revisão do projeto)

Sumário

1 IDENTIFICAÇÃO DO CURSO	5
2 APRESENTAÇÃO.....	6
3 JUSTIFICATIVA	6
4 HISTÓRICO DOS CURSOS DE LETRAS DA UNIFAP CAMPUS MARCO ZERO DO EQUADOR	8
5 HISTÓRICO DO CURSO DE LETRAS PORTUGUÊS/FRANCES DA UNIFAP CAMPUS DO OIAPOQUE .	9
6 ORGANIZAÇÃO CURRICULAR DO CURSO	11
6.1 Objetivos	11
6.2 Competências e Habilidades	12
6.3 Perfil do formando/egresso	13
6.4 Estrutura e matriz do curso	14
6.4.1 Relação entre currículo e concepção de língua	14
6.4.2 Organização curricular por eixos.....	20
6.4.3 Organização curricular por semestre	23
6.5 Fluxograma	29
6.6 Metodologia de ensino e aprendizagem.....	28
6.7 Organização da Prática pedagógica, concepção e composição	29
6.8 Organização do Estágio Supervisionado, concepção e composição	30
6.9 Organização do Trabalho de Conclusão de Curso, sua concepção e composição	30
6.10 Organização da Atividades Complementares, concepção e composição	31
6.11 Acompanhamento e avaliação.....	32
6.11.1 Do Projeto Pedagógico	32
6.11.2 Do Processo de Ensino-aprendizagem.....	33
7 POLÍTICA DE EXTENSÃO E PESQUISA	35
8 CONDIÇÕES NECESSÁRIAS PARA A OFERTA DO CURSO	37
8.1 Instalações físicas	37
8.2 Corpo docente e técnicos administrativos	38
9 PROGRAMA DE CAPACITAÇÃO PARA DOCENTES, GESTORES E TÉCNICOS ADMINISTRATIVOS .	39
10 BIBLIOGRAFIAS CONSULTADAS E DO CURSO	40
11 ANEXOS	57
11.1 Anexo 1: Disciplinas e componentes curriculares	58
11.2 Anexo 2: Regulamento do Estágio supervisionado	104

11.3 Anexo 3: Regulamento do TCC.....	112
11.4 Anexo 4: Regulamento das Atividades complementares	118

1 IDENTIFICAÇÃO DO CURSO

Proponente

Universidade Federal do Amapá

CNPJ/MF 34.868.257/001-81

Departamento: Letras e Artes

Curso de Letras Português/Francês

Coordenação do Curso de Letras Português/Francês Oiapoque

Coordenador:

Secretário:

Endereço: Rodovia Juscelino Kubitschek, km 02 – Jardim Marco Zero – Macapá/AP

Telefone: (96) 3312-1700

E-mail: unifap@unifap.br

Habilitação: Licenciatura em Letras Língua Portuguesa e Língua Francesa e suas respectivas Literaturas (Letras Português/Francês)

Título conferido: Licenciatura em Letras Língua Portuguesa e Língua Francesa e suas respectivas Literaturas (Licenciado em Letras Português/Francês)

Forma de ingresso: Processo seletivo

Número de vagas: 35

Turno de funcionamento: noturno

Modalidade de oferta: anual

Duração: quatro anos

Período máximo de integralização: seis anos

Número de semestres: oito

Carga horária: 3.780 (três mil setecentas e oitenta) horas aulas ou 3.150 (três mil cento e cinquenta) horas de relógio

Regime acadêmico: créditos semestrais

Perfil do licenciado: o licenciado em Letras Português/Francês estará apto a lecionar Língua Portuguesa e Francesa e suas respectivas literaturas nos diferentes níveis de ensino. Poderá atuar em campos fora do magistério como revisor de textos científicos e jornalísticos, além de prestar assessorias a diversas áreas que trabalhem com a linguagem.

2 APRESENTAÇÃO

O Projeto Pedagógico do Curso (PPC) é um conjunto de concepções políticas e educacionais, diretrizes e estratégias que expressam e orientam a prática pedagógica. Nele são apresentados os referenciais que norteiam a implantação e a manutenção do curso, as habilidades e as competências a ser desenvolvidas e a metodologia adotada. O Projeto Pedagógico não é, assim, mera organização curricular, mas um posicionamento coletivo e, portanto, institucional, diante do desenvolvimento de uma área de conhecimento inscrita em dada realidade.

O presente Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Letras Português/Francês da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), Campus do Oiapoque (PPC Letras Português/Francês Oiapoque), foi elaborado a partir das reflexões e práticas didático-pedagógicas de professores de línguas materna e estrangeira do curso de Licenciatura em Letras Português/Francês e suas respectivas literaturas do campus Marco Zero do Equador, em Macapá. Ele objetiva orientar a implantação do curso de Letras Português/Francês no Oiapoque, zona fronteira do norte brasileiro, bem como apresentar parâmetros essenciais para a organização da prática pedagógica e para a reflexão crítica e contínua dessa mesma prática. Em última análise, visa gerar novas perspectivas no que tange à qualidade do ensino superior na área de Letras na UNIFAP.

Para tanto, o Projeto Pedagógico propõe a articulação da formação acadêmica em nível superior com o compromisso profissional e social, através da prática da indissociabilidade do ensino, pesquisa e extensão e do estabelecimento de relações entre os diversos ramos do conhecimento que compõem a grade curricular do curso, de natureza interdisciplinar. Somente dessa forma, conteúdos disciplinares deixam de ser ministrados e apreendidos como compartimentos teóricos isolados para comporem efetivamente um ensino integrado e sistêmico que encontra referência no seu contexto social específico.

Por fim, o projeto pedagógico do Curso de Letras integra-se ao projeto educacional da Instituição.

3 JUSTIFICATIVA

O presente PPC visa responder aos anseios da comunidade acadêmica e externa que reivindica que a formação na área de Letras seja organizada em dois eixos, o da

língua materna e estrangeira, e que as disciplinas que compõem a grade curricular sejam vinculadas ao perfil do sujeito que se visa formar. Se na sede o curso de Letras é desmembrado em Licenciatura em Língua Portuguesa e Língua Francesa e suas respectivas Literaturas e em Licenciatura em Língua Portuguesa e Língua Inglesa e suas respectivas literaturas, no campus do Oiapoque ofertar-se-á uma única licenciatura com formação em Língua Portuguesa e Língua Francesa e formar-se-á o Licenciado em Língua Portuguesa e Língua Francesa e suas respectivas literaturas, conforme a proposta pedagógica autorizada pela Resolução CONSU/UNIFAP nº 20/2008.

A localização geográfica do Amapá, em fronteira com a Guiana Francesa, é fator suficiente, embora não exclusivo, para justificar a importância do ensino/aprendizagem da língua materna e do Francês língua estrangeira (FLE) no Curso de Letras do campus do Oiapoque. Trata-se de uma região em que há o trânsito de pessoas cuja língua estrangeira falada é principalmente o francês, sendo necessária a formação de profissionais no estudo e ensino dessa língua (Minuta do Projeto Universidade Binacional Campus do Oiapoque, 2011).

A concepção de língua ora adotada abrange, para além dos signos linguísticos, a cultura que abriga essa mesma língua e os discursos que a veiculam. Por hora, abordaremos brevemente apenas a relação entre língua e cultura no FLE. Para o ensino/aprendizagem do FLE, é essencial o conhecimento das culturas francesa e francófonas. De maneira geral, o termo *francófono* designa aquele que fala francês. Nas regiões francófonas, pratica-se o francês como língua materna, oficial ou veicular¹, mesmo que nelas haja indivíduos que não falem o idioma. Guiana francesa, Quebec, Bélgica, Reunião, Madagascar, Tunísia, por exemplo, são regiões francófonas: localizam-se fora da França metropolitana e apresentam falantes de francês. Impõe-se assim em todo e qualquer curso de graduação em FLE o estudo da língua francesa, das literaturas francesa e francófonas e das culturas francesa e francófonas.

O contexto cultural, fronteiriço e francófono do qual participa o Oiapoque propiciará aos acadêmicos, docentes e comunidade externa à universidade a ampliação das relações já estreitas entre o estado do Amapá, a Guiana Francesa e, por extensão, outras regiões da França metropolitana e regiões francófonas. Essas relações se concretizam, por exemplo, através de intercâmbio científico e cultural entre instituições do estado,

¹ A língua veicular é aquela que assegura a comunicação entre pessoas de diferentes línguas maternas.

estudantes e pesquisadores e devem ser capazes de intervir positivamente no Oiapoque, atribuindo qualidade à estrutura acadêmica, científica e social desse município.

No que diz respeito à habilitação em Língua Portuguesa, o curso justifica-se pela enorme carência do Estado do Amapá de professores de português, sobretudo em regiões mais afastadas da capital Macapá, como é o caso do Oiapoque. Nesse sentido, a proposição de um curso que oferte dupla habilitação (em português e em francês e suas respectivas literaturas) é uma maneira de formar e capacitar mão de obra qualificada para o trabalho nessas regiões mais afastadas. É uma oportunidade também de a comunidade vivenciar um curso que procura estar sempre atualizado em relação aos novos paradigmas teóricos e metodológicos.

4 HISTÓRICO DOS CURSOS DE LETRAS DA UNIFAP CAMPUS MARCO ZERO DO EQUADOR

O Ensino de 3^o Grau foi instalado no ex-Território do Amapá, na década de 70, através de Convênios firmados entre o governo e a Universidade Federal do Pará. Inicialmente, os cursos ofertados eram de curta duração. Posteriormente, a Complementação Pedagógica surgiu com a finalidade de integralizar o ciclo da Graduação. Nos anos 80, foram ofertados Cursos de Licenciatura Plena nas diversas áreas e, dentre essas, o curso de Letras fora contemplado.

Através da Lei nº 7530, de 29 de agosto de 1986, foi criada a Fundação Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). O decreto nº 98.977, de 02 de março de 1990, instalou uma Universidade Pública de direito privado, mantida pela União, vinculada ao Ministério da Educação e com foro na cidade de Macapá, capital do Estado do Amapá. A partir dessa data, o curso de Letras teve prosseguimento, não mais em convênio, mas com caráter autônomo para atender tanto à aspiração dos professores locais, quanto à necessidade da Secretaria de Educação em habilitar e qualificar o seu quadro de pessoal no exercício do magistério na área de Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas.

No decorrer dos anos, foi crescente o anseio pelo ensino de línguas estrangeiras. Fez-se um esforço para qualificar professores por meio de um segundo convênio estabelecido com a UFPA e formar professores nessa língua. Pôde-se assim criar a licenciatura em Português e Francês, que se constituía em demanda urgente, tendo em vista o estado ser localizado em zona de fronteira com a Guiana Francesa. Mas havia

ainda a lacuna da formação em nível superior de Língua Inglesa. Vale ressaltar, igualmente, a proximidade geográfica entre o estado e a Guiana Inglesa.

A universidade instituiu a Licenciatura em Língua Portuguesa e Inglesa que inicialmente funcionou com um único professor atuante no eixo das disciplinas específicas da língua inglesa. Recentemente, quando a universidade pode realizar concurso para especialista e não apenas mestre, como exigido nos penúltimos concursos, o curso de Letras Português/Inglês dispôs de um segundo docente especialista de língua inglesa. Atualmente, cada licenciatura em letras do campus Marco Zero do Equador (Português/Francês e Português/Inglês) possui quatro docentes da língua e literatura estrangeiras em questão, entre efetivos e professores em estágio probatório.

5 CURSO DE LETRAS PORTUGUÊS/FRANCÊS DA UNIFAP CAMPUS DO OIAPOQUE

Segundo a Minuta do Projeto Universidade Binacional Campus do Oiapoque (2011), desde 1998, a Universidade Federal do Amapá desenvolve atividades de ensino de graduação, pesquisa e extensão no município de Oiapoque. Em 2007, foi criada a Licenciatura em educação escolar indígena.

Entre o fim de 2007 e o início de 2008, iniciaram acordos e negociações entre o presidente Nicolas Sarkozy e Luiz Inácio Lula da Silva com a finalidade de criar uma universidade na fronteira entre Oiapoque e Guiana Francesa. Em 08 de janeiro de 2009, o Protocolo Adicional ao Acordo de Cooperação Técnica e Científica entre os dois governos, publicado no Diário oficial da União (D.O.U.), instituiu o Centro Franco-Brasileiro da Biodiversidade Amazônica, com estrutura física alocada para diferentes instituições de pesquisa do estado. No fim do ano de 2010, a Secretaria de Educação Superior (SESU) convocou o reitor da Universidade Federal do Amapá, Prof. Dr. José Carlos Tavares, para assinar um termo de pactuação não mais do referido centro, mas de um campus da UNIFAP no Oiapoque que atendesse à “ideia de Campus Binacional”².

A Licenciatura em educação escolar indígena, implantada em 2007, obedece a uma perspectiva interdisciplinar e apresenta um núcleo comum de conhecimentos ou de disciplinas. Os cursos do campus do Oiapoque a ser implantados em 2013 seguirão essa mesma concepção e organizar-se-ão em um tronco comum ou mesmo eixo temático. Os

² Para mais informações sobre os trâmites desse acordo franco-brasileiro, consultar as páginas 9 a 11 da Minuta do Projeto Universidade Binacional Campus do Oiapoque (2011).

Projetos Pedagógicos, por sua vez, deverão apresentar a correlação entre disciplinas teóricas e práticas afins aos cursos que integram um mesmo tronco com objetivo de viabilizar o cumprimento dos créditos semestrais pelos discentes. Dentre os cursos previstos encontra-se o de Letras.

Fundamentam legalmente a proposição do Curso Letras Português/Francês Oiapoque a Lei de Diretrizes e Bases n. 9.394/1996 e os normativos dela originados, em destaque os Pareceres CNE/CES 492/2001 e 1363/2001 e a Resolução CNE/CP 1/2002, CNE/CP 2/2002 e CNE/CP 2/2007; as Resoluções 24/2008 CONSU/UNIFAP e 02/2010 CONSU/UNIFAP. Assim, neste projeto foram consideradas as seguintes orientações:

- (i) evitar o prolongamento desnecessário da duração dos cursos de graduação;
- (ii) estimular práticas de estudos independentes, visando a uma progressiva autonomia profissional e intelectual do aluno;
- (iii) encorajar o aproveitamento do conhecimento, habilidades e competências adquiridas fora do ambiente escolar, inclusive as que se referirem à experiência profissional julgada relevante para a área de formação do futuro graduado; e
- (iv) incentivar uma sólida formação geral para que o futuro graduado possa superar os desafios de renovadas condições de exercício profissional e de produção de conhecimento.

Dessa forma, fica sob a responsabilidade de cada IFES definir a estrutura curricular que melhor se adapte à sua realidade e criar condições para assegurar a qualidade na formação de profissionais que possam, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), posicionar-se de maneira crítica, responsável e construtiva nas diferentes situações sociais, utilizando o diálogo como forma de mediar conflitos e de tomar decisões coletivas.

O curso de Letras Português/Francês do Campus do Oiapoque funciona em seis dias letivos semanais (segunda-feira à sábado). A carga horária total é de 3.780 (três mil setecentos e oitenta) horas aulas ou 3.150 (três mil cento e cinquenta) horas de relógio, distribuídas em nove semestres ou quatro anos e meio. Sua estrutura curricular propõe uma estreita relação entre disciplinas teóricas e disciplinas práticas e encontra-se assim organizada:

- (i) 2.460 (duas mil, quatrocentos e sessenta) horas de conteúdos curriculares científico-culturais (eixos de formação básica e específica);
- (ii) 240 (duzentas e quarenta) horas de disciplinas pedagógicas (eixo de formação pedagógica)

- (iii) 405 (quatrocentas e cinco) horas de prática como componente curricular, vivenciadas ao longo do curso;
- (iv) 405 (quatrocentas e cinco) horas de estágio curricular supervisionado* a partir da segunda metade do curso;
- (v) 210 (duzentas) horas para outras formas de atividades complementares
- (v) 60 (sessenta) horas de disciplinas optativas e/ou módulos livres.

6 ORGANIZAÇÃO CURRICULAR DO CURSO

6.1 Objetivos

O Curso de Licenciatura em Língua Portuguesa e Língua Francesa e suas respectivas literaturas visa formar o licenciado em Língua Portuguesa e Língua Francesa e suas Literaturas de acordo com o contexto e necessidades locais e com o objetivo de atuação teórico-prática sob a realidade regional.

O curso preserva a natureza pluridimensional do ensino público superior e possui três áreas de concentração: (1) Estudos Linguísticos em Língua Portuguesa e em línguas estrangeiras modernas, precisamente, o FLE; (2) Estudos Literários em Língua Materna (LM) e em Língua Estrangeira (LE) ou Francês Língua Estrangeira (FLE); (3) Didática das Línguas e Literaturas. Defende a articulação entre as diferentes áreas do conhecimento que compõem a grade curricular do curso e entre o ensino, pesquisa e extensão, condições para a instalação e manutenção de uma universidade autônoma. Ao considerar a formação do licenciado, a organização curricular do curso volta-se igualmente para a dimensão pedagógica.

O projeto ora apresentado tenta, enfim, encontrar as formas mais adequadas para dar vida à proposta pedagógica autorizada pela Resolução CONSU/UNIFAP nº 20/2008 e seus objetivos podem ser assim sistematizados:

I. Formar profissionais que atuem com coerência nas áreas de Linguística, Literatura e Didática das línguas e das literaturas;

II. apresentar as contribuições fundamentais sobre o ensino da gramática e as concepções contemporâneas da LM e LE, particularmente o FLE, e de seu ensino;

III. mediar a aprendizagem e a operacionalização dos conceitos fundamentais da Linguística, Literatura e Didáticas das línguas;

* Aos alunos que já exerçam atividade docente regular na educação básica, será garantida uma redução de 50% na carga horária total do estágio, respeitando-se as especificidades do curso.

IV. permitir ao aluno a utilização adequada das variedades da LM e do FLE em situações de comunicação;

V. proporcionar uma reflexão sobre o ensino da LM e do FLE no processo de comunicação;

VI. discutir práticas pedagógicas no ensino/aprendizagem da LM (língua e literaturas de língua portuguesa, inclusa a literatura amapaense) e do FLE (língua francesa e literaturas francesa e francófonas);

VII. proporcionar uma reflexão associada da literatura (em língua portuguesa e francesa), da língua (portuguesa e francesa) e do contexto histórico e social em que esses discursos foram e são produzidos;

VIII. mediar o processo de aquisição e produção de conhecimento e sua relação com as diferentes fontes de informação e recursos tecnológicos;

XII. incentivar o aluno à pesquisa e ao intercâmbio linguístico e cultural com outros falantes nativos de língua francesa.

6.2 Competências e Habilidades

O curso de Letras Português/Francês oferece meios para desenvolver e/ou aprimorar as seguintes competências e habilidades:

I. Reconhecimento dos diferentes gêneros discursivos, tipos de texto e intenções comunicativas neles veiculadas;

IV. compreensão e produção de enunciados e textos de tipos variados: sua estrutura, organização e significado;

II. domínio teórico e descritivo dos componentes fonológico, morfossintático, lexical, semântico e pragmático da LM;

III. análise, descrição e explicação diacrônica e sincrônica da estrutura e do funcionamento da LM;

IV. conhecimento de diferentes noções de gramática e reconhecimento das variedades linguísticas, dos níveis e registros existentes na LM e no FLE;

V. domínio ativo e crítico de um repertório representativo da literatura luso-brasileira, amapaense e das literaturas francesa e francófonas;

VI. reconhecimento da importância do fenômeno literário para as práticas de constituição do sujeito;

VII. compreensão da obra literária e capacidade de discutir as vertentes canônicas e contemporâneas da História da Literatura e Teoria da Literatura;

VIII. relação dos textos literários com as concepções dominantes da cultura do período em que foi escrito e com os problemas e concepções do presente;

IX. articulação de teorias da leitura com o estudo do texto literário em contexto escolar;

X. compreensão oral (CO), compreensão escrita (CE), expressão oral (EO), expressão escrita (EE) em FLE;

XI. formação para o ensino e a pesquisa em FLE;

XII. desenvolvimento de uma visão crítico-reflexiva sobre diferentes perspectivas teóricas do ensino/aprendizagem do FLE;

XIII. autoavaliação e avaliação;

XIV. aptidão para o exercício profissional associado à utilização de novas Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC);

XV. reflexão sobre as concepções de literatura das práticas escolares;

XVI. conhecimento dos conteúdos pedagógicos teóricos e práticos para o ensino/aprendizagem da LM e do FLE;

XVII. reconhecimento da distinção entre conteúdos científicos e conteúdos passíveis de didatização e transposição para a sala de aula;

XVIII. elaboração de sequências didáticas em língua materna e estrangeira, em literatura luso-brasileira, amapaense e em literatura de língua francesa;

XIX. autonomia na busca de formação continuada após o período de formação inicial;

XX. avaliação e autoavaliação do processo de ensino-aprendizagem da LM e do FLE quando em exercício pedagógico.

6.3 Perfil do formando/egresso

O licenciando em Letras deve capacitar-se para observação e compreensão da realidade social; formar-se para ensinar, estudar e pesquisar a LM e a LE. O licenciando em Francês língua estrangeira (FLE) deve capacitar-se para o domínio da língua francesa e das literaturas francesa e francófonas; formar-se para ensinar, estudar e pesquisar as referidas áreas em suas quatro habilidades (ouvir, falar, ler, escrever) bem como suas heterogeneidades.

Propõe-se igualmente que o discente conheça línguas indígenas existentes no estado e as variantes da Língua Brasileira de Sinais e da Língua Portuguesa no Amapá.

É necessário que, ao participar do mercado de trabalho, crie mecanismos dinâmicos de transmissão do conhecimento e atenda às especificidades do processo de ensino-aprendizagem em LM e FLE e de suas literaturas. Que seja capaz de produzir, compreender e analisar textos orais, textos literários e não-literários, habilitando-se para estimular o raciocínio lógico e a criticidade. Pode, ainda, investigar e apresentar dados sobre a realidade linguístico-literária amapaense.

Essa formação envolve o domínio de recursos materiais e tecnológicos, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade como subsídios para a pesquisa e para a ampliação do conhecimento.

O licenciado em Letras Português/Francês estará apto a lecionar Língua Portuguesa e Francesa e suas respectivas literaturas nos diferentes níveis de ensino. Poderá atuar em campos fora do magistério como revisor de textos científicos e jornalísticos, além de prestar assessorias a diversas áreas que trabalhem com a linguagem.

6.4 Estrutura e Matriz do curso

6.4.1 Relação entre currículo e concepção de língua adotada

Entender o currículo do Curso de língua portuguesa e língua francesa e suas respectivas literaturas, seus estudos e prática docente, é procurar caminhos para que se efetivem “o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (art. 2º - LDBEN/96).

A concepção de currículo do curso está, nesse sentido, intimamente vinculada à noção de língua adotada. Nesse sentido, a língua não é um objeto abstrato ideal. Não é vista como um sistema homogêneo, no qual o signo é tratado como um sinal inerte e que, portanto, segundo o paradigma estruturalista firmado na teoria do signo linguístico de Saussure, tem um caráter neutro e estável. Sob uma ótica, assim neutralizante, língua e homem, doravante sujeito, parecem estar dicotomicamente afastados um do outro.

Em contrapartida, concebemos a língua como signo mutável, ideológico. A língua, sob esse prisma, não pode ser senão constitutivamente heterogênea. Assim, ela é “de natureza social, portanto ideológica. Ela não existe fora de um contexto social já que cada

locutor tem um 'horizonte social'. Há sempre um interlocutor, ao menos potencial” (BAKHTIN, 1997, p. 16) ³.

Conteúdos de natureza filosófica, histórica e sociológica servem de base para a compreensão do significado social e cultural das linguagens, pois por apresentarem caráter interdisciplinar permitem entender a língua em sua relação/construção com a ideologia.

Assim, o contexto histórico-social, os locutores, o lugar de onde falam, a imagem que fazem de si e do outro e do referente (BRANDÃO, 1991, p. 86) ⁴ determinam, pelo discurso, a veiculação de saberes e dizeres que permitem determinados sentidos e ocultam outros.

Podemos dizer que,

“(...) os sentidos não existem por si mesmos (as evidências não são senão efeitos), mas a partir de posições de classes em jogo no processo sócio-histórico-ideológico em que as palavras são produzidas; os sentidos só podem ser possíveis a partir de sua inscrição em determinada formação discursiva. As palavras, expressões ou proposições mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam.” (NASCIMENTO-ZONI, 2001, p. 30)⁵

O sujeito, ao selecionar o que diz ao seu locutor potencial ou real, tem a ilusão (também chamada ilusão referencial) de que há uma relação direta entre linguagem, pensamento e mundo. Essa ilusão que alguns sujeitos tentam apagar com vistas à fabricação de um discurso homogeneizante, portanto naturalizando-o, é que tenta fechar o sentido, limitar o dizer. Segundo BAKHTIN (1997, p. 47) ⁶,

“a classe dominante tende a conferir ao signo ideológico [portanto ao discurso, posto que vê o signo como enunciação] um caráter intangível e acima das diferenças de classe, a fim de abafar ou de ocultar a luta dos índices sociais de valor que aí se trava, a fim de tornar o signo monovalente.”

É essa luta entre a heterogeneidade constitutiva da língua e a fabricação de um discurso com vistas à sua homogeneização que acaba por se refletir nos discursos veiculados pela/na escola.

³ BAKHTIN, M. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 7ª ed. SP: Hucitec, 1995.

⁴ BRANDÃO, H. *Introdução à Análise do Discurso*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1991.

⁵ ZONI-NASCIMENTO, M. *Os discursos educacional e pedagógico da avaliação emancipatória: conflitos e contrapontos*. Dissertação de Mestrado. Campinas, SP: UNICAMP, 2001.

⁶ BAKHTIN, M. Op. cit.

Como instituição formal de ensino e historicamente construída para atender a expectativas de uma classe em detrimento de outras, a escola, tradicionalmente, tem legitimado e reconhecido apenas uma das variantes da língua (a dita variante culta, padrão) e a concebe como a única variante: a variante ideal. Desta feita, tudo o que foge ao imaginário do padrão é visto como errado. O diferente, por ser outra manifestação da língua, acaba por ser considerado como deficiente.

Nesse imaginário de língua una, ideal, a escola constrói seus currículos, ratificando o ensino massivo, quando não único, da gramática normativa. Assim, as aulas de língua acabam por se transformar em aulas de regras do que se deve e não se deve fazer com vistas a determinada escritura. Dizemos escritura, pois temos percebido que, não raras vezes, a escola ignora a modalidade oral da língua, sem, no entanto, pensar e fazer o aluno pensar em que gênero textual e para quem se deve escrever e falar em contextos determinados. Assim, fazemos nossas as palavras de Naiff-Rodrigues (2001, p. 44-45)⁷, quando afirma que:

“Não podemos deixar de reconhecer a importância da modalidade escrita da língua em uma sociedade letrada [importância como bem cultural desejável] como a nossa. Todavia não podemos vê-la como superior à oralidade já que ambas, como já dissemos anteriormente, são práticas sociais. E, embora a escrita e a oralidade sejam modalidades de naturezas e funções distintas uma da outra, elas compartilham das mesmas condições de intersubjetividade que constituem a linguagem.”

Logo, no contexto escolar (seria melhor dizermos nessa falta de visibilidade de contextos específicos e fins específicos), as aulas de língua são vistas como aulas de gramática do português escrito. Então, não é de se estranhar que o aluno pense que língua e literatura são duas disciplinas diferentes, pois a escola assim o faz parecer. A literatura acaba se tornando, na escola, o momento de catarse, de lazer e não de trabalho de análise sobre a literatura e a língua. Analisar a literatura é um trabalho que, segundo Nascimento (2001, p. 45)⁸,

“(...) exige do leitor experiência, habilidades e conhecimentos de mundo, de língua e de texto, a fim de que ele possa, durante o processo de interação [autor/texto/leitor], projetar algo de si mesmo na construção de

⁷ NAIFF-RODRIGUES, M. *A heterogeneidade presente na produção escrita de professores do interior do Estado do Amapá: um olhar para a concordância e para a ortografia*. Dissertação de Mestrado. Campinas: SP: UNICAMP, 2001.

⁸ NASCIMENTO, R. *A prática de leitura literária no curso de Letras da Universidade Federal do Amapá: algumas reflexões*. Dissertação de Mestrado. Campinas: SP: UNICAMP, 2001.

um sentido para o texto e, ao mesmo tempo, buscar no outro a descoberta do seu próprio ser.”

Por que, então, parece-nos que, na escola, pensar a literatura não é pensar a língua, não é analisá-la como uma de suas manifestações, não é tentar (tudo acaba sendo, senão, tentativa) reconstruir os fios do discurso, o acontecimento histórico, em que tais autores (inscritos em formações discursivas) determinaram o seu dizer; permitiram sentidos e ocultaram outros?

Assim, cremos que o quadro de disciplinas pedagógicas, ao lado da prática curricular e do estágio supervisionado, complementam (e por que não dizer, ‘interdisciplinarizam’?) a formação de saberes necessária para que o aluno saiba escolher que caminhos percorrer, seja em sua formação acadêmica com vistas à continuação de seus estudos em nível pós-graduado, seja em sua prática docente como professor da Educação Básica. Destarte, o aluno do curso de licenciatura em letras dos campi da UNIFAP, em sua complementação curricular, tem um rol de disciplinas que o instrumentaliza a conhecer a língua em sua relação com a ideologia, o sujeito que a desconstrói e a escola que a legitima. Permite fazê-lo saber que escola temos e que escola queremos.

Por outro lado, ressaltamos que o currículo no ensino superior será tanto mais consequente quanto mais garantir a articulação entre as atividades de ensino e pesquisa, tarefa que, ao contrário do que se tenta fazer crer, não é fácil de ser executada. A partir de seus estudos, Bernardo (1989) apud Franco (2010) afirma que:

“O tema da indissociabilidade entre o ensino e a pesquisa que, como sabemos, é considerado como um verdadeiro mito, por outros é considerado como a razão de ser e a forma de sobrevivência mesma da universidade (...). Creio que o fato verdadeiro de o ensino e a pesquisa serem colocados de maneira obrigatória, como estão postos, acabaram por transformar todos os professores em professores pesquisadores, indivíduos que não conseguiram resolver em sua própria existência, essa associação forçada entre duas atividades distintas, que exigem ritmos de trabalho e condutas bastante diferenciadas.” (Bernardo, 1989, p. 36)⁹

O autor demonstra que a organização curricular no ensino superior pautada na tríade ensino-pesquisa-extensão exige preparação. Parece ser consenso a ideia de que o currículo e consequente atividade docente e discente não devam ser centrados apenas no

⁹ FRANCO, Alexandre de Paula. Organização do trabalho pedagógico no ensino superior. In: alternativas e desafios para o trabalho educativo. Revista de Formación e Innovación Educativa Universitaria. Vol. 3, Nº 1, 21-32 (2010).

ensino, correndo o risco de se tornarem vagos, embora seja muito raro nos depararmos com um cenário no qual as universidades dão ênfase à pesquisa e ao ensino simultaneamente.

Essa mesma concepção de língua como signo ideológico ou discurso direciona o ensino/aprendizagem do FLE, visto que aprender uma língua estrangeira não é apenas manipular as estruturas linguísticas, mas implica um ensino voltado para as necessidades sociocomunicativas do sujeito ideológico. Esse ensino deve estar intrinsecamente ligado à aprendizagem da cultura da língua em questão. Segundo Porcher (2004)¹⁰, ao se ensinar uma língua estrangeira, não se deve deixar de lado a cultura, pois através dela o conhecimento apreendido passa a ser mais concreto e real.

O ensino dessa língua, isto é, de seus aspectos linguísticos, culturais, cognitivos e socioafetivos, permite que o indivíduo desenvolva habilidades e competências tanto cognitivas quanto afetivas que irão ajudá-lo a agir discursivamente na sociedade, interagindo de forma eficaz, criativa e crítica, no âmbito pessoal ou profissional. Nessa perspectiva, o ensino de línguas estrangeiras é sem dúvida “uma possibilidade de aumentar a autopercepção do aluno como ser humano e como cidadão” (PCN, 1998, p.15).

Portanto, o conhecimento de uma só língua estrangeira, mesmo que ela seja de reconhecida utilidade, está longe de satisfazer as medidas e os princípios legais europeus que defendem a possibilidade de conceder a todos os cidadãos a aquisição da aptidão para comunicar com pessoas de outras línguas maternas a fim de desenvolver a abertura do espírito, de facilitar a livre circulação das pessoas e as trocas de informações e de melhorar a cooperação internacional. Em suma, o monolingüismo não permite aos aprendizes aprender a respeitar os modos de vida dos outros e a viver num mundo intercultural, não responde assim às exigências crescentes de uma compreensão e de uma comunicação internacional.

Nesse mesmo sentido apontam as propostas de atuação apresentadas pelo Conselho da Europa (2001, p. 9)¹¹, que enfatizam a necessidade de a escola promover

¹⁰ PORCHER, Louis. *L'enseignement des langues étrangères*. Paris : Hachette, 2004.

¹¹ O *Cadre européen commun de référence* (2000) oferece uma base comum para a elaboração de programas de línguas vivas, níveis de referências, testes e manuais na Europa. Descreve a língua conforme critérios comunicativos, enumera saberes e habilidades para uma comunicação eficaz em língua estrangeira e define níveis de competências para avaliação do estudante em fases distintas da aprendizagem. Serve de base para a elaboração de manuais do ensino/aprendizagem do FLE em todo o mundo (CONSEIL DE LA COOPÉRATION CULTURELLE, *Cadre européen commun de référence*, Paris, Conseil de l'Europe/Didier, 2000, p. 9).

nos que a frequentam uma competência plurilíngue e pluricultural, entendida como uma competência

“complexa, mas una, resultado do desenvolvimento simultâneo, em graus diferentes, da competência global de comunicação em várias línguas e da experiência em culturas diversificadas. Esta competência permite que cada indivíduo, enquanto ator social, possa interagir linguística e culturalmente em diversos contextos linguísticos.”

Apenas assim falantes de língua estrangeira são capazes de dar uma resposta de qualidade aos desafios da mobilidade e do diálogo entre culturas que a Europa de hoje lhes faz.

O conceito de competência plurilíngue e pluricultural tende a:

- Afastar-se da suposta dicotomia equilibrada entre o par habitual L1/L2 e acentuar o plurilinguismo, do qual o bilinguismo é considerado apenas um caso particular;
- considerar que um indivíduo não possui uma gama de competências distintas e separadas para comunicar consoante as línguas que conhece, mas, sim, uma competência plurilíngue e pluricultural, que engloba o conjunto do repertório linguístico de que dispõe;
- acentuar as dimensões pluriculturais desta competência múltipla, sem estabelecer uma ligação necessária entre o desenvolvimento e capacidades de relacionamento com outras culturas e o desenvolvimento da proficiência de comunicação em língua.

Em suma, quanto mais línguas vivas um indivíduo tiver aprendido, mais apto estará a aprender nomeadamente outras línguas, mais capaz será de se conhecer e conhecer os outros, de se respeitar e respeitar os outros. Este lado formativo, em termos amplos, da aprendizagem das línguas realça, de modo particular, o interesse na aposta de um mundo plurilíngue e pluricultural.

Sem negligenciar os desafios aos quais os cursos de Letras de Língua Portuguesa e Estrangeira da UNIFAP estão expostos, o currículo do Curso de Letras Português/Francês Campus do Oiapoque toma por base as concepções de língua expostas acima para organizar seu percurso acadêmico.

6.4.2 Organização Curricular por Eixos

A integralização da matriz curricular está organizada em um mínimo de nove períodos, assim distribuídos:

- I – 1110 horas de Conhecimentos Básicos;
- II – 1350 horas de Conhecimentos Específicos;
- III – 240 horas de Conhecimentos Pedagógicos;
- IV – 405 horas de Estágio Supervisionado;
- V – 405 horas de Prática como Componente Curricular;
- VI – 210 horas de Atividades Complementares;
- VII – 60 horas de disciplina optativa.

São considerados Conhecimentos Básicos os que articulam os estudos linguísticos, os de natureza histórica e humanística e os estudos sobre métodos e técnicas de pesquisa comuns a todos os cursos de Letras da Unifap;

São considerados Conhecimentos Específicos os que envolvem o conhecimento teórico e aplicado do Francês e do Português e suas respectivas literaturas;

São Conhecimentos Pedagógicos aqueles que dizem respeito ao leque de disciplinas que preparam o egresso para a docência.

A grade abaixo apresenta as disciplinas organizadas em um dos seis eixos da formação das licenciaturas:

COD.	DISCIPLINA	Carga Horária	Créditos
	EIXO DE FORMAÇÃO BÁSICA		
	Introdução aos Estudos Linguísticos	60	04
	Fonética e Fonologia	60	04
	Morfologia	60	04
	Sintaxe	60	04
	Semântica e Pragmática	60	04
	Psicolinguística	60	04
	Sociolinguística	60	04
	Introdução à Sociologia	60	04
	Introdução à Filosofia	60	04
	Língua Latina I	60	04

	Língua Latina II	60	04
	Linguística Românica	60	04
	Teoria da Literatura I	60	04
	Teoria da Literatura II	60	04
	Literatura Infanto-juvenil	60	04
	Libras	60	04
	Reflexões étnico-raciais	60	04
	Tópicos de Pesquisa	30	02
	TCC I	30	02
	TCC II	30	02
	Total do Eixo	1110	74

COD.	DISCIPLINA	Carga Horária	Créditos
	EIXO DE FORMAÇÃO ESPECÍFICA		
	Língua francesa I	90	06
	Língua francesa II	90	06
	Língua francesa III	90	06
	Língua francesa IV	90	06
	Língua francesa V	90	06
	Língua francesa VI	90	06
	Língua francesa VII	90	06
	Literaturas francesa e francófonas I	60	04
	Literaturas francesa e francófonas II	60	04
	Literaturas francesa e francófonas III	60	04
	Literaturas francesa e francófonas IV	60	04
	Leitura e Produção de Textos I	60	04
	Leitura e Produção de Textos II	60	04
	Literatura Portuguesa do Período Medieval	60	04
	Literatura Portuguesa Clássica	60	04
	Literatura Portuguesa Moderna e Contemporânea	60	04
	Literatura Brasileira I	60	04
	Literatura Brasileira II	60	04
	Literatura Brasileira III	60	04
	Total do Eixo	1350	90

COD.	DISCIPLINA	Carga Horária	Créditos
	EIXO DE FORMAÇÃO PEDAGÓGICA		
	Didática Geral	60	04
	Legislação e Política Educacional Brasileira	60	04
	Psicologia da Educação	60	04
	Pessoa com Necessidade Educacional Especial (PNEE)	60	04
	Total do Eixo	240	16

COD.	DISCIPLINA	Carga Horária	Créditos
	PRÁTICA COMO COMPONENTE CURRICULAR		
	Didática da Língua Materna I	75	05
	Didática da Língua Materna II	75	05
	Didática da Língua Materna III	75	05
	Didática do FLE I	90	06
	Didática do FLE II	90	06
	Total do Eixo	405	27

COD.	DISCIPLINA	Carga Horária	Créditos
	ESTÁGIO SUPERVISIONADO		
	Estágio em Língua Materna I	105	07
	Estágio em Língua Materna II	105	07
	Estágio em FLE I	105	07
	Estágio em FLE II	90	06
	Total do Eixo	405	27

COD.	DISCIPLINA	Carga Horária	Créditos
	OPTATIVAS E/OU MÓDULO LIVRE*	60	04
	Optativa I: Literatura Amapaense	60	04
	Optativa II: Português como Língua Estrangeira (PLE)	60	04
	Optativa III: Língua oral como objeto de ensino	60	04
	Optativa IV: Tópicos em fonética do francês	60	04
	Optativa V: Prática de análise de materiais pedagógicos em FLE	60	04

*O acadêmico deverá escolher obrigatoriamente um disciplina optativa dentre as ofertadas pelo curso.

Código	Disciplina	Créditos	Carga Horária
	Atividades Complementares (AC)	--	210

QUADRO RESUMO DA CARGA HORÁRIA TOTAL DO CURSO

EIXO DE FORMAÇÃO	HORA/AULA	HORA/RELÓGIO
BÁSICA	1110	925
ESPECÍFICA	1350	1125
PEDAGÓGICA	240	200
PRÁTICA COMO COMPONENTE CURRICULAR	405	337,5
ESTÁGIO SUPERVISIONADO	405	337,5
DISCIPLINA OPTATIVA	60	50
ATIVIDADES COMPLEMENTARES	210	175
TOTAL	3.780	3.150

A temática “Políticas de educação ambiental”, conforme a Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999 e o Decreto nº 4.281 de 25 de junho de 2002, será integrada às disciplinas e projetos do curso de modo transversal, contínuo e permanente. O encerramento do curso ocorrerá necessariamente após o credenciamento das Atividades Complementares (AC) que contabilizam 210 horas aulas; a defesa do Trabalho de Conclusão de Curso; a participação no Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (ENADE), componente curricular do curso; a solenidade de Colação de Grau.

6.4.3 Organização curricular por semestre

1º SEMESTRE

Código	Disciplina	Créditos	Carga horária em hora aula
	Leitura e Produção de Textos I	04	60
	Teoria da Literatura I	04	60
	Introdução aos Estudos Linguísticos	04	60
	Língua Latina I	04	60
	Introdução à Filosofia	04	60
	Introdução à Sociologia	04	60
	Libras	04	60
TOTAL	07	28	420

2º SEMESTRE

Código	Disciplina	Créditos	Carga Horária
	Leitura e Produção de Textos II	04	60
	Teoria da Literatura II	04	60
	Fonética e Fonologia	04	60
	Língua Latina II	04	60
	Didática geral	04	60
	Didática da Língua Materna I	05	75
	Língua francesa I	06	90
TOTAL	07	31	465

3º SEMESTRE

Código	Disciplina	Créditos	Carga Horária
	Morfologia	04	60
	Literatura portuguesa do período medieval	04	60
	Linguística Românica	04	60
	Literatura Infanto-Juvenil	04	60
	Legislação e política educacional brasileira	04	60
	Didática da Língua Materna II	05	75
	Língua Francesa II	06	90
TOTAL	07	31	465

4º SEMESTRE

Código	Disciplina	Créditos	Carga Horária
	Reflexões étnico-raciais	04	60
	Sintaxe	04	60
	Literatura Portuguesa Clássica	04	60
	Literatura Brasileira I	04	60
	Psicologia da Educação	04	60
	Didática da Língua Materna III	05	75
	Língua Francesa III	06	90
TOTAL	07	31	465

5º SEMESTRE

Código	Disciplina	Créditos	Carga Horária
	Tópicos de Pesquisa	02	30
	Sociolinguística	04	60
	Literatura Portuguesa Moderna e Contemporânea	04	60
	Literatura Brasileira II	04	60
	Literaturas francesa e francófonas I	04	60
	Língua Francesa IV	06	75
	Estágio em Língua Materna I	07	105
TOTAL	07	31	450

6º SEMESTRE

Código	Disciplina	Créditos	Carga Horária
	Semântica e Pragmática	04	60
	Literatura Brasileira III	04	60
	Literaturas francesa e francófonas II	04	60
	Língua francesa V	06	90
	Didática do FLE I	06	90
	Estágio em Língua Materna II	07	105
TOTAL	06	31	465

7º SEMESTRE

Código	Disciplina	Créditos	Carga Horária
	TCC I	02	30
	Psicolinguística	04	60
	Literaturas francesa e francófonas III	04	60
	Língua francesa VI	06	90
	Didática do FLE II	06	90
	Estágio em FLE I	09	105
TOTAL	07	31	435

8º SEMESTRE

Código	Disciplina	Créditos	Carga Horária
	TCC II	02	30
	PNEE	04	60
	Literaturas francesa e francófonas IV	04	60

	Língua Francesa VII	06	90
	Estágio em FLE II	07	105
TOTAL	05	23	345

Código	Disciplina	Créditos	Carga Horária
	Atividades Complementares (AC)	--	210

6.5 Fluxograma

INTEGRALIZAÇÃO CURRICULAR	Disciplinas Teóricas	Disciplinas Pedagógicas	Prática Curricular	Estágio	Disciplinas Optativas e/ou Módulos Livres	AC	TOTAL
CARGA HORÁRIA	2460	240	405	405	60	210	3780

1º semestre	2º semestre	3º semestre	4º semestre	5º semestre	6º semestre	7º semestre	8º semestre
Leitura e Produção de Texto I 60	Leitura e Produção de Texto II 60	Morfologia 60	Reflexões étnico-raciais 60	Tópicos de Pesquisa 30	Semântica e Pragmática 60	TCC I 30	TCC II 30
Teoria da Literatura I 60	Teoria da Literatura II 60	Linguística Românica 60	Sintaxe 60	Sócio linguística 60	Literatura Brasileira III 60	Psico linguística 60	Literatura Francesa Francófonas IV 60
Introdução aos Estudos Linguísticos 60	Fonética e Fonologia 60	Literatura portuguesa período medieval 60	Literatura Portuguesa Clássica 60	Literatura Portuguesa Moderna Contemporânea 60	Literaturas Francesas Francófona II 60	Literaturas Francesas Francófonas III 60	Língua Francesa VII 90
Língua Latina I 60	Língua Latina II 60	Literatura Infanto-Juvenil 60	Literatura Brasileira I 60	Literatura brasileira II 60	Língua Francesa V 90	Língua francesa VI 90	PNEE 60
Introdução à Filosofia 60	Didática geral 60	Legislação e política educacional brasileira 60	Psicologia da educação 60	Literaturas Francesas Francófonas I 60	Estágio Língua Materna II 105	Estágio em FLE I 105	Estágio em FLE II 105
Introdução à Sociologia 60	Didática da Língua Materna I 75	Didática da Língua Materna II 75	Didática da Língua Materna III 75	Língua Francesa IV 90	Didática do FLE I 90	Didática do FLE II 90	
Libras 60	Língua Francesa I 90	Língua Francesa II 90	Língua Francesa III 90	Estágio em Língua Materna I 105			

6.6 Metodologia de ensino e aprendizagem

As exigências da atualidade levam-nos a repensar as formas tradicionais de ensino/aprendizagem, no que tange ao ensino de Língua e Literatura. Torna-se necessário o uso de metodologias que possibilitem a formação de um profissional crítico e ético, capaz de identificar as determinantes estruturais e sociais mais amplas que condicionam sua prática e as condições materiais de intervenção na realidade escolar. Essa reflexão nos leva a propor uma alternativa metodológica que parte da problemática da realidade com a finalidade de compreendê-la, de construir um conhecimento capaz de modificá-la, de acentuar a capacidade da descoberta e do uso da imaginação, de formar para a participação em grupo, de desenvolver a autonomia e a iniciativa.

O objetivo desta proposta é provocar e criar condições para a atuação no desenvolvimento de uma atitude crítica e comprometida com a ação social. A escolha do método de ensino deve coincidir com a visão de educação e do objeto de ensino e é tão importante quanto o comprometimento dos atores do processo de ensino-aprendizagem com uma modalidade de educação que colabore com a emancipação do homem, através de sua conscientização para a construção de uma sociedade mais digna e justa.

A prática pedagógica assim compreendida não se concentra apenas na sala de aula e nem está restrita às atividades de trabalho pedagógico isolado, mas se expande para o trabalho junto à comunidade. Outro aspecto, diz respeito à quantidade de conteúdos trabalhados, que deve ceder lugar à qualidade das aprendizagens desenvolvidas. Estas aprendizagens serão baseadas nas relações entre teoria e prática, no concreto vivido e não no abstrato longínquo: o exercício da reflexão e da abstração não é de modo nenhum negligenciado, mas associado à *práxis*; ele guia a prática, a ação. Outro suporte desta proposta metodológica é a interdisciplinaridade na condição de perspectiva superadora do conhecimento fragmentado e que se identifica com os temas geradores. A título de exemplo, a temática do meio ambiente, cuja discussão articula os diversos saberes dentro do processo ensino-aprendizagem, deverá ser desenvolvida em forma de projeto interdisciplinar e, portanto, articulado às discussões sobre língua, literatura e suas práticas pedagógicas.

Alguns recursos associados à metodologia e a ser desenvolvidos em sala de aula, em atividades de extensão e projetos de pesquisas são:

I. Projeto de Intervenção: prática pedagógica trabalhada em grupo, baseada em discussões organizadas e sistematizações relacionadas à prática docente. A intervenção

é programada para que o acadêmico possa descobrir os princípios básicos que o levam a pesquisar e sugerir várias alternativas e interpretações possíveis de situações em contexto escolar.

II. *Visitas in loco*: visitas cujo objetivo é proporcionar ao aluno o conhecimento da realidade a ser investigada, introduzi-lo na pesquisa de campo e na prática da observação e coleta de dados e, conseqüentemente, apresentar-lhes meios para complementar os conhecimentos teóricos. Sob a orientação docente, os alunos são levados a investigar, do ponto de vista científico os fenômenos próprios ao contexto educacional. Posteriormente, debates em sala constituem uma tentativa de síntese do que fora pesquisado.

III. Palestras e seminários: discussões realizadas durante o período letivo, por professores convidados ou da própria instituição e que abordam preferencialmente temas relevantes para as três áreas do curso (Língua, linguística e literatura). Em sua quase totalidade, são atividades contabilizadas como horas acadêmicas (AACC).

6.7 Organização da Prática Pedagógica, concepção e composição

As disciplinas de Prática no Curso de Letras foram organizadas e distribuídas conforme a Resolução CNE/CP 2, de 19 de fevereiro de 2002. Elas têm início no 2º semestre do curso e se estendem até o último semestre, com uma carga horária total de 405 (quatrocentas e cinco). À prática de língua materna destinam-se 225 horas aulas distribuídas em três disciplinas de 75 horas aulas: Didática da língua materna I (2º semestre), Didática da língua materna II (3º semestre) e Didática da língua materna III (4º semestre); à prática do Francês Língua Estrangeira, são destinadas 180 horas aulas distribuídas em duas disciplinas de 90 horas aulas: Didática do FLE I (6º semestre) e Didática do FLE II (7º semestre).

A questão central é a organização de um trabalho de articulação sólida, mas flexível, das discussões dos conteúdos teóricos e acadêmicos e das disciplinas de prática de ensino para que a prática seja relacionada ao estágio Supervisionado. Teoria e prática farão um movimento contínuo entre saber e fazer na busca de resoluções de situações próprias de sala de aula em línguas materna e estrangeira (FLE). A Prática terá por foco a didatização dos objetos de ensino, quais sejam: a leitura, a produção de textos orais e escritos, os conhecimentos linguístico-gramaticais em língua materna e estrangeira, as literaturas em língua materna e estrangeira.

6.8 Organização do estágio supervisionado, concepção e composição

De acordo com orientação da Resolução CNE/CP n. 2/2002 e Resolução 02/2010 CONSU/UNIFAP, que regulamenta o Estágio Supervisionado dos cursos de Licenciatura e Bacharelado dos *campi* da UNIFAP, o estágio curricular supervisionado em Curso de Licenciatura, à exceção de Pedagogia, deve totalizar carga horária mínima de 400 (quatrocentas) horas. No Curso de Letras Português/Francês, o estágio inicia no 5º semestre e suas 405 horas-aulas estão assim distribuídas: Estágio em língua materna I (105 horas aulas no 5º semestre), Estágio em Língua materna II (105 horas-aulas no 6º semestre), Estágio em FLE I (105 horas-aulas no 7º semestre), Estágio em FLE II (90 horas-aulas no 8º semestre).

Segundo a resolução n. 02/2010 CONSU/UNIFAP, estágio tem por objetivo favorecer ao acadêmico e futuro professor da educação básica o conhecimento e análise do contexto educacional (campo de estágio), a experiência do fazer pedagógico, a introdução no exercício da profissão. Segundo a referida resolução, o estágio é um modo especial de capacitação em serviço, caracterizado por conjunto de atividades de prática pré-profissional, exercidas pelo acadêmico em ambiente real de trabalho e sob supervisão de um docente. Possibilita a apreensão de informações sobre o mercado de trabalho, desenvolvimento de conhecimentos e habilidades específicas à formação profissional, elaboração de materiais ou sequências didáticas e, ainda, o aperfeiçoamento cultural e de relacionamento humano.

O Estágio poderá ser desenvolvido em instituições privadas e/ou em órgãos da administração pública direta, autárquica e fundacional, de qualquer dos poderes da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios, bem como em escritórios de profissionais liberais, portadores de diploma de nível superior e que estejam devidamente registrados em seus respectivos Conselhos (Resolução n. 02/2010 CONSU/UNIFAP).

6.9 Organização do Trabalho de conclusão de curso, concepção e composição

Segundo a Resolução 11/2008 CONSU/UNIFAP que estabelece as diretrizes para o Trabalho de Conclusão de Curso em nível de Graduação no âmbito dessa instituição, o Trabalho de Conclusão de Curso é compreendido como uma disciplina obrigatória para os cursos de graduação e tem como objetivo prover iniciação em atividades de pesquisa,

viabilizando a relação integradora e transformadora entre os saberes apropriados pelos acadêmicos durante o curso.

No Projeto que aqui se figura toma-se por base o Art. 2º da Resolução 11/2008 maio de 2008 e considera como modalidades de TCC tanto o que reza o item 1 (um) da citada resolução, que trata da modalidade monografia, como do item 2 (dois), que dá abertura para produções diversas. No que diz respeito a essa última, o Colegiado de Letras elegeu o artigo científico como segunda possibilidade de se fazer e apresentar o TCC¹².

Conforme Art. 4º da Resolução 11, o aluno estará apto a matricular-se na disciplina TCC quando tiver concluído pelo menos 50% dos créditos que compõem a matriz curricular do Curso.

O desenvolvimento do TCC ocorrerá em 02 (duas) etapas. A primeira etapa ou TCC I (30 horas) deverá ser realizada a partir do 4º semestre do curso. A disciplina consiste na orientação dos alunos para a redação do Projeto do Trabalho de Conclusão de Curso em uma das linhas de pesquisa constantes no PPC. O projeto deverá ter orientador definido e ser submetido ao exame de qualificação diante de uma banca constituída por três professores previamente escolhidos: o professor orientador e dois outros professores da disciplina ou de disciplina afim ao projeto (Língua Portuguesa, Língua Latina, Lingüística, Teoria Literária, Literatura Brasileira e Literatura Portuguesa, Língua, Literaturas Francesas e Francófonas, disciplinas do tronco das ciências sócias e humanas).

A segunda etapa ou TCC II (30 horas) consiste na redação do Trabalho de conclusão de curso propriamente dito, na modalidade Monografia ou artigo científico, e deverá ser defendido no 9º semestre do curso. O graduando entregará sua monografia ou artigo e, em data marcada pela Coordenação de Curso, fará a defesa pública diante de uma banca formada por 03 (três) professores: o orientador e outros 02 (dois) indicados pelo orientador.

6.10 Organização das Atividades Complementares, concepção e composição

As 210 (duzentas) horas de atividades extracurriculares serão desenvolvidas através de:

¹² Conforme resolução interna do Colegiado que normativa essa modalidade.

I. Seminários que abordem temas relacionados às linhas de pesquisa do curso, com o objetivo de proporcionar aos graduandos contato direto com especialistas da área, visando a troca de experiências e atualização de conhecimentos.

II. Minicursos que proporcionem aos graduandos e professores a oportunidade de analisar, de maneira crítica, conteúdos relacionados ao curso, bem como esclarecer dúvidas e atualizar conhecimentos.

III. Oficinas que apresentem novas estratégias de ensino/aprendizagem em Língua portuguesa e FLE.

IV. Eventos que produzam, resgatem e difundam atividades artísticas e culturais relativas às áreas de concentração do curso.

6.11 Acompanhamento e avaliação

6.11.1 Do projeto pedagógico

Originalmente, a redação deste Projeto Pedagógico tentou compilar possibilidades plausíveis de respostas aos seguintes questionamentos: qual o perfil do profissional a ser formado para atuação no mercado de trabalho do ensino de Línguas e Literaturas? Em que consiste a formação inicial e continuada de professores? Sua redação segue, igualmente, um conjunto de princípios que caracterizam sua identidade e expressam sua missão, quais sejam:

- I. Redação e reelaboração coletiva e continuada do projeto de curso;
- II. interação recíproca com a sociedade, reafirmando o compromisso como agente fundamental da formação profissional e social;
- III. investimento na qualidade de ensino da graduação, entendida como um processo permanente;
- IV. integração entre ensino, pesquisa e extensão;
- V. promoção da unidade entre a teoria e a prática;
- VI. incorporação de professores e alunos em atividades de pesquisa em iniciação científica;
- VII. observação e análise crítica das diretrizes curriculares nacionais e das orientações do MEC para funcionamento do curso;
- VIII. Autoavaliação do curso feita por alunos e professores anualmente a fim de se medir o andamento do curso;

IX. Construção de um Relatório Anual para conhecimento da comunidade acadêmica, sobretudo dos envolvidos no curso de Licenciatura em Letras Português/Francês e suas Literaturas do campus Binacional do Oiapoque.

A discussão dos parâmetros que regiram a elaboração deste PPC bem como o acompanhamento, a avaliação e a sua reformulação progressiva pelo colegiado de Letras Português/Francês Oiapoque foi condição necessária para sua redação inicial, que não se quer conclusiva nem exaustiva. O Colegiado de Letras Português/Francês do Campus do Oiapoque está em formação e competirá a ele avaliar a aplicabilidade do projeto ora apresentado, isto é, aferir em que medida ele está ou não sendo viável, quais seus pontos fortes e limitações, o que está ou não sendo posto em prática.

6.11.2 Do Processo de ensino/aprendizagem

Ao pensarmos em avaliação três perguntas primordiais vêm à mente: avaliar o quê? Avaliar com qual objetivo? Avaliar mediante quais instrumentos? Essas perguntas balizam um possível caminho a ser traçado para o mecanismo de avaliação interna do curso de letras. Falamos de um *possível caminho* visto que em se tratando de avaliação nada é definitivo, pois que ela não é concebida como um fim, mas como um instrumento de aferição de resultados que pretendemos alcançar ao longo do processo de implantação do novo Projeto político pedagógico.

Assim, no que concerne a primeira pergunta, pretendemos (i) avaliar os professores, mediante o resultado de seus projetos de pesquisa, suas publicações, desempenho acadêmico junto aos docentes e participação em atividades administrativas, tais como reuniões pedagógicas e reuniões de Colegiado; (ii) avaliar os alunos, mediante relatórios dos professores da disciplina Tópicos de Pesquisa e os professores de Pesquisa das áreas de Linguística e Literatura, avaliá-los em seus desempenhos acadêmicos junto aos docentes e participação em atividades administrativas, no caso do representante de turma; (iii) avaliar a disciplina e os procedimentos didáticos e pedagógicos nela aplicados mediante uma ficha de avaliação redigida pelos membros do colegiado e a ser respondida pelos discentes. Essas avaliações são processuais e seus instrumentos são ajustáveis e modificáveis.

Quanto à segunda pergunta, podemos dizer que o objetivo de se ter uma avaliação interna não é outro senão o de se detectar falhas na implantação, execução e

viabilidade do Projeto político pedagógico, visto que, a partir de sua implantação, os docentes do curso de Língua Portuguesa e Língua Francesa e suas respectivas literaturas devem estar afinados com as linhas de pesquisa, disciplinas teóricas, práticas, atividades extracurriculares e orientações de TCCs propostas e que se acredita serem as melhores para atender às demandas atuais do grupo social local. Esse objetivo liga-se, por sua vez, ao princípio de base da universidade do ensino-pesquisa-extensão.

Por fim, quanto a terceira e última pergunta, acreditamos que não há melhor instrumento de avaliação que a observação contínua e sistemática da prática seja do docente, seja do discente. Isto implica dizer que devemos estar abertos, por mais difícil que nos pareça a princípio – avaliar e avaliar-se é sempre uma questão de treino –, a receber críticas conscientes, inteligentes e construtivas.

O regimento Geral da UNIFAP de 1991¹³, no que respeita a avaliação e frequência, determina que o aproveitamento por disciplina incida sobre a frequência, independentemente dos demais resultados obtidos. Serão considerados reprovados na disciplina os alunos que não obtenham frequência mínima de setenta e cinco por cento (75%) das aulas e demais atividades programadas.

Avaliações formais complementam esta primeira. São previstas, *a priori*, duas avaliações parciais e uma final. Cada avaliação soma 10 pontos. Os pontos resultados da divisão das duas parciais são somados aos pontos da avaliação final e posteriormente divididos por dois. A somatória é assegurada pelo registro das notas na plataforma do Sistema de Gestão Integrada da UNIFAP (SIGU). A forma como são realizadas cada uma dessas avaliações e o número de avaliações parciais depende da peculiaridade das disciplinas e ficará ao encargo do professor responsável. Algumas modalidades de avaliação passíveis de serem aplicadas no curso de Letras são: exame escrito, exame oral, seminários, portfólios, debates, mesa redonda, escritura de artigo, resenhas, confecção de material didático, relatos de experiência, resumos e produção científica em geral.

Finalmente, o Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (ENADE), considerado como um componente curricular do curso, é uma modalidade de avaliação institucional e governamental. A Lei nº 10.861, de 14 de abril de 2004, cria o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (SINAES) e a Portaria Normativa nº 6, de 14 de março de 2012, regulamenta o Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes

¹³ O processo da Assembleia Estatuinte que tem como fim reestruturar o Regimento Geral e Estatuto da UNIFAP está em curso desde março de 2013.

(ENADE). O ENADE é um procedimento de avaliação do SINAES realizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), uma autarquia vinculada ao Ministério da Educação. Tal como apresentado na Página virtual do Ministério da Educação (MEC), o ENADE tem por objetivo acompanhar o processo de aprendizagem e o desempenho acadêmico dos estudantes em relação aos conteúdos programáticos previstos nas diretrizes curriculares do respectivo curso de graduação, as habilidades para ajustamento às exigências decorrentes da evolução do conhecimento e às competências para compreender temas exteriores ao âmbito específico de sua profissão, ligados à realidade brasileira e mundial e a outras áreas do conhecimento. Seus resultados poderão produzir dados por instituição de educação superior, categoria administrativa, organização acadêmica, município, estado e região. A partir desses dados objetiva-se organizar referenciais que permitam a definição de ações voltadas para a melhoria da qualidade dos cursos de graduação, por parte de professores, técnicos, dirigentes e autoridades educacionais. O parecer deles resultante poderá impactar positivamente ou não no curso em questão.

7 POLÍTICA DE EXTENSÃO E PESQUISA

Com base em um debate desenvolvido nos XXVII e XXVIII Encontros Nacionais, realizados em 2009 e 2010, respectivamente, o FORPROEX apresenta às Universidades Públicas e à sociedade o conceito de Extensão Universitária:

A Extensão Universitária, sob o princípio constitucional da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, é um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre Universidade e outros setores da sociedade (NOGUEIRA, 2000).

Assim definida, a Extensão Universitária denota uma postura da Universidade na sociedade em que se insere. Sua natureza é o de um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político, por meio do qual se promove uma interação que transforma não apenas a Universidade, mas também os setores sociais com os quais ela interage.

A Pró-reitoria de Extensão de Ações Comunitárias (PROEAC-UNIFAP) tem a responsabilidade de possibilitar meios para as atividades de extensão nos *campi* da instituição. Na Minuta do Projeto Universidade Binacional Campus do Oiapoque (2011),

as estratégias iniciais previstas para fortalecer e desenvolver a Extensão no Campus Binacional concernem à implantação de:

- cursos preparatórios para ingresso na universidade na cidade do Oiapoque;
- assistência moradia;
- assistência alimentação;
- assistência creche;
- assistência cópia;
- projetos de cursos de informática para a comunidade;
- projetos de incentivo à cultura da fronteira Oiapoque/Saint George/Guiana Francesa;
- criação de projetos de extensão que tratem de temáticas como: educação, formação da consciência integracionista, desenvolvimento regional.

As metas correspondentes à tais ações são:

- Estimular o desenvolvimento de projetos que envolva a comunidade acadêmica e local e aprimore o processo formativo profissional dos alunos;
- integrar a universidade à sociedade local com o intuito de melhorar as condições de vida das comunidades beneficiadas com os projetos de extensão;
- proporcionar ao bolsista de extensão a aprendizagem de técnicas e métodos de pesquisa e de ação social e cultural;
- possibilitar a realização de monitoria nos cursos de graduação oferecidos no campus, com o objetivo melhorar a prática dos acadêmicos;

Segundo a Minuta do Projeto Universidade Binacional Campus do Oiapoque (2011, p. 22-21), a Pró-Reitoria de Pesquisa e pós-graduação (PROPESPG-UNIFAP) propõe que as pesquisas nesse *campi* abarquem “as áreas que compõem os grupos de pesquisas registrados no Departamento de Pesquisa da UNIFAP, a saber: geologia, geografia física; biologia geral; zoologia aplicada; ecologia de ecossistemas; recursos hídricos; saneamento, epidemiologia, farmacologia; saúde pública, educação em saúde indígena, economia regional e urbana, planejamento paisagístico; sociologia urbana, sociologia da saúde, geografia humana, geografia regional; língua materna, línguas indígenas, didatização de saberes; língua estrangeira, bilinguismo e multiculturalismo; ciências aplicadas ao meio ambiente, Direito Comparado, entre outros”.

A referida minuta propõe as seguintes estratégias para instalação da pesquisa no campus do Oiapoque:

- o desenvolvimento de projetos de pesquisas de caráter interdisciplinar/transdisciplinar que associem temáticas locais às áreas de conhecimento supracitadas (biodiversidade;

turismo; farmacologia; direito comparado; questões urbanas; geologia; multiculturalismo; bilinguismo; ensino de línguas estrangeira, materna e indígenas; história indígena e arqueologia; bens materiais e imateriais da cultura indígena);

- a Iniciação científica;
- a Extensão voltada para os interesses e necessidades da comunidade local;
- o estímulo a mobilidade acadêmica nacional e internacional.

8 CONDIÇÕES NECESSÁRIAS PARA A OFERTA DO CURSO

A implantação dos cursos dispostos no item 3.3 deste PPC foi proposta para os anos de 2012 e 2013. As condições para sua oferta, tal como descritas na Minuta do Projeto Universidade Binacional Campus do Oiapoque (2011), são expostas a seguir.

8.1 Estrutura Física

Quanto à infraestrutura do campus, dispõe-se de um prédio previsto para ter três pavimentos que abrigarão salas de aula, laboratórios e alojamento para professores e pesquisadores. Essa foi a estrutura física inicialmente proposta para a projeção dos primeiros recursos alocados pelo Ministério da Educação na pactuação para a criação da Universidade Binacional Campus Oiapoque, datada de 23 de dezembro de 2010.

Abaixo são apresentados os recursos que apoiarão as estratégias ou metas para organização da estrutura física e administrativa (infraestrutura e equipamentos) da universidade.

NAT. DA DESPESA	RECURSOS FINANCEIROS		
	2011	até 2015	TOTAL
Obras e Instalações	6.750,000.00	24.930,000.00	31.680.000,00
Equipamentos			9.504,000.00
Assistência estudantil	1.400.000,00	10.018,800,00	11.418.000,00
TOTA GERAL			58.146,000,00

Para além da estrutura inicial exposta acima e sua conseqüente expansão numérica e qualitativa, este PPC ressalta a necessidade e recomenda a aquisição dos

elementos de infraestrutura abaixo elencados para compor a estrutura geral do curso de Letras Português/Francês Oiapoque:

A. 01 Sala de coordenação e secretaria;

B. 01 Laboratório de línguas subdivido em um studio com 02 (duas) filmadoras profissionais digitais, 01 (uma) ilha de edição, 01 (uma) central de ar condicionado, computadores e 01 (um) datashow;

C. 04 salas de aula equipadas com computador e datashow para 40 alunos;

O item B responde à necessidade de aliar o ensino das línguas materna e estrangeiras às Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) para a Elaboração e produção de materiais didáticos (unidades didáticas) de Língua e literatura e científicos impressos e em mídias digitais.

8.2 Corpo docente e Técnico administrativo

Como consta na Minuta do Projeto Universidade Binacional Campus do Oiapoque (2011), a Ata de Reunião de Pactuação da Universidade Binacional Campus Oiapoque registra a previsão de contratação de 117 (cento e dezessete) professores, 59 (cinquenta e nove) técnicos de nível superior e 88 (oitenta e oito) técnicos de nível médio. As metas para contratação de pessoal estão expostas conforme quadro a seguir:

CONTRATAÇÃO	2010	2011	2012	2013	2014	TOTAL
Professores	6	15	30	30	36	117
Técnico-Administrativos Nível Superior	0	15	15	15	21	59
Técnico-Administrativos Nível Médio	2	6	20	20	40	88
TOTAL						263

No que diz respeito ao subitem B do item acima (10.2 Corpo docente e Técnicos administrativos), recomenda-se uma equipe de Interfaces e Hiperímídia que terá como objetivo desenvolver e manter as interfaces gráficas do site Letras Português/Francês Oiapoque e das hiperímídias de conteúdo.

9 PROGRAMA DE CAPACITAÇÃO PARA DOCENTES, GESTORES E TÉCNICOS ADMINISTRATIVOS

O programa de capacitação para docentes, gestores e corpo técnico administrativo não foi citado na Minuta do Projeto Universidade Binacional Campus do Oiapoque (2011), mas se enquadra nas proposições de formação da UNIFAP e deve ser continuamente discutido entre reitoria, docentes, discentes e técnicos administrativos. Segue, no entanto, sugestões de cursos para qualificação dessas equipes de trabalho:

A. Apoio à formação em nível de mestrado e doutorado dos professores do curso Letras Português/Francês Oiapoque cujo perfil atual é de jovens professores que possuem ou não o título de especialista em uma das áreas que compõem o curso; recomenda-se a presença de pesquisadores que ministrem cursos de duração mínima de uma semana nas áreas de estudos das línguas materna e estrangeira e respectivas literaturas, bem como da didática e da pedagogia aplicadas ao ensino dessas disciplinas;

B. Formação técnico-administrativo para gestão universitária (cursos de implementação de rotinas e organização de dados; cursos de organização administrativa; cursos de formação de gestão pública).

10 BIBLIOGRAFIAS CONSULTADAS E BIBLIOGRAFIA DO CURSO

- ABREU, Maria Célia de & MASETTO, Marcos Tarciso (1985). *O professor universitário em aula*. São Paulo: Editores Associados.
- ABREU, Márcia (1995). *Leituras no Brasil*. Campinas: Mercado das Letras.
- ABRY, D., Chalaron, M. Phonétique, 350 exercices, Hachette. 1994
- ALBANO, Eleonora Cavalcante (1990). *Da fala à linguagem: tocando de ouvido*. São Paulo: Martins Fontes.
- ALENCAR, Eunice S. Psicologia: introdução aos princípios do comportamento. São Paulo: Vozes, 1986.
- ALMEIDA, E.C.; DUARTE, P.M. *Atividades ilustradas em sinais de libras*. 1ª Edição. Rio de Janeiro: Revinter, 2004.
- ALMEIDA, Napoleão Mendes de (1994). *Gramática metódica da língua portuguesa*. São Paulo: Saraiva.
- ALMEIDA FILHO, José Carlos de. *Dimensões comunicativas no ensino de línguas*. 2.ed. Campinas: Pontes, 2000.
- LOMBELLO, Leonor C. (Org.). *O ensino de português para estrangeiros*. 2. ed. Campinas: Pontes, 2001.
- ALMEIDA, Nilson Teixeira de (1994). *Regência Verbal e nominal: teoria e prática*. São Paulo: Atual, s.d.
- ALMEIDA, Maria Lúcia Pacheco de (1981). *Como elaborar monografias*. Belém: CEJUP.
- ALMEIDA, Marilu Miranda Montenegro e. *Português como segunda língua*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1990.
- ALVES, Ieda Maria (1994). *Neologismo: criação lexical*. São Paulo: Ática.
- ALVES, Paulo Campos (1997). *Manual de análise sintática*. Brasília: Primor Gráfica.
- ANDRADE, Maria Margarida de. *Introdução à Metodologia do Trabalho Científico*. 9. ed. São Paulo: Atlas, 2009.
- ANDRÉ, Hildebrando A. de (1978). *Gramática Ilustrada*. São Paulo: Moderna.
- ANDRÉ, Marli Eliza D. A. de (1999). *Etnografia da prática escolar*. Campinas: Papirus.
- ANGERMEIER, W.F. Psicologia para o dia - a - dia. Petrópolis: Vozes, 1993.
- ANTUNES, Celso. (2010). *Língua Estrangeira e Didática*. Rio de Janeiro: Vozes.
- ANTUNES, I. (2006). *Lutar com palavras: Coesão e coerência*. São Paulo. Parábola.
- ANTUNES, I. *Aula de Português: encontro & interação*. São Paulo: Editorial, 2003
- ANTUNES, I. *Análise de textos, fundamentos e práticas*. Parábola. São Paulo, 2010.
- AUSTEN, Jane. *Orgulho e Preconceito*. (1986). São Paulo: Círculo do Livro.
- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline (1998). *Palavras incertas: as não-coincidências do dizer*. Campinas: Pontes.
- AUTUORI, Luiz (1976). *Nos garimpos da linguagem*. Rio de Janeiro: Record.
- AZEREDO, José Carlos de (1999). *Iniciação à sintaxe do português*. Rio de Janeiro: Zahar.
- BACCEGA, Maria Aparecida (1994). *Concordância verbal*. São Paulo: Ática.
- BACH, Emmon (1981). *Teoria sintática*. Rio de Janeiro: Zahar.
- BAJARD, Elie (1994). *Ler e dizer: compreensão e comunicação do texto escrito*. São Paulo: Cortez.
- BAGNO, Marcos (1997). *A língua de Eulália: novela sociolinguística*. São Paulo: Contexto.
- _____. (1999). *Pesquisa na escola: o que é, como se faz*. São Paulo: Loyola.
- _____. (1999). *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. São Paulo: Loyola.
- _____. (2001). *Português ou brasileiro? Um convite à pesquisa*. São Paulo: Parábola Editorial.

- BAKHTIN, M. (1963). *La poétique de Dostoievski*. Paris.
- BAKHTIN, Mikhail (1997). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec.
- BAKHTIN, M. (1992). Os gêneros do discurso. IN: *Estética da Criação Verbal*, pp.277-326. São Paulo: Martins Fontes, [1952-53/1979].
- BARBOSA, José Juvêncio (1994). *Alfabetização e leitura*. São Paulo: Cortez.
- BARFETY, M, BEAUJOIN, P. *Compréhension Orale.Niveau 1*. CLE International. 2005
- _____ *Expression Orale. Niveau I*. Cle International. 2005
- BARROS, Célia S. G. Pontos de Psicologia escolar. São Paulo: Ática, 1995.
- BARZOTTO, Valdir Heitor – Org. (1999). *Estado de leitura*. Campinas: Mercado de Letras.
- BASÍLIO, Margarida (1980). *Estruturas lexicais do português: uma abordagem gerativa*. São Paulo: Vozes.
- BASTOS, Lúcia Kopschitz (1994). *Coesão e coerência em narrativas escolares*. São Paulo: Martins Fontes.
- BASTOS, Lúcia Kopschitz & MATTOS, Maria Augusta Bastos de (1992). *A produção escrita e a gramática*. São Paulo: Martins Fontes.
- BATISTA, Antonio Augusto G. (1997). *Aula de português: discurso e saberes escolares*. São Paulo: Martins Fontes.
- BATISTA, Antonio Augusto Gomes. *Avaliação Diagnóstica*. Belo Horizonte-MG: Ceale/FaE/UFMG, 2005
- BATISTA, João et alii (1994). *Língua portuguesa: pensando e escrevendo*. São Paulo: Atlas.
- BAYLON, Christian, FABRE, Paul. *Grammaire systématique de la langue française*. Paris Nathan. 1973.
- BAUDELAIRE Charles. *Les Fleurs du Mal*, texte étudié. Paris, Gallimard, 1993.
- BECHARA, Evanildo (1983). *Lições de português pela análise sintática*. Rio de Janeiro: Padrão.
- BEAUMARCHAIS. *La folle Journée ou Le Mariage de Figaro*. Paris, Larousse/Bordas, 1998.
- _____. *La double Inconstance*. Paris, Larousse, 1991.
- _____. (1989). *Ensino da gramática. Opressão? Liberdade?* (1997). São Paulo: Ática.
- _____. (2001). *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna.
- _____. (2002). *Gramática escolar da língua portuguesa com exercícios*. Rio de Janeiro: Lucerna.
- BERARD, Evelyne, LAVENNE, Christian. *Modes d'emploi. Grammaire utile du français*. Paris, Hatier. 1989.
- BERARD, E, CANIER, Y, LAVENNE C. *Tempo 1 et 2. Methode de français*. Didier-Hatier. 1995.
- BÉRARD, Évelyne. *L'approche communicative. Théorie et pratiques*. Paris: CLE International (coll "Didactiques des Langues étrangères »), 1981.
- BERTHELOT Anne et alii. *Langue et littérature : anthologie Moyen âge, XVI^e, XVII^e, XVIII^e siècles*. Paris, Nathan, 1992.
- BESSE, Henri. *Méthodes et pratiques des manuels de langue*. Paris, Didier/Crédif, 1985.
- BEZERMAN. C. (2005). Gêneros textuais, tipificação e interação. São Paulo Cortez.
- BIGONJAL-BRAGGIO, Sílvia Lúcia (1999). *Contribuições da lingüística para o ensino de línguas*. Goiânia: UFG.
- BISOL, Leda (1999). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- BLIKSTEIN, Izidoro (1997). *Técnicas de comunicação escrita*. (1997). São Paulo: Ática.
- BLONDEAU Nicole, ALLOUACHE Ferroudja, NÉ Marie-Françoise. *Littérature progressive du français, niveau intermédiaire*. Paris, CLE International, 2003.

- BOCK, A . M. B. *et alii*. Psicologia: uma introdução ao estudo de Psicologia. São Paulo: Saraiva, 1993.
- BORBA, Francisco S. (1977). *Fundamentos da gramática gerativa*. Petrópolis: Vozes.
- _____, (1979). *Teoria sintática*. São Paulo: EDUSP.
- _____, (1996). *Uma gramática de valências para o português*. São Paulo: Ática.
- BORDENAVE, Juan E. Díaz (1986). *O que é comunicação?* São Paulo: Nova Cultural.
- BORDINI, M. G. e AGUIAR, V. T. (1988). *Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas*. Porto Alegre. Mercado Aberto.
- BORELLI, O. (1981). *Clarice lispector: esboço 24242€ um possível retrato*. Rio de Janeiro. Nova Fronteira.
- BORGES, Jorge Luís. (2006). Curso de Literatura Inglesa. São Paulo: Martins Fontes, 2002. Tradução de Eduardo Brandão. 2ª Tiragem.
- BORTOLOTTI, Nelita (1998). *A interlocução na sala de aula*. São Paulo: Martins Fontes.
- BOSI, A. (1997). *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo. Cultrix.
- BOTELHO, Paula. Linguagem e Letramento na Educação de Surdos. São Paulo/SP: Editora Autêntica, 2002.
- BOULARÈS, Michele. Conjugaison Progressive du Français, Paris, Hachette, 2000.
- BOULET, R, Vergne-Sirièys, A, Quinton, S, Ogle, C. Grammaire Expliquée du Français. Paris, Clé International, 2003.
- BRANDÃO, Helena Nagamine – Coord. (2000). *Aprender e ensinar com texto: gêneros do discurso na escola*. V. 5. São Paulo: Cortez.
- BRANDÃO, Helena H. Nagamine (1998). *Introdução à análise do discurso*. Campinas: UNICAMP.
- BRANDÃO, Sílvia Figueiredo (1991). *A geografia lingüística no Brasil*. São Paulo: Ática.
- BRANDÃO, H. N. (org.) Gêneros do discurso na escola.
- BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, Diário Oficial [da União]. Brasília, Distrito Federal, 10 de jun. 2003.
- _____, Lei nº 11.645/08, de 10 de março de 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena.
- _____, Orientações e ações para a educação das relações étnico-raciais. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília: Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, 2006.
- _____, Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais Para Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afrobrasileira e Africana. Brasília: Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade racial, 2009.
- BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Decreto 5626/2005
- BRASIL, Parâmetros Curriculares Nacionais-PCN/ Língua Estrangeira (3º e 4º ciclos). Brasília, MEC/SEF. 1998.
- BRASIL (1997). *Parâmetros curriculares nacionais (1ª a 4ª série): língua portuguesa*. Brasília.
- BRASIL. (1998). Parâmetros Curriculares Nacionais-PCN/ Língua Portuguesa (3º e 4º ciclos). Brasília, MEC/SEF.
- BRASIL. (1998). Parâmetros Curriculares Nacionais-PCN/ Língua Portuguesa (Ensino Médio). Brasília, MEC/SEF.
- BRASIL.(1998). Orientações Curriculares Nacionais Língua Portuguesa (Ensino Médio). Brasília, MEC/SEF.
- _____, (2011). Guia de Livros Didáticos /Programa Nacional do Livro Didático (3º e 4º ciclos) Brasília, MEC/SEF.

- BRITTO, Luiz Percival Leme (1997). *A sombra do caos: ensino de língua x tradição gramatical*. Campinas: Mercado de Letras.
- BRONTË, Emily. (1989). *O Morro dos Ventos Uivantes*. São Paulo: Círculo do Livro.
- BRONCKART, J-P. (1997). *Activité langagière, textes et dicours : Pour un interactionisme socio-discursif*. Neuchâtel et Paris : Delachaux e Niestlé.
- BUENO, José Renato et alii (1978). *Gramática objetiva da língua portuguesa: sintaxe*. Rio de Janeiro: Editora Rio.
- CADERNOS DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS (1991). Campinas: UNICAMP, n.21.
- _____, (1998). Campinas: UNICAMP, Nº 34.
- _____, (1998). Campinas: UNICAMP, Nº 35.
- CAGLIARI, Luiz Carlos (1997). *Alfabetização & lingüística*. São Paulo: Scipione.
- CALLANNAND, Monique. *Grammaire Vivante du français*, LARROUSSE.
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso (1970). *Problemas de lingüística descritiva*. Petrópolis: Vozes.
- _____, (1970). *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes.
- _____, (1975). *Disperso*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.
- _____, (1975). *História da lingüística*. Petrópolis: Vozes.
- _____, (1977). *Para o estudo da fonêmica portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão.
- _____, (1977). *Contribuição à estilística portuguesa*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico.
- _____, (1978). *Manual de expressão oral & escrita*. Petrópolis: Vozes.
- _____, (1979). *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão.
- _____, (1980). *Princípios de lingüística geral*. Rio de Janeiro: Padrão.
- _____, (1981). *Dicionário de lingüística e gramática*. Petrópolis: Vozes.
- CANDAU, V.M. *A Didática em questão*. Petrópolis: Vozes, 1989
- CANDAU, Vera Maria. Pluralismo cultural, cotidiano escolar e formação de professores. In: Candau, Vera M. (Org.). *Magistério: construção cotidiana*, Petrópolis: Vozes. 1997, p. 237-250.
- CARDOSO, Wilton & CUNHA, Celso. *Estilística e gramática histórica*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- CARONE, Flávia de Barros (1995). *Morfossintaxe*. São Paulo: Ática.
- _____, (2001). *Subordinação e coordenação: confrontos e contrastes*. São Paulo: Ática.
- CARVALHO, Castelar de (1987). *Para compreender Saussure*. Rio de Janeiro: Presença.
- CARVALHO, Edler Rosita. *Educação inclusiva: com os pingos nos "Is"*. Porto Alegre: Mediação, 2004.
- CARVALHO, Rosita Édler. *Removendo barreiras para a aprendizagem*. 2ed. Porto Alegre/RS: Mediação, 2002.
- CASTEX, P.-G., SURREY P. *Manuel des études littéraires françaises XIX^e et XX^e siècles*. Paris. Hachette, s.d.
- CASTELLOTTI, Véronique. *La langue maternelle en classe de langue étrangère*, Paris, CLE International, 2001.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de – Org. (1996). *Gramática do português falado: a ordem*. V.I. Campinas: UNICAMP.
- _____, (1999). *Gramática do português falado: as abordagens*. V.III. Campinas: UNICAMP.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de & BASÍLIO, Margarida – Orgs. (1998). *Gramática do português falado: estudos descritivos*. V. IV. Campinas: UNICAMP.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de (1998). *A língua falada no ensino de português*. São Paulo: Contexto.
- CAVALLEIRO, Eliane. *Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola*. São Paulo: Summus, 2001.

- CELLI, Rosine. *Passagens: português do Brasil para estrangeiros*. Campinas: Pontes, 2000.
- CHACON, Lourenço (1998). *Ritmo da escrita: uma organização do heterogêneo da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes.
- CHALHUB, Samira (1986). *A metalinguagem*. São Paulo: Ática.
- _____, (1995). *Funções da linguagem*. São Paulo: Ática
- CHARLIER, François Dubois (1981). *Bases de análise lingüística*. Coimbra: Almedina.
- CHARTIER, R. (1996). Do livro à leitura. In CHERTIER, R. (Org). *Práticas de leitura*. São Paulo. Estação Liberdade.
- _____. (1999). *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na europa entre os séculos XIV E XVIII*. Brasília. UNB.
- CHAUÍ, Marilena (1980). *O que é ideologia?* São Paulo: Brasiliense.
- CHIAPPINI, Adilson – Coord. (1997). *Aprender e ensinar com textos didáticos e paradidáticos*. V. 2. São Paulo: Cortez.
- _____, (2000). *Aprender e ensinar com textos não escolares*. V. 3. São Paulo: Cortez.
- _____, (2000). *Aprender e ensinar com textos: outras linguagens na escola*. V. 6. São Paulo: Cortez.
- CHOMSKY, Noam (1975). *Aspectos da teoria da sintaxe*. Coimbra: Armênio Amado.
- _____, (1998). *Linguagem e mente*. Brasília: Universidade de Brasília.
- CITELLI, Adilson (1995). *Linguagem e persuasão*. São Paulo: Ática.
- CYR, Paul. *Les stratégies d'apprentissages*, Paris, CLE international, 1998.
- COELHO, Nelly Novaes (1980). *Literatura e linguagem: obra literária e expressão lingüística*. Rio de Janeiro. Vozes.
- COIMBRA, Oswaldo (1993). *O texto da reportagem impressa: um curso sobre sua estrutura*. São Paulo: Ática.
- CONSEIL DE L'EUROPE. *Cadre européen commun de référence pour l'apprentissage et l'enseignement des langues*. Strasbourg : Conseil de l'Europe,.Paris. Didier.1998.
- CORACINI, Maria José (1991). *Um fazer persuasivo: o discurso subjetivo da ciência*. Campinas: Pontes.
- CORACINI, Maria José (org.). (1995). *O jogo discursivo na aula de leitura: língua materna e língua estrangeira*. Campinas: Pontes.
- COURTILLON, Janine. *Élaborer un cours de FLE*, Hachette, 2002.
- _____, (1999). *Interpretação, autoria e legitimação do livro didático*. Campinas: Pontes.
- CRANE, Stephen.(1991). OS MELHORES CONTOS DE. SP: Círculo do Livro.
- COSERIU, Eugenio (1987). *O homem e sua linguagem*. Rio de Janeiro: Presença.
- COSERIU, Eugenio (1987). *Teoria da linguagem e lingüística geral*. Rio de Janeiro: Presença.
- COSTA VAL, Maria da Graça (1999). *Redação e textualidade*. São Paulo: Martins Fontes.
- COUTINHO, Ismael de Lima (1990). *Gramática histórica*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico.
- COUTO, Hildo Honório (1986). *O que é português brasileiro?* São Paulo: Editora Brasiliense.
- _____, (1996). *Introdução ao estudo das línguas crioulas e pidgins*. Brasília: UNB.
- COX, Maria Inês Pagliarini & ASSIS-PETERSON, Ana Antônia de (2001). *Cenas de sala de aula: idéias sobre linguagem*. Campinas: Mercado de Letras.
- CULLER, Jonathan (1979). *As idéias de Saussure*. São Paulo: Cultrix.
- CUNHA, Celso Ferreira da (1976). *Gramática da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: FENAME.
- _____, (1979). *Gramática de base*. Rio de Janeiro: FENAME.
- _____, (1983). *Gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Padrão.

- _____, (1985). *A questão da norma culta brasileira*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- _____, (1987). *Que é um brasileiro?* Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- CUQ, Jean-Pierre. Dictionnaire de didactique du Français Langue Étrangère et Seconde, CLE International, 2003.
- UREAU, J., VULETIC, B.(1976) Enseignement de la prononciation, Didier, Paris.
- DARCOS Xavier. *Histoire de littérature française*. Paris, Hachette, 1992.
- DASCAL, Marcelo – Org. (1978). *Fundamentos metodológicos da lingüística: concepções gerais da teoria lingüística*. V. I. São Paulo: Global Universitária.
- _____, (1981). *Fundamentos metodológicos da lingüística: fonologia e sintaxe* . V.II. Campinas: UNICAMP.
- _____, (1982). *Fundamentos metodológicos da lingüística: semântica*. V.III. Campinas: UNICAMP.
- DELATOUR, Jennepen, LÉON-DUJOUR. Teyssier. Grammaire Pratique du français. Paris. HACHETTE.
- DELL'ISOLA, Regina Lúcia Péret (2001). *Leitura: interferências e contexto sócio-cultural*. Belo Horizonte: Formato.
- DELL'ISOLA, Regina Lúcia Péret & MENDES, Eliana Amarante de Mendonça – Orgs. (1997). *Reflexões sobre a língua portuguesa: ensino e pesquisa*. Campinas: Pontes.
- DELTA (2000). *Documentação em lingüística teórica e aplicada*. São Paulo: PUC, V. 16.
- DESAINTGHISLAIN Christophe et alii. *Français, littérature et méthodes*. Paris, Nathan,
- DICKENS, Charles. *Oliver Twist*. São Paulo: Círculo do Livro, 1987. Tradução de Antônio Ruas.
- DICKENS, CHARLES. (1991). OS MELHORES CONTOS DE São Paulo: Círculo do Livro. Seleção, tradução, prefácio e notas de José Paulo Paes.
- DIONISIO, Ângela Paiva Dionísio, MACHADO, Ana Rachel & BEZERRA, Maria Auxiliadora. (orgs.) *Gêneros Textuais e Ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.
- D'ONOFRIO, S. (1990). *Literatura ocidental: autores e obras fundamentais*. São Paulo. Ática.
- DRIVAUD, M-H, MORVAN, D. *Le Robert micro. Dictionnaire d'apprentissage de la langue française*. Nouvelles éditions. 1998.
- DUARTE JR., João-Francisco (1984). *O que é realidade?* São Paulo: Editora Brasiliense.
- DUBOIS, Jean et alii (1995). *Dicionário de lingüística*. São Paulo: Cultrix.
- DUBOIS, J. et alii. (1974). *Retórica geral*. São Paulo. Cultrix.
- DUCROT, Oswald (1971). *Estruturalismo e lingüística*. São Paulo: Cultrix.
- DUCROT, Oswald & TODOROV, Tzvetan (1982). *Dicionário das ciências da linguagem*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- ECO, U. (1993). *Interpretação e Superinterpretação*. São Paulo. Martins Fontes.
- ELGIN, Suzette Haden (1974). *Que é lingüística?* Rio de Janeiro: Zahar.
- ELIA, Sílvio (1979). *Preparação à lingüística românica*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico.
- _____, (1989). *Sociolingüística*. Rio de Janeiro: Padrão.
- _____, (1989). *A língua portuguesa no mundo*. São Paulo: Ática.
- ELIA, Sílvio et alii (1998). *Na ponta da língua*. Rio de Janeiro: Lucerna.
- ÉLSON, Benjamin & PICKETT, Velma (1973). *Introdução à morfologia e à sintaxe*. Petrópolis: Vozes.
- ENRICO, Delcia et alii (1988). *Ensino: revisão e crítica*. Porto Alegre: Sagra.
- EPSTEIN, Isaac (1991). *O signo*. São Paulo: Ática.
- ETERSTEIN C. *La littérature française de A à Z*. Paris, Hatier, 1998.
- EZPELETA, Justa & ROCKWELL, Elsie (1989). *Pesquisa Participante*. São Paulo: Ática.
- FARACO, Carlos & MOURA, Francisco. *Para gostar de escrever*. São Paulo: Ática.
- FARIA, Ernesto (1992). *Dicionário escolar latino português*. Rio de Janeiro: FAE.

- FARIA FILHO, Luciano Mendes de (1998). *Modos de ler, formas de escrever*. Belo Horizonte: Autêntica.
- FARIA, M. A. (1999). *Parâmetros curriculares e literatura: as personagens de que os alunos realmente gostam*.
- FAULSTICH, Enilde L. de J. (1998). *Como ler, entender e redigir um texto*. Petrópolis: Vozes.
- FÁVERO, Leonor Lopes & KOCH, Ingedore G. Villaça (1996). *Linguística textual: introdução*. São Paulo: Cortez.
- FÁVERO, Leonor Lopes, ANDRADE, Maria Lúcia C. V. O. & AQUINO, Zilda G. O. (2002). *Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna*. São Paulo: Cortez.
- FÁVERO, Leonor Lopes (1997). *Coesão e coerência textuais*. São Paulo: Ática.
- FAZENDA, Ivani Catarina Arantes (1985). *Educação no Brasil anos 60: o pacto do silêncio*. São Paulo: Loyola.
- FERACINE, Luiz (1990). *O professor como agente de mudança social*. São Paulo: EPU.
- FERNANDEZ, Eulália (org). *Surdez e Bilingüismo*. São Paulo/SP: Editora Cortez, 2003.
- FERREIRA, Carlota & CARDOSO, Suzana (1994). *A dialetologia no Brasil: metodologia do trabalho dialetal; inquérito lingüístico e atlas dialetológico; regionalismos léxicos*. São Paulo: Contexto.
- FERREIRA, Delson Gonçalves (1981). *Língua e literatura luso-brasileira*. Belo Horizonte: Descubra.
- FERREIRA, Maria Aparecida S. de Camargo (1992). *Estrutura e formação de palavras: teoria e prática*. São Paulo: Atual.
- FERREIRO, Emília (1998). *Alfabetização em processo*. São Paulo: Cortez.
- FONTANA, Roseli A. Cação (1996). *Mediação pedagógica na sala de aula*. Campinas: Autores Associados.
- FONSECA, Fernando Venâncio Peixoto da (1985). *O português entre as línguas do mundo*. Coimbra: Almedina.
- FONTÃO, Elizabeth & COUNTRY, Pierre. *Fala Brasil: português para estrangeiros*. 13. ed. Campinas: Pontes, 2002.
- FOUCAULT, Michel (1996). *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola.
- _____, (1997). *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- _____, (1998). *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal.
- _____, (1998). *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. Petrópolis: Vozes.
- FOUCAMBERT, Jean (1994). *A leitura em questão*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- FRAGONARD M.-M. *Précis d'histoire de la littérature française*. Paris, Didier, col. « Faire lire »,
- FRANCHI, Eglê (1998). *A redação na escola*. São Paulo: Martins Fontes.
- FRANCO, Alexandre de Paula. Organização do trabalho pedagógico no ensino superior. In: alternativas e desafios para o trabalho educativo. Revista de Formación e Innovación Educativa Universitaria. Vol. 3, Nº 1, 21-32 (2010).
- FREIRE, Paulo & FAUNDEZ, Antonio (1995). *Por uma pedagogia da pergunta*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- FREIRE, Paulo (1992). *A importância do ato de ler*. São Paulo: Cortez.
- FREITAS, HORÁCIO Rolim de (1991). *Princípios de morfologia*. Rio de Janeiro: Presença.
- GALISSON, Robert et PUREN, Christian. *La Formation en question*, Paris, CLE International, 2000.
- GARCIA, Edson Gabriel (1992). *A leitura na escola de 1º grau: por uma outra leitura da leitura*. São Paulo: Loyola.
- GARCIA, Othon (1978). *Comunicação em prosa moderna*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.

- GALVES, Charlotte et alii (1997). *O texto: leitura & escrita*. Campinas: Pontes.
- GANDIN, Danilo (1985). *Planejamento como prática educativa*. São Paulo: Loyola.
- _____, (1988). *Escola e transformação social*. Petrópolis: Vozes.
- GAUTIER Théophile. *Contes fantastiques*. Paris, Hachette, 1992.
- GAYA, Samuel Gili (1971). *Elementos de fonética general*. Madrid: Gredos.
- GENOUVRIER, Emile & PEYTARD, Jean (1973). *Lingüística e ensino do português*. Coimbra: Almedina.
- GERALDI, João Wanderley (1996). *Linguagem e ensino: exercício de militância e divulgação*. Campinas: Mercado das Letras.
- _____, (1997). *Portos de passagem*. São Paulo: Martins Fontes.
- GERALDI, João Wanderley – Org. (1999). *O texto na sala de aula*. São Paulo: Ática.
- GERALDI, João Wanderley & CITELLI, Beatriz (1998). *Aprender e ensinar com textos de alunos*. São Paulo: Cortez.
- GERMAIN, Claude. *Evolution de l'enseignement des langues. 5000 ans d'histoires*. Paris, CLÉ International, 1993.
- _____. *L'approche communicative en Didactiques de Langues*. Anjou (Québec) : CEC (coll « Le point sur... »), 1981.
- GESSER, Audrei. *Libras? Que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda*. São Paulo/SP: Parábola, 2009.
- GINZBURG, Carlo (1987). *O queijo e os vermes*. São Paulo: Companhia das Letras.
- GIRARD, Denis. *Linguistique Appliquée et Didactiques de Langues*. Paris, Colin. 1972.
- GNERRE, Maurizio (1998). *Linguagem, escrita e poder*. São Paulo: Martins Fontes.
- GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e . *Movimento negro e educação*. In: Revista Brasileira de Educação. N. 15. Set./out./nov./dez., 2000.
- HENRIQUES, Ricardo. *Et.ali.* (Org.). *Educação Escolar Indígena: diversidade sociocultural indígena ressignificando a escola*. Cadernos SECAD, v.3. MEC: Brasília, 2007.
- GOULART, Íris B. *Psicologia da Educação: fundamentos teóricos e aplicações à prática pedagógica*. Petrópolis: Vozes, 1987
- GOULLIER, Francis. *Les Outils du Conseil de l'Europe en classe de langue. Cadre européen commun et Portfolios*, Paris, Didier, 2005.
- GREGOIRE, M, KOSTUCKI, A. *Exercices Audio de Grammaire. Grammaire progressive de français*. CLE International. 2005.
- GREGOIRE, M, THIEVENAZ, O. *Grammaire Progressive du français*. CLE International (3 volumes: débutant, intermédiaire et avancé).
- GREIMAS, Algirdas Julien & FONTANILLE, Jacques (1993). *Semiótica das paixões*. São Paulo: Ática.
- GREVISSE, M. *Précis de grammaire française*. J. Duculot S.A. Gembloux.
- GUIMARÃES, Eduardo & ORLANDI, Eni Pulcinelli – Orgs. (1996). *Língua e cidadania: o português no Brasil*. Campinas: Pontes.
- GUIRAUD, Pierre (1975). *A semântica*. Rio de Janeiro: DIFEL.
- GUTIERREZ, Francisco (1978). *Linguagem total: uma pedagogia dos meios de comunicação*. São Paulo: Summus.
- HAUY, Amini Boainain (1992). *Aprender e ensinar com texto: vozes verbais: sistematização e exemplário*. São Paulo: Ática.
- _____, (1993). *Acentuação gráfica em vigor*. São Paulo: Ática.
- HAWTHORNE, Nathaniel. (2006). *A Letra Escarlata*. São Paulo: Martin Claret, Texto Integral. Trad.: Sodrê Viana. Coleção A Obra Prima de Cada Autor.
- HAWTHORNE, Nathaniel. (1992). *OS MELHORES CONTOS DE*. SP: Círculo do Livro.
- HENRY, O. (1991). *OS MELHORES CONTOS DE*. SP: Círculo do Livro..

- HISTÓRIA DAS IDÉIAS LINGÜÍSTICAS (1998). *Línguas e instrumentos lingüísticos*. Campinas: Pontes, Nº 1.
- _____, (1998). *Línguas e instrumentos lingüísticos*. Campinas: Pontes, Nº 2.
- HOLANDA, Sérgio Buarque (1999). *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras.
- HOUAISS, Antônio (1985). *O português no Brasil: pequena enciclopédia da cultura brasileira*. Rio de Janeiro: UNIBRADE.
- HUBERMAN, L. A História da riqueza do homem. Rio de Janeiro: Zahar, 1974
- HUGO Victor. *Les Châtiments* (extraits). Paris, Bordas, 1985.
- _____, *Les Misérables I*. Paris, Gallimard, col. « Folio », 2000.
- _____, *Le dernier Jour d'un condamné suivi de Claude Gueux et de L'Affaire Tapner*. Paris, Le Livre de poche, 1989.
- ILARI, Rodolfo (1992). *A lingüística e o ensino da língua portuguesa*. São Paulo: Martins Fontes.
- _____, (1997). *A expressão do tempo em português*. São Paulo: Contexto.
- _____, (1999). *Lingüística românica*. São Paulo: Ática.
- ILARI, Rodolfo & GERALDI, João Wanderley (1999). *Semântica*. São Paulo: Ática.
- INFANTE, Ulisses (1999). *Curso de gramática aplicada aos textos*. São Paulo: Scipione.
- JACOBS, Michael A. (2002). *Como Não Aprender Inglês: erros comuns e soluções práticas*. Editora Campos.
- JAKOBSON, Roman (1985). *Lingüística e comunicação*. São Paulo: Cultrix.
- JAKOBSON, Roman et alii (1973). *Novas perspectivas lingüísticas*. Petrópolis: Vozes.
- JAMES, Henry. *A Volta do Parafuso*. São Paulo: Martin Claret, 2006. Texto Integral. Trad.: Luciano Alves Meira. Coleção A Obra Prima de Cada Autor.
- JAUSS, H.R. (1978). *Pour une esthetique de la reception*. Paris. Gallimard.
- JOUBERT Jean-Louis. *Littérature Francophone : anthologie*. Paris, Nathan, 1992.
- KASPARY, Adalberto J. (1981). *Redação oficial: normas e modelos*. Porto Alegre: Fundação para o Desenvolvimento de Recursos Humanos.
- KATO, Mary (1993). *No mundo da escrita*. São Paulo: Ática.
- _____, (1999). *O aprendizado da leitura*. São Paulo: Martins Fontes.
- KEHDI, Valter (1997). *Formação de palavras em português*. São Paulo: Ática.
- KIMBALL, John P. (1976). *Teoria formal da gramática*. Rio de Janeiro: Zahar.
- KLEIMAN, Ângela B. – Org. (1995). *Os significados do letramento*. Campinas: Mercado das Letras.
- _____, (1998). *Oficina de leitura: teoria & prática*. Campinas: Pontes.
- KLEIMAN, Ângela B. & MORAES, Silvia E. (2001). *Leitura e interdisciplinaridade: tecendo redes nos projetos da escola*. Campinas: Mercado de Letras.
- KOCH, Ingedore Villaça (1994). *A coesão textual*. São Paulo: Contexto.
- _____, (1997). *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto.
- _____, (1998). *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Contexto.
- _____, (1999). *Argumentação e linguagem*. São Paulo: Cortez.
- _____, (2002). *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez.
- KOCH, Ingedore Villaça – Org. (1997). *Gramática do português falado: Desenvolvimentos*. V. VI. Campinas: UNICAMP.
- KOCH, Ingedore Villaça & TRAVAGLIA, Luiz Carlos (1993). *A coerência textual*. São Paulo: Contexto.
- _____, (1995). *Texto e coerência*. São Paulo: Cortez.
- KOSIK, Karel (1976). *Dialética do concreto*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- KURY, Adriano da Gama et alii (1977). *Gramática objetiva da língua portuguesa: fonologia ortografia morfologia*. Rio de Janeiro: Editora Rio.
- KURY, Adriano da Gama (1972). *Gramática fundamental da língua portuguesa*. São Paulo: Livros Irradiantes.

- _____, (1989). *Para falar e escrever melhor o português: temas de língua portuguesa tratados com clareza, simplicidade e bom humor*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- LACLOS Chordelos. *Les Liaisons dangereuses*. Paris, GF Flammarion, 1996.
- LAJOLO, Marisa (2000). *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Ática.
- LANCELOT & ARNAULD (1992). *Gramática de Port-Royal*. São Paulo: Martins Fontes.
- LANGACKER, Ronald (1975). *A linguagem e sua estrutura*. Petrópolis: Vozes.
- LAPA, M. Rodrigues (1991). *Estilística da língua portuguesa*. São Paulo: Martins Fontes.
- LAROCA, Maria Nazaré de Carvalho (1994). *Manual de morfologia do português*. Campinas: Pontes.
- LAROCA, Maria Nazaré de Carvalho et al. *Aprendendo português do Brasil*. 3. ed. Campinas: Pontes, 1999.
- LAURIA, Maria Paula Parisi (1991). *A pontuação: teoria e prática*. São Paulo: Atual.
- LEITE, Cília C. Pereira – Madre Olívia et alii – Coords. (1982). *Linguagem e pensamento: reflexões interdisciplinares*. São Paulo: Cortez.
- _____, (1991). *Sintaxe-semântica: base para gramática de texto*. São Paulo: Cortez.
- LEITE, Cília C. Pereira – Madre Olívia & SILVEIRA, Regina Célia Pagliuchi da (1981). *Princípios de uma gramática de texto*. São Paulo: Cortez.
- _____, (1992). *Gramática de texto: as relações/valores*. São Paulo: Cortez.
- LEITE, Cília C. Pereira – Madre Olívia (1991). *Gramática de texto para 2º e 3º graus: análise textual com base em semântica*. São Paulo: Cortez.
- LEON, M et LEON P. *La prononciation du français*. Paris, Armand Colin, 2008.
- _____, (1994). *Nova sintaxe, nova gramática*. São Paulo: Cortez.
- LIBERATO, Antônio Wilson. (1998). *Compact English Book*. São Paulo: FTD.
- LIGNY C., ROUSSELOT M. *La littérature française : repères pratiques*. Paris, Nathan, 1992.
- LIMA, Carlos Henrique da Rocha (1973). *Um programa de português*. Rio de Janeiro: José Olympio.
- _____, (1994). *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olímpio.
- LIMA SOBRINHO, Barbosa (1958). *A língua portuguesa e a unidade do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio.
- LIMA, Emma Eberlein O.F. & LUNES, Samira A. *Falando...lendo...escrevendo...português: um curso para estrangeiros*. São Paulo: EPU, 2005.
- LOISEAU, R. *Outils Grammaire Française*. Hachette.
- LOPES, Luiz Paulo da Moita (1996). *Oficina de lingüística aplicada*. Campinas: Mercado de Letras.
- LOPES, Edward (1995). *Fundamentos da lingüística contemporânea*. São Paulo: Cultrix.
- LUCKESI, Cipriano et alii (1989). *Fazer universidade: uma proposta metodológica*. São Paulo: Cortez.
- LÜDKE, Menga & ANDRÉ, Marli E. D. A. (1986). *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU.
- LUFT, Celso Pedro (1981). *Novo guia ortográfico*. Rio de Janeiro: Globo.
- _____, (1985). *Língua e liberdade: o gigolô das palavras – por uma nova concepção de língua materna*. Porto Alegre: L&pm.
- _____, (1986). *Gramática, ortografia oficial, redação, literatura, textos e testes*. São Paulo: Globo.
- _____, (1988). *Gramática resumida*. Rio de Janeiro: Globo.
- _____, (1999). *Dicionário prático de regência verbal*. São Paulo: Ática.
- LUKIANCHUKI, Cláudia (1988). *Concordância verbal e nominal*. São Paulo: Atual.
- LYONS, John (1976). *As idéias de Chomsky*. São Paulo: Cultrix.
- _____, (1979). *Introdução à lingüística teórica*. São Paulo: US

- MABILAT, J-J, MARTINS, C. *Sons et Intonations. Exercice de Prononciation*. Didier.2004.
- MACAMBIRA, José Reboças (1978). *Português estrutural*. São Paulo: Pioneira.
- _____, (1987). *A estrutura morfo-sintática do português*. São Paulo: Pioneira.
- MACHADO, A. R; LOUSADA, E; ABREU TARDELI.(2005). *Planejar Gêneros Acadêmicos*. São Paulo: Parábola.
- MACHADO, A. R; LOUSADA, E; ABREU TARDELI.(2005). *Resenha*. São Paulo Parábola.
- MACHADO, A. R; LOUSADA, E; ABREU TARDELI.(2005). *Resumo*. São Paulo: Parábola.
- MACHADO, Anna Rachel. (2005). A perspectiva interacionista sóciodiscursiva de Bronckart. In: *Gêneros: teorias, métodos, debates*. J.L. Meurer, Adair Bonini, Disirée Motta-Rotth (org.). São Paulo: parábola editorial, p. 237-259.
- MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (org.). *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. P. 19- 36.
- MAGALHÃES, Izabel (Org.) (1996). *As múltiplas faces da linguagem*. Brasília: UNB.
- MAIA, Eleonora Motta (1985). *No reino da fala: a linguagem e seus sons*. São Paulo: Ática.
- MAINGUENEAU, Dominique (1997). *Novas Tendências em análise do discurso*. Campinas: Pontes.
- MALBERG, Bertil (1954). *A fonética*. Lisboa: Livros do Brasil.
- MANTOAN, Maria Tereza Eglér. *Inclusão escolar o que é? Por quê? Como fazer?* São Paulo: Moderna. 2003.
- MARCHANT, Mercedes. *Português para estrangeiros*. 27. ed. Imbé: Pégasos, 1992.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio (1997). *Análise da conversação*. São Paulo: Ática.
- MARCUSHI L.A *Análise leitura e produção de textos*, 2008.
- _____, (2001). *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez
- MARINHO, Marildes – Org. (2001). *Ler e navegar: espaços e percursos da leitura*. Campinas: Mercado de Letras.
- MARINHO, Marildes & SILVA, Ceris Salete Ribas da – Org. (1998). *Leituras do professor*. Campinas: Mercado de Letras.
- MARIVAUX. *Le Jeu de l'amour et du hasard*. Paris, Bordas, 1995.
- MARQUES, Maria Helena Duarte (1976). *Estudos semânticos*. Rio de Janeiro: Grifo.
- MARQUESI, Sueli C. (1995). *A organização do texto descritivo em língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes.
- MARQUES Maria et alii (1997). *Cenas de aquisição da escrita: o sujeito e o trabalho com o texto*. Campinas: Mercado de Letras.
- MARTINEZ, Pierre. (2009). *Didática de Línguas Estrangeiras/Pierre Martinez; Tradução: Marcos Marcionilo*. São Paulo: Parábola Editorial.
- Martinez Pierre. *La didactique des langues étrangères*. Paris, Paris, 2011.
- TELES. M. L. S. *O que é Psicologia*. São Paulo: Braziliense, 1994.
- MARTINET, André (1975). *Elementos de lingüística geral*. São Paulo: Martins Fontes.
- _____, (1979). *Da teoria lingüística ao ensino da língua*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico.
- MARTINS, Dileta Silveira & ZILBERKNOP, Lúbia Scliar (1991). *Português instrumental*. Porto Alegre: Multilivro.
- MARTINS, Nilce Sant'Anna (1988). *História da língua portuguesa: Século XIX*. V.V. São Paulo: Ática.
- MANTOAN, Maria Tereza Eglér. *Inclusão escolar o que é? Por quê? Como fazer?* São Paulo: Moderna. 2003.
- MASSAUD, Moisés (1995). *Guia prático de redação*. São Paulo: Cultrix.
- MASSINI-CAGLIARI, Gladis & CAGLIARI, Luiz Carlos (1999). *Diante das letras: a escrita na alfabetização*. Campinas: Mercado de Letras.

- MATÊNCIO, Maria de Lourdes Meirelles (1998). *Leitura, produção de textos e a escola: reflexões sobre o processo de letramento*. Campinas: Mercado de Letras.
- MATTOS, Maria Augusta Bastos de & SENATORE, Paula Marchini (1997). *Exercícios de literatura: gramática de texto e questões discursivas*. Campinas: UNICAMP.
- MAZZOTTA, Marcos José Silveira. Educação especial no Brasil: história e políticas públicas. 5ª Ed. São Paulo: Cortez, 2005.
- MEDEIROS, João Bosco (1991). *Técnicas de redação*. São Paulo: Atlas.
- MELO, Gladstone Chaves de (1980). *Gramática fundamental da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico.
- _____, (1981). *A língua do Brasil*. Rio de Janeiro: Padrão.
- _____, (1981). *Iniciação à filologia e à linguística portuguesa*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico.
- MELO, Gladstone Chaves de et alii (2000). *Na ponta da língua*. Rio de Janeiro: Lucerna.
- MELVILLE, Herman. (1991). OS MELHORES CONTOS DE. SP: Círculo do Livro.
- MENEZES, Margareth Régia de Lara & CARVALHO, Ediane Galdino de (2000). *Referências bibliográficas: NBR 6023*. Natal: Cooperativa Cultural.
- MÉRIEUX Régine, LOISEAU, Yves. *Connexions. Méthode de français 1 et 2*. Paris, Didier, 2004. (livre de l'élève)
- MESERANI, Samir (1995). *O intertexto escolar: sobre leitura, aula e redação*. São Paulo: Cortez.
- MIAZZI, Maria Luísa Fernandez (1976). *Introdução à lingüística românica*. São Paulo: Cultrix.
- MICHELETTI, Guaraciaba – Coord. (2000). *Aprender e ensinar com texto: leitura e construção do real – o lugar da poesia e da ficção*. V.4 São Paulo: Cortez.
- MILLS, W. A imaginação sociológica. Rio de Janeiro: Zahar, 1965.
- MILTON, John. (2002). *Paraíso Perdido*. São Paulo: Martin Claret. Texto integral. Trad.: Antônio José Lima Leitão.
- MINCHILLO, Carlos Alberto C. & CABRAL, Isabel Cristina M. (1988). *O verbo: teoria e prática*. São Paulo: Atual.
- MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. *Ensino: as abordagens do processo*. São Paulo: EPU.
- MOARA (1996). *Estudos de análise do discurso*. V. 6. Belém: Universidade Federal do Pará.
- MOISÉS, M. *A criação literária*. Rio de Janeiro. Tempo Brasileiro.
- MONNERIE, Annie. *Le français au présent. Grammaire. Français langue étrangère*. Paris. Didier-Hatier. 1987.
- MONTAIGNE Michel de. *Essais livre 1*. Paris, GF Flammarion, 1969
- MONTEIRO, José Lemos (1991). *A estilística*. São Paulo: Ática.
- MORAES, Maria Cândida. Sentir pensar: fundamentos e estratégias para reencantar a educação. Petrópolis/RJ: Vozes, 2004.
- MORAIS, Artur Gomes de (2000). *Ortografia: ensinar e aprender*. São Paulo: Ática.
- _____, (2000). *O aprendizado da ortografia*. Belo Horizonte: Autêntica.
- MORENO, Cláudio & GUEDES, Paulo Coimbra (1986). *Curso básico de redação*. São Paulo: Ática.
- MOROSOV, Ivete. (2008). A didática do ensino e a avaliação da aprendizagem em língua estrangeira/Ivete Morosov, Juliana Zeggio Martinez – Curitiba: Ibpex.
- MOURA, Maria Lúcia Seidl de et alii (1998). *Manual de elaboração de projetos de pesquisa*. Rio de Janeiro: UERJ.
- MOURA, Clóvis. História do negro brasileiro. São Paulo: Ática, 1989.
- MUELLER, Fernando L. História da Psicologia: da Antigüidade aos dias de hoje: São Paulo: Nacional, 1978.

- MURRIE, Zuleika de Felice – Org. (1994). *O ensino de português: do primeiro grau à universidade*. São Paulo: Contexto.
- MURPHY, Raymond. (2004). *English Grammar in Use*. Cambridge.
- MUSSALIM, Fernanda & BENTES, Anna Christina – Orgs. (2001). *Introdução à lingüística: domínios e fronteiras*. V.1. São Paulo: Cortez.
- MUQUEL, C. *Grammaire en dialogue*, Paris, Clé International, 2005.
- MURILLO, J.(1976) *El método verbo-tonal*, UNED, Madrid.
- NASCENTES, A. *Elementos de filologia românica*. Rio de Janeiro. Simões.
- NARO, Anthony Julius – Org. (1976). *Tendências atuais da lingüística e da filologia no Brasil*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- NEVES, Maria Helena de Moura (1991). *Gramática na escola: renovação do ensino da gramática; formalismo x funcionalismo; análise da gramática escolar*. São Paulo: Contexto.
- _____, (1997). *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes.
- NEVES, Suely Gehre (1983). *Análise sintática*. Brasília: Thesaurus.
- NICOLETTO, Ugo *et alii*. *Psicologia Geral*. Petrópolis, Vozes, 1995.
- NIVETTE, Joseph (1975). *Princípios de gramática gerativa*. São Paulo: Pioneira.
- NUNES, José Joaquim (1989). *Compêndio de gramática histórica portuguesa*. Lisboa: Clássica Editora.
- OLIVEIRA, Cândido de (1970). *Análise sintática: manual prático*. São Paulo: Biblos.
- OLSON, David R. & TORRANCE, Nancy (1997). *Cultura escrita e oralidade*. São Paulo: Ática.
- ONG, Walter (1998). *Oralidade e cultura escrita*. Campinas: Papirus.
- ORIZET Jean (dir.). *La Poésie romantique II : Victor Hugo*, t. 6. Paris, France Loisirs, col. « La Bibliothèque de la poésie », 1992.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli (1987). *Palavra, fé, poder*. Campinas: Pontes.
- _____, (1990). *Terra à vista – discurso do confronto: velho e novo mundo*. São Paulo: Cortez.
- _____, (1993). *O que é lingüística?* São Paulo: Brasiliense.
- _____, (1996). *Discurso e leitura*. Campinas: UNICAMP.
- _____, (1997). *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. Campinas: UNICAMP.
- _____, (1998). *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis: Vozes.
- _____, (2000). *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli – Org. (1993). *Discurso fundador: a formação do país e a construção da identidade nacional*. Campinas: Pontes.
- _____, (1997). *Gestos de leitura: da história no discurso*. Campinas: UNICAMP.
- _____, (1998). *A leitura e os leitores*. Campinas: Pontes.
- OTTONI, Paulo (1998). *Visão performativa da linguagem*. Campinas: UNICAMP.
- PACHECO, Agnelo de Carvalho & LEME, Maria Fernanda Soave (1992). *Ortografia: teoria e prática*. São Paulo: Atual.
- PAGNIEZ-DELBART, A l'écoute des sons. Les voyelles. Les consonnes, Clé International. 1990
- PAIS, Cidmar Teodoro et alii (1986). *Manual de lingüística*. São Paulo: Global.
- PAIVA, Aparecida et alii – Orgs. (2000). *No fim do século: a diversidade – o jogo do livro infantil e juvenil*. Belo Horizonte: Autêntica.
- PÊCHEUR, Jacques & VIGNER, Gérard (org.). *Méthodes et méthodologies*. N. Spécial. Le Français dans le Monde / Recherches et applications, janvier 1995 .
- PÊCHEUX, Michel (1997). *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: UNICAMP.
- _____. (1997). *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas: Pontes.

- PÉCORA, Alcir (1999). *Problemas de redação*. São Paulo: Martins Fontes.
- PENNA, Antonio Gomes (1970). *Comunicação e linguagem*. Lisboa: Fundo de Cultura.
- PEREIRA, S. (1975). *Decadentismo e simbolismo na poesia portuguesa*. Coimbra.
- PERINI, Mário A. (1977). *Gramática do infinitivo português*. Petrópolis: Vozes.
- _____, (1979). *A gramática gerativa: introdução ao estudo da sintaxe portuguesa*. Belo Horizonte: Vigília.
- _____, (1994). *Sintaxe portuguesa: metodologia e funções*. São Paulo: Ática.
- _____, (1995). *Para uma nova gramática do português*. São Paulo: Ática.
- _____, (1995). *Gramática descritiva do português*. São Paulo: Ática.
- _____, (1997). *Sofrendo a gramática*. São Paulo: Ática.
- PESSOA, Fernando (1999). *A língua portuguesa*. São Paulo: Companhia das Letras.
- PILETTI, Claudino & Nelson (1985). *Filosofia e história da educação*. São Paulo: Ática.
- PILETTI, N. Psicologia Educacional. São Paulo: Ática, 1991.
- PINTO, Edith Pimentel (1990). *O português popular escrito: a linguagem das ruas e das feiras; linguagem urbana e português popular; impressos volantes e cartas*. São Paulo: Contexto.
- _____, (1992). *A língua escrita no Brasil*. São Paulo: Ática.
- PLATÃO SAVIOLI, Francisco & FIORIN, José Luiz (1995). *Para entender o texto: leitura e redação*. São Paulo: Ática.
- _____, (1997). *Lições de texto: leitura e redação*. São Paulo: Ática.
- PLOQUIN, Françoise ; HERMELINE Laurent, ROLLAND Dominique. *Littérature française : les textes essentiels*. Paris, Hachette, col. « Outils », 2000.
- POE, Edgar Allan. (2002). *Histórias Extraordinárias*. São Paulo: Martin Claret. Texto Integral. Tradução de Pietro Nasseti. Coleção A Obra Prima de Cada Autor.
- POE, Edgar Allan. (1991). *OS MELHORES CONTOS DE*. SP: Círculo do Livro.
- PONTES, Eunice (1973). *Estrutura do verbo no português coloquial*. Petrópolis: Vozes.
- _____, (1973). *Verbos auxiliares em português*. Petrópolis: Vozes.
- _____, (1986). *Sujeito: da sintaxe ao discurso*. São Paulo: Ática.
- _____, (1992). *Espaço e tempo na língua portuguesa*. Campinas: Pontes.
- POSSENTI, Sírio (1998). *Por que (não) ensinar gramática na escola*. Campinas: Mercado de Letras.
- _____, (1998). *Os humores da língua: análises lingüísticas de piadas*. Campinas: Mercado de Letras.
- PRAT, Marie-Hélène ; AVIRÉRINOS, Maryse. *Littérature : textes, histoire, méthode*, t. 1 et 2. Paris, Larousse/Bordas, 1997.
- PRETI, Dino & URBANO, Hudinilson – Orgs. (1988). *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo*. V.III. São Paulo: FAPESP.
- PURA, Lúcia Martins. *Didática Teórica Didática Prática*. São Paulo, Loyola, 2000.
- PUREN, Christian. *Histoires des méthodologies de l'enseignement des langues*. Paris, CLÉ International, 1988.
- _____. *La didactique des langues étrangères à la croisée des méthodes: essai sur l'éclectisme*. Paris: Didier (« coll. CREDIF/ essais »), 1994.
- QUADROS, Ronice Muller de; KARNOPP, Lodenir Becker. *Língua de Sinais Brasileira: estudos lingüísticos*. Porto Alegre/RS: Artmed, 2004.
- RAMOS, Jânia M. (1999). *O espaço da oralidade na sala de aula*. São Paulo: Martins Fontes.
- RECTOR, Mônica (1975). *A linguagem da juventude*. Petrópolis: Vozes.
- _____, (1994). *A fala dos jovens*. Petrópolis: Vozes.
- RECTOR, Mônica & YUNES, Eliana (1980). *Manual de semântica*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico.

- RENARD, R. Introduction à la méthode verbo-tonale de correction phonétique, Didier, Paris, 1971.
- REVISTA BRASILEIRA DE LETRAS (1999). *Linguística e literatura*. São Carlos: UFSCar.
- RIBEIRO, Darcy (1999). *O povo brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras.
- RICHARDSON, Roberto Jarry (1989). *Pesquisa social: métodos e técnicas*. São Paulo: Atlas.
- RIMBAUD Arthur. *Œuvres complètes : correspondances*. Paris, Robert Laffont, 1992.
- RIVENC, Paul. Pour aider à apprendre à communiquer dans une langue étrangère. Paris : Didier Érudition, 2000.
- ROBERTS, Ian & KATO, Mary – Org. (1996). *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: UNICAMP.
- ROBINS, R. H. (1988). *Pequena história da lingüística*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico.
- ROJO, Roxane – Org. (1998). *Alfabetização e letramento*. Campinas: Mercado de Letras.
- _____, (2001). *A prática de linguagem em sala de aula: praticando os PCNs*. Campinas: Mercado de Letras.
- ROJO, R. H. R. & CORDEIRO, G. S. (orgs/trads)(2004). *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado de Letras.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques (1998). *Ensaio sobre a origem das línguas*. Campinas: UNICAMP.
- ROUSSEAU Jean-Jacques. *Émile e Sophie ou Os solitários*. Ed. bilíngüe, Françoise Galler (trad.), Porto Alegre, Paraíba, 1994.
- _____. *Les Rêveries du promeneur solitaire*. Paris, Gallimard, col. "Folio", 1972.
- RUWET, Nicolas (1975). *Introdução à gramática gerativa*. São Paulo: USP.
- SABBAH, H. *Textes et méthodes*, livres 1 et 2. Paris, Didier, col. « Littérature »,
- SACCONI, Luiz Antonio. *Nossa gramática: teoria e prática*. São Paulo: Atual.
- SANDMANN, Antônio J. (1991). *Morfologia geral: novas palavras do português do Brasil; nomenclatura gramatical brasileira; mecanismo de estruturação vocabular*. São Paulo: Contexto.
- SANTANA, Ana Paula. *Surdez e Linguagem: aspectos e implicações neurolinguísticas* São Paulo, Plexus, 2007.
- SANTOS, Theotônio dos (1991). *Conceito de classes sociais*. Petrópolis: Vozes.
- SAUSSURE, Ferdinand de (1971). *Curso de lingüística geral*. São Paulo: Cultrix.
- SCHMIDT, Siegfried J. (1978). *Lingüística e teoria de texto*. São Paulo: Pioneira.
- SCLIAR-CABRAL, Leonor (1985). *Introdução à lingüística*. Rio de Janeiro: Globo.
- _____, (1991). *Introdução à psicolingüística*. São Paulo: Ática.
- SKLIAR, Carlos B. (org). *Educação e exclusão. Abordagens sócio-antropológicas em educação especial*. Porto Alegre: Mediação, 1997.
- SEVERINO, Antonio Joaquim (1989). *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Cortez.
- SHAKESPEARE, William.(1989). *Otelo, O Mouro de Veneza*. São Paulo: Círculo do Livro S. A. Tradução, introdução e notas de Péricles Eugênio da Silva Ramos a partir do original *The Tragedy of Othello, the Moore of Venice* (1622).
- _____. (2001). *Sonetos Diversos*. In: *A MELHOR POESIA DO MUNDO: (poetas estrangeiros)*. São Paulo: Ediouro. Poemas traduzidos por Bárbara Heliodora.
- SIGNORINI, Inês – Org. (1998). *Língua(gem) e identidade*. Campinas: Mercado de Letras.
- _____, (2001). *Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento*. Campinas: Mercado de Letras.
- SIGNORINI, Inês & CAVALCANTI, Marilda C. – Orgs. (1998). *Lingüística aplicada e transdisciplinaridade*. Campinas: Mercado de Letras.

- SILVA, Aracy Lopes da; GRUPIONI, Donizete, Benzi. (Org.). A temática indígena na escola: novos subsídios para professores de 1º e 2º graus. 4. Ed. São Paulo: Global Editora, MEC/MARI/UNESCO, 2004.
- SILVA, Ezequiel Theodoro da (1996). *O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura*. São Paulo: Cortez.
- SILVA, Ieda Dias da & CARVALHO, Maria Vicentina C. (1974). *Linguagem e comunicação*. Belo Horizonte: Vigília.
- SILVA, M. Cecília P. de Souza e & KOCH, Ingedore Villaça (1995). *Linguística aplicada ao português: morfologia*. São Paulo: Cortez.
- SILVA, M. Cecília P. de Souza e & KOCH, Ingedore Villaça (1995). *Linguística aplicada ao português: sintaxe*. São Paulo: Cortez.
- SILVA, Maria Cristina Figueiredo (1996). *A posição sujeito no português brasileiro: frases finitas e infinitas*. Campinas: UNICAMP.
- SILVA NETO, Serafim da (1977). *História do latim vulgar*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico.
- _____, (1979). *História da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Presença.
- _____, (1986). *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*. Rio de Janeiro: Presença.
- SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves. Aprendizagem e ensino das Africanidades Brasileiras. In: MUNANGA, Kabengele. (Org.). *Superando o racismo na escola*. Brasília: SECAD, 2005.
- SILVA, Rosa Virgínia Mattos e (1993). *O português arcaico: morfologia e sintaxe*. São Paulo: Contexto.
- _____, (1994). *Tradição gramatical e gramática tradicional: fundamentos da gramática tradicional; leitura crítica das gramáticas escolares; análise da sintaxe do português*. São Paulo: Contexto.
- _____, (1995). *Contradições no ensino de português; uma língua, diversos falares; o papel da escola diante da norma; norma padrão e normas sociais*. São Paulo: Contexto.
- SILVEIRA, José Joaquim da (1971). *Noções fundamentais de cultura da língua portuguesa*. São Paulo: Nobel.
- SILVEIRA, Regina Célia Pagliuchi da (1986). *Estudos de fonologia portuguesa*. São Paulo: Cortez.
- SIQUEIRA, Valter Lellis. (1987). *O Verbo Inglês – Teoria e Prática*. São Paulo: Ática. Série Princípios.
- SKEFF, Alvisto (2000). *O prazer de escrever: atividades para a produção de linguagem escrita*. Fortaleza: Geração.
- SOARES, Magda Becker & CAMPOS, Edson Nascimento (1993). *Técnica de redação*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico.
- SOARES, Magda Becker (1995). *Linguagem e escola: uma perspectiva social*. São Paulo: Ática.
- _____, (1998). *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica.
- SOUSA, Gomes de (1981). *Manual prático de ortografia*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- SOUZA, Luiz Marques de & CARVALHO, Sérgio Waldeck (1999). *Compreensão e produção de textos*. Petrópolis: Vozes.
- SOUZA, Malu Zoega de – Coord. (2001). *Aprender e ensinar com texto: literatura juvenil em questão – aventura e desventura de heróis menores*. V.8. São Paulo: Cortez.
- _____. (1985). *Morfologia Inglesa – Noções Introdutórias*. São Paulo: Ática. Série Princípios.
- SUASSUNA, Livia (1995). *Ensino de língua portuguesa*. Campinas: Papirus.

- SYMPSON, Pedro Luiz (2001). *Gramática da língua brasileira (brasílica, tupi ou nheengatu)*. Manaus: Valer.
- TAGLIANTE, Christine. *La Classe de Langue*. CLÉ International, 1994.
- _____. *L'évaluation et le Cadre européen commun*. Paris, CLE International, 2005.
- TARALLO, Fernando (1999). *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática.
- TARALLO, Fernando & ALKMIN, Tânia (1987). *Falares crioulos: línguas em contato*. São Paulo: Ática.
- TEBEROSKY, Ana & TOLCHINSKY, Liliana – Orgs. (1999). *Além da alfabetização: a aprendizagem fonológica, ortográfica, textual e matemática*. São Paulo: Ática.
- TELES, M. L. S. *O que é Psicologia*. São Paulo: Braziliense, 1994.
- TERRA, Ernani (1995). *Minigramática*. São Paulo: Scipione.
- TFOUNI, Leda Verdiani (1995). *Letramento e alfabetização*. São Paulo: Cortez.
- THIOLLENT, Michel (1988). *Metodologia da pesquisa-ação*. São Paulo: Cortez.
- TIBIRIÇÁ, Luiz Caldas (1984). *Dicionário tupi português: com esboço de gramática de tupi antigo*. São Paulo: Traço.
- TRABALHOS EM LINGÜÍSTICA APLICADA (1992). Campinas: UNICAMP, Nº 20.
- _____, (1995). Campinas: UNICAMP, Nº 25.
- _____, (1995). Campinas: UNICAMP, Nº 26.
- _____, (1988). Campinas: UNICAMP, Nº 31.
- _____, (1999). Campinas: UNICAMP, Nº 33.
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos (1997). *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus*. São Paulo: Cortez.
- TRIVIÑOS, Augusto N. S. (1990). *Introdução à pesquisa em ciências sociais*. São Paulo: Atlas.
- TUPIASSU, Amarílis (1993). *O texto e as possibilidades da linguagem*. Belém: CEJUP.
- TWAIN, Mark. (1991). *OS MELHORES CONTOS DE*. SP: Círculo do Livro.
- UNIVERSIDADE DE CAMPINAS (1999). *Dissertações do vestibular/99*. Campinas: UNICAMP.
- VALENTE, André – Org. (1999). *Aulas de português*. Petrópolis: Vozes.
- VANOYE, Francis (1996). *Usos da linguagem: problemas e técnicas na produção oral e escrita*. São Paulo: Martins Fontes.
- VASCONCELOS, José Leite de (1922). *Textos arcaicos*. Lisboa: Clássica.
- VELOSO, Eden; MAIA, Valdeci; *Aprenda Libras com eficiência e rapidez*. Curitiba/PR: Máos Sinais, 2009.
- VERNE Jules. *Vingt mille lieues sous les mers*. Paris, Hachette, col. « Lecture facile », 1996.
- VIANNA, Ilca Oliveira de Almeida (1986). *Planejamento participativo na escola*. São Paulo: EPU.
- VIDOS, Benedek Elemér (1996). *Manual de lingüística românica*. Rio de Janeiro: EDUERJ.
- VILELA, Mário (1979). *Estruturas léxicas do português*. Coimbra: Almedina.
- VOGT, Carlos (1989). *Linguagem, pragmática e ideologia*. São Paulo: Hucitec.
- VOLTAIRE. *Zadig*. Paris, Hachette, 1993.
- WAGNER, R.L. PINCHON, J. *Grammaire du français classique et moderne*. Paris, Hachette, 1972.
- WEISS, Helga Elisabeth (1977). *Guia de fonética articulatória*. Brasília; Instituto de Lingüística de Verão.
- WILLIAMS, Edwin B. (1991). *Do latim ao português*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- WIOLAND, F. *Prononcer les mots du français*, Hachette. 1991.
- XAVIER, Maria Luisa M. & DALLA ZEN, Maria Isabel H (Orgs.). (1998). *Ensino da língua materna*. Porto Alegre.

ANEXOS

ANEXO 1 DISCIPLINAS/COMPONENTE CURRICULAR

Código	Leitura e Produção de Texto I	Total h/a	Créd.
		75	5
<p>Relações entre linguagem oral e escrita e as perspectivas diversas (visão dicotômica, visão de <i>continuum</i>, perspectiva de base enunciativa). Conceitos de letramento(s) e sua relação com a alfabetização, mitos do letramento e as práticas escolarizadas e não escolarizadas de leitura e escrita, gêneros textuais orais e escritos e as tipologias; intergenericidade e hibridismos dos gêneros. Leitura e produção escrita envolvendo as estratégias de leitura de textos teóricos. Gêneros orais formais públicos (debate, exposição oral etc.). Orientação para produção de textos próprios da esfera acadêmica (resumo, resenha, ensaio etc.). Movimentos e mecanismos enunciativos/discursivos na organização dos gêneros acadêmicos.</p>			
<p>REFERÊNCIAS</p> <p>BÁSICA</p> <p>BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: Estética da Criação Verbal, pp.277-326. São Paulo: Martins Fontes, (1952-53/1979), 1992.</p> <p>BEZERMAN, C. Gêneros textuais, tipificação e interação. São Paulo: Cortez, 2005.</p> <p>BRONCKART, J-P. Activité langagière, textes et discours: Pour un interactionisme socio-discursif. Neuchâtel et Paris : Delachaux e Niestlé, 1997.</p> <p>SCHNEUWLY, B. ; HALLER, S. L'oral comme texte: contruire un objet enseignable. In: DOLZ, J. ; B. SCHNEUWLY. Pour un enseignement de l'oral: Initiation aux genres formels à école, pp 49-73. Paris: ESF Editeur, 1998.</p> <p>ROJO, R. H. R.; CORDEIRO, G. S. (org. trad.). Gêneros orais e escritos na escola. Campinas: Mercado de Letras, 2004.</p> <p>DIONISIO, Ângela Paiva Dionísio; MACHADO, Ana Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (org.). Gêneros Textuais e Ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.</p> <p>KLEIMAN, Ângela B. (org.). Os significados do letramento. Campinas: Mercado das Letras, 1995.</p> <p>KOCH, Ingedore Villaça. A coesão textual. São Paulo: Contexto, 2005.</p> <p>KOCH, Ingedore Villaça e ELIAS, Vanda Maria. Ler e Compreender: os sentidos do texto. São Paulo: Contexto, 2010.</p> <p>KOCH, Ingedore Villaça e ELIAS, Vanda Maria. Ler e Escrever: estratégias de produção textual. São Paulo: Contexto, 2010.</p> <p>_____. Desvendando os segredos do texto. São Paulo: Cortez, 2005.</p> <p>_____. O texto e a construção dos sentidos. São Paulo: Contexto, 2005.</p> <p>LERNER, Delia. Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário, trad. Rosa Ernani. Porto Alegre: Artmed, 2002/2007.</p> <p>MACHADO, A. R; LOUSADA, E; ABREU TARDELHI. Planejar Gêneros Acadêmicos. São Paulo: Parábola, 2005.</p> <p>MACHADO, A. R; LOUSADA, E; ABREU TARDELHI. Resenha. São Paulo Parábola, 2005.</p> <p>MACHADO, A. R; LOUSADA, E; ABREU TARDELHI. Resumo. São Paulo: Parábola, 2005.</p> <p>MACHADO, Anna Rachel. A perspectiva interacionista sócio discursiva de Bronckart. In: MEUER, J. A; ROTH, D. (org.). Gêneros: teorias, métodos, debates. São Paulo: Parábola, 2005.</p> <p>MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (org.). Gêneros textuais e ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.</p> <p>MOTTA-ROTH, Désirée; HENDGES, Graciela Rabuske. Produção textual na universidade. São Paulo: Parábola, 2010.</p> <p>OLIVEIRA, Luciano Amaral. Coisas que todo professor de português precisa saber: a</p>			

teoria na prática. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
 ROJO, Roxane (org.). Alfabetização e letramento. Campinas: Mercado de Letras, 1998.
 SIGNORINI, Inês. Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento. Campinas: Mercado de Letras, 2001.
 SOARES, Magda Becker. Letramento: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.
 SOLÉ, Isabel. Estratégias de leitura, trad. Cláudia Schilling, 6 ed., Porto Alegre: Artmed, 1998/2009.

COMPLEMENTAR

TFOUNI, Leda Verdiani. Letramento e alfabetização. São Paulo: Cortez, 1995.
 ANTUNES, Irandé. Lutar com Palavras. Coesão e Coerência. São Paulo: Parábola, 2006.
 ANTUNES, Irandé. Aula de Português: encontro e interação. SP: Parábola Editorial, 2003.
 BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. IN: *Estética da Criação Verbal*, pp.277-326. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
 TEIXEIRA, Elizabeth. As três Metodologias. Belém: UNAMA, s.d.

Código	Leitura e Produção de Texto II	Total h/a 75	Créd. 5
<p>Revisão de conceitos sobre os gêneros textuais orais e escritos e suas tipologias. Noções a respeito de textualidade e os mecanismos de textualização. Relação entre texto, intertexto e hipertexto, bem como os tipos de intertextualidade. Produção, organização e refacção de textos orais e escritos da ordem tipológica do narrar como memórias e reportagens e da ordem do expor e argumentar como carta de leitor e artigo jornalístico e científico.</p>			
<p>Referências: BÁSICA Antunes, I. Lutar com palavras: Coesão e coerência. São Paulo. Parábola, 2006. BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. IN: <i>Estética da Criação Verbal</i>, pp.277-326. São Paulo: Martins Fontes, [1952-53/1979]1992. BEZERMAN, C. Gêneros textuais, tipificação e interação. São Paulo Cortez, 2005. BRONCKART, J-P. <i>Activité langagière, textes et dicours : Pour un interactionisme socio-discursif</i>. Neuchâtel et Paris : Delachaux e Niestlé, 1997. BRANDÃO, H. N. (org.) <i>Gêneros do discurso na escola</i>. São Paulo: Cortez, 2000. COSTA VAL. <i>Redação e textualidade</i>. São Paulo: Martins Fontes, 2002. DOLZ, J. ; SCHNEUWLY, B. & HALLER, S. <i>L'oral comme texte: contruire un objet enseignable</i>. IN: DOLZ, J. & B. SCHNEUWLY (1998) <i>Pour un enseignement de l'oral: Iniciation aux genres formels à école</i>, pp 49-73. Paris: ESF Editeur. Tradução em: ROJO, R. H. R. & CORDEIRO, G. S. (2004) (orgs/trads) <i>Gêneros orais e escritos na escola</i>. pp. 149-185. Campinas: Mercado de Letras, 2004 [1998]. DIONISIO, Ângela Paiva Dionísio, MACHADO, Ana Rachel & BEZERRA, Maria Auxiliadora (orgs.). <i>Gêneros Textuais e Ensino</i>. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. KOCH I. <i>Desvendando os segredos do texto</i>. São Paulo: Cortez, 2005..</p> <p>COMPLEMENTAR</p> <p>ANTUNES, Irandé (2006). <i>Lutar com Palavras. Coesão e Coerência</i>. São Paulo: Parábola. ANTUNES, Irandé (2003). <i>Aula de Português: encontro & interação</i>. SP: Parábola Editorial. BAKHTIN, M. (1952-53/1979). (1992). <i>Os gêneros do discurso</i>. IN: <i>Estética da Criação Verbal</i>, pp.277-326. São Paulo: Martins Fontes. Gramáticas e dicionários diversos para consultas.</p>			

Código	Tópicos de Pesquisa	Total h/a 90	Créd. 6
	Métodos e técnicas de pesquisa: coleta, catalogação e análise de dados. Métodos de pesquisa específicos da área de Linguagem. Subsídios para a construção de Projeto de Pesquisa de acordo com as áreas de concentração e linha de pesquisa do Curso de Letras.		
REFEERÊNCIAS			
BASICA			
André, Marli. Pesquisa em educação. Editora pedagógica e Universitária LTDA, 1986.			
André, Marli. Fundamentos da Pesquisa Etnográfica: Etnografia da Prática escolar. Papirus, 2005.			
BAKHTIN, M. Observações sobre a epistemologia das ciências humanas. pp. 398-414. IN: Estética da Criação Verbal. São Paulo: Martins Fontes, [1974/1979]1992.			
FREITAS et all. Ciências Humanas e pesquisa: Leituras de Mikhail Bakhtin. Cortez Editora, 2003.			
Moita Lopes, L. P. Oficina de Linguística Aplicada. Mercado de Letras, 2002.			
Machado et al. Planejar textos acadêmicos. Parábola. São Paulo, 2005.			
GINZBURG, C. Mitos emblemas sinais. São Paulo. Companhia das Letras, 1991.			
COMPLEMENTAR			
ABAURRE, M. B; FIAD, R; TRINDADE, M. Cenas de Aquisição da escrita: o sujeito e o trabalho com o texto. Campinas - S P. Mercado de Letras, 1997.			
Moita Lopes. L (Org.) Para uma lingüística aplicada indisciplinar. São Paulo. Parábola, 2006.			
CHIZZOTTI, Antonio. Pesquisa em Ciências humanas e sociais. São Paulo: Cortez, 2009.			

Código	Ensino/aprendizagem do português como língua estrangeira	Total h/a 60	Créd. 4
	Introdução aos sons e à estrutura da língua oral e escrita. Desenvolvimento das habilidades orais e escritas.		
REFEERÊNCIAS			
BASICA			
_____ & LOMBELLO, Leonor C. (Org.). <i>O ensino de português para estrangeiros</i> . 2. ed. Campinas: Pontes, 2001.			
ALMEIDA, Marilu Miranda Montenegro e. <i>Português como segunda língua</i> . Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1990.			
CELLI, Rosine. <i>Passagens: português do Brasil para estrangeiros</i> . Campinas: Pontes, 2000.			
FONTÃO, Elizabeth & COUNTRY, Pierre. <i>Fala Brasil: português para estrangeiros</i> . 13. ed. Campinas: Pontes, 2002.			
LAROCA, Maria Nazaré de Carvalho et al. <i>Aprendendo português do Brasil</i> . 3. ed. Campinas: Pontes, 1999.			
COMPLEMENTAR			
LIMA, Emma Eberlein O.F. & LUNES, Samira A. <i>Falando...lendo...escrevendo...português: um curso para estrangeiros</i> . São Paulo: EPU, 2005.			
LIMA, Emma Eberlein O. F., LUNES, Samira Abirad & LEITE, Marina Ribeiro. <i>Diálogo Brasil: Curso intensivo de português para estrangeiros</i> . São Paulo: EPU, 2003. (unidades de 1 a 5)			
MARCHANT, Mercedes. <i>Português para estrangeiros</i> . 27. ed. Imbé: Pégasos, 1992.			

Código	Discussões sobre os Diferentes Grupos Étnicos-sociais	Total h/a 60	Créd. 04
---------------	--	-------------------------------	---------------------------

Os povos indígenas e afro-descendentes em sua relação com a sociedade nacional. Visão estereotipada acerca dos povos indígenas e afro-descendentes na sociedade. Movimentos indígenas e afrodescendentes e direitos conquistados. Educação Escolar indígena e afrodescendente. Política Nacional de Educação Escolar Indígena e Afrodescendente. Ação pedagógica do educador no contexto indígena e afrodescendente. As peculiaridades socioculturais e linguísticas dos povos indígenas brasileiros.

REFERÊNCIAS

BÁSICA

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, Diário Oficial [da União]. Brasília, Distrito Federal, 10 de jun. 2003.

_____, Lei nº 11.645/08, de 10 de março de 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena.

_____, Orientações e ações para a educação das relações étnico-raciais. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília: Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, 2006.

_____, Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais Para Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afrobrasileira e Africana. Brasília: Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade racial, 2009.

CANDAU, Vera Maria. Pluralismo cultural, cotidiano escolar e formação de professores. *In: Candau, Vera M. (Org.). Magistério: construção cotidiana, Petrópolis: Vozes. 1997, p. 237-250.*

CAVALLEIRO, Eliane. Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola. São Paulo: Summus, 2001.

GONÇALVES. Luiz Alberto Oliveira; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e . Movimento negro e educação. *In: Revista Brasileira de Educação. N. 15. Set./out./nov./dez., 2000.*

HENRIQUES, Ricardo. *Et. ali.* (Org.). Educação Escolar Indígena: diversidade sociocultural indígena ressignificando a escola. Cadernos SECAD, v.3. MEC: Brasília, 2007.

MELIÀ, Bartomeu. Educação indígena na escola. Cadernos CEDES, ano XIX, n. 49, Dezembro, 1999.

MOURA, Clóvis. História do negro brasileiro. São Paulo: Ática, 1989.

COMPLEMENTAR

SILVA, Aracy Lopes da; GRUPIONI, Donizete, Benzi. (Org.). A temática indígena na escola: novos subsídios para professores de 1º e 2º graus. 4. Ed. São Paulo: Global Editora, MEC/MARI/UNESCO, 2004.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves. Aprendizagem e ensino das Africanidades Brasileiras. *In: MUNANGA, Kabengele. (Org.). Superando o racismo na escola. Brasília: SECAD, 2005*

Código	Educação Inclusiva para Pessoas com Necessidades Educativas Especiais	Total h/a 60	Créd. 4
---------------	--	-------------------------------	--------------------------

Introdução à Educação Inclusiva: histórico, conceitos e terminologias. Contribuições teóricas ao debate sobre o fenômeno da deficiência: concepções histórica, psicológica, filosófica e sociológica. Processos de identificação dos sujeitos da educação inclusiva. A política nacional e a fundamentação legal da Educação Inclusiva. Deficiente Auditivo (DA), Deficiente Físico (DF), Deficiente Visual (DV), Deficiente Intelectual (DI), Deficiências Múltiplas (DM) e Altas Habilidades (AH).

REFERÊNCIAS

BÁSICA

MAZZOTTA, Marcos José Silveira. Educação especial no Brasil: história e políticas públicas. 5ª Ed. São Paulo: Cortez, 2005.

SKLIAR, Carlos B. (org). Educação e exclusão. Abordagens sócio-antropológicas em educação especial. Porto Alegre: Mediação, 1997.

MANTOAN, Maria Tereza Eglér. Inclusão escolar o que é? Por quê? Como fazer? São Paulo: Moderna. 2003.

COMPLEMENTAR

CARVALHO, Edler Rosita. Educação inclusiva: com os pingos nos "Is". Porto Alegre: Mediação, 2004.

CARVALHO, Rosita Édler. Removendo barreiras para a aprendizagem. 2ed. Porto Alegre/RS: Mediação, 2002.

MORAES, Maria Cândida. Sentir pensar: fundamentos e estratégias para reencantar a educação. Petrópolis/RJ: Vozes, 2004.

Código	Didática da Língua Materna I	Total h/a	Créd.
		105	7
<p>Inserção do acadêmico do curso de Letras na perspectiva da prática de ensino a partir da compreensão de como os saberes construídos na sociedade são transformados em objeto de ensino, ou seja, passam a ser transpostos para a escola e assim ser didatizados, por meio das discussões acerca dos conceitos de didatização, transposição didática, capacidades, habilidades e estratégias.</p> <p>Será ainda realizado estudo crítico-reflexivo dos Parâmetros Curriculares e das Orientações Curriculares Nacionais para o ensino/aprendizagem da língua materna/literatura (Ensino Fundamental /Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos) em comparação com matrizes e diretrizes curriculares e projetos pedagógicos desses níveis de ensino de escolas do estado e de municípios. Tal análise deverá pautar-se numa análise sobre quais objetos são transpostos e selecionados para ser didatizados nas escolas verificando-se pertinência e progressão, bem como as estratégias propostas em relação às capacidades.</p> <p>Além disso, será estudado o percurso da língua portuguesa e sua transformação em disciplina, ou seja, em objeto de ensino.</p>			
<h4>REFERÊNCIAS</h4> <h5>BÁSICA</h5> <p>BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais-PCN/ Língua Portuguesa (3º e 4º ciclos). Brasília, MEC/SEF, 1998</p> <p>BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais-PCN/ Língua Portuguesa (Ensino Médio). Brasília, MEC/SEF, 1998.</p> <p>BRASIL. Orientações Curriculares Nacionais Língua Portuguesa (Ensino Médio). Brasília, MEC/SEF. 1998</p> <p>_____. Guia de Livros Didáticos /Programa Nacional do Livro Didático (3º e 4º ciclos) Brasília, MEC/SEF, 2011.</p> <p>KLEIMAN. A formação do Professor Perspectivas da Lingüística Aplicada. Mercado de Letras. 2001.</p>			

<p>MARCUSCHI, L. A. Produção textual, análise de Gêneros e compreensão. São Paulo. Parábola. 2008.</p> <p>ROJO, R. H. Praticando os PCN. Mercado de Letras. 2002</p> <p>TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus. São Paulo: Cortez, 1997.</p> <p>COMPLEMENTAR</p> <p>BAKHTIN, M. (1952-53/1979) Os gêneros do discurso. IN: Estética da Criação Verbal, pp.277-326. São Paulo: Martins Fontes, 1992.</p> <p>BRONCKART, J-P. Activité langagière, textes et dicours : Pour un interactionisme socio-discursif. Neuchâtel/Paris : Delachaux/Niestlé, 1997.</p>

Código	Didática da Língua Materna II	Total h/a 75 h	Créd. 5
<p>Nesta disciplina, busca-se favorecer o desenvolvimento de atividades para o ensino dos diversos objetos da língua de modo interrelacionados (Leitura, produção de textos escritos e orais e conhecimentos linguísticos), tomando como ponto de referência inicial livros didáticos de Português do Ensino Fundamental e Médio, relatos de experiência de professores de Português e breves diagnósticos do ensino da Língua Materna na realidade escolar e a preparação de sequências didáticas para esses níveis de ensino.</p>			
<p>REFERÊNCIAS</p> <p>BÁSICA</p> <p>BUNZEN C; MENDONÇA M (2006) Português no ensino médio e formação do professor. Parábola.</p> <p>BRASIL. (1998) Parâmetros Curriculares Nacionais-PCN/ Língua Portuguesa (3º e 4º ciclos). Brasília, MEC/SEF.</p> <p>KLEIMAN (2001) A formação do Professor Perspectivas da Lingüística Aplicada. Mercado de Letras.</p> <p>ROJO, R . H (2002) Praticando os PCN. Mercado de Letras.</p> <p>COMPLEMENTAR</p> <p>ciclos) Brasília, MEC/SEF.</p> <p>_____ (2010) Guia de Livros Didáticos /Programa Nacional do Livro Didático (3º e 4º ciclos) Brasília, MEC/SEF.</p> <p>_____ (2006) Guia de Livros Didáticos /Programa Nacional do Livro Didático (Ensino Médio) Brasília, MEC/SEF.</p> <p>_____ (2012) Guia de Livros Didáticos /Programa Nacional do Livro Didático (Ensino Médio) Brasília, MEC/SEF.</p>			

Código	Didática da Língua Materna III	Total h/a 75	Créd. 5
<p>Nesta disciplina, busca-se favorecer o desenvolvimento de atividades para o ensino da literatura como objeto de formação de um leitor literário. Para isso parte-se da análise dos documentos oficiais (Parâmetros Curriculares Nacionais voltados para o Ensino Fundamental e Médio e Orientações Curriculares Nacionais do Ensino Médio), tomando como ponto de referência comparativa livros didáticos de Português do Ensino Fundamental e Médio, focalizando o trabalho com a esfera literária.</p>			
<p>REFERÊNCIAS</p> <p>BÁSICA</p> <p>BUNZEN C ; MENDONÇA M .Português no ensino médio e formação do professor. Parábola, 2006.</p> <p>BRASIL . Parâmetros Curriculares Nacionais-PCN/ Língua Portuguesa (3º e 4º ciclos).</p>			

<p>Brasília, MEC/SEF, 1998.</p> <p>KLEIMAN, A. A formação do Professor Perspectivas da Lingüística Aplicada. Mercado de Letras, 2001.</p> <p>ROJO, R . H. Praticando os PCN. Mercado de Letras, 2002.</p> <p>COMPLEMENTAR</p> <p>_____ (2006) Guia de Livros Didáticos /Programa Nacional do Livro Didático Ensino Médio Brasília, MEC/SEF.</p> <p>_____ (2010) Guia de Livros Didáticos /Programa Nacional do Livro Didático Ensino Médio Brasília, MEC/SEF.</p> <p>_____ (2008) Guia de Livros Didáticos /Programa Nacional do Livro Didático (3º e 4º ciclos) Brasília, MEC/SEF.</p>
--

Código	Estágio Supervisionado em Língua Materna I	Total h/a 105	Créd. 7
<p>O Estágio tem como atribuição a realização de dois exercícios elementares para a aprendizagem da profissão docente: O exercício da análise da realidade educacional voltado para o trabalho desenvolvido em sala de aula e o exercício da Prática Docente nas séries da educação básica. O estágio supervisionado em língua materna I dará ênfase ao trabalho didático/pedagógico interdisciplinarmente envolvendo a disciplina Língua Portuguesa na Educação Básica.</p>			
<p>REFERÊNCIAS BÁSICA</p> <p>ANTUNES, Irandé. Aula de Português: encontro & interação. São Paulo:Editorial,2003.</p> <p>MORAIS, Artur G. O Aprendizado da Ortografia. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.</p> <p>MINISTÉRIO DE EDUCAÇÃO E CULTURA. (1998) Parâmetros Curriculares Nacionais: 3º e 4º ciclos do ensino fundamental – língua portuguesa. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF.</p> <p>COMPLEMENTAR</p> <p>ROJO, Roxane. Praticando os PCN. Mercado de Letras, 2002</p>			

Código	Estágio Supervisionado em Língua Materna II	Total h/a 105	Créd. 7
<p>O Estágio tem como atribuição a realização de dois exercícios elementares para a aprendizagem da profissão docente: O exercício da análise da realidade educacional voltado para o trabalho desenvolvido em sala de aula e o exercício da Prática Docente nas séries da educação básica. O estágio supervisionado em língua materna II dará ênfase ao trabalho didático/pedagógico envolvendo a disciplina Literatura na Educação Básica.</p>			

REFERÊNCIAS**BÁSICA**

ANTUNES.I. Aula de Português: encontro & interação. São Paulo:Editorial, 2003

ANTUNES.I. Análise de textos, fundamentos e práticas. Parábola. São Paulo, 2010.

MARCUSHI L.A Análise leitura e produção de textos, 2008.

MINISTÉRIO DE EDUCAÇÃO E CULTURA. Parâmetros Curriculares Nacionais: 3º e 4º ciclos do ensino fundamental – língua portuguesa. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF.1998.

COMPLEMENTAR

ROJO, Roxane. Praticando os PCN. Mercado de Letras, 2002.

Código	Introdução aos Estudos Linguísticos	Total h/a	Créd.
		75	5
Linguagem humana, língua e cultura, língua e comunicação, as funções da linguagem, a história da Lingüística, conceitos fundamentais da lingüística como ciência, semiologia e lingüística, langue e parole, a dupla articulação da linguagem, diacronia e sincronia, relações sintagmáticas e relações paradigmáticas, estrutura e sistema.			

REFERÊNCIAS**BÁSICA**

BENVENISTE, E. Problemas de Lingüística Geral I. Campinas, SP. Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1988.

CÂMARA JR, Joaquim Mattoso. Historia da Lingüística. Petrópolis. Editora Vozes, 1979.

CARVALHO, Castelar de. Para Compreender Saussure. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1998.

FIORIN, L. J. (org). Introdução aos Estudos Lingüísticos: objetos teóricos. São Paulo, Editora Contexto, 2004.

LYONS, John. Língua(gem) e Lingüística: uma introdução. Rio de Janeiro Koogan, 1987

MARTINET, André. Elementos de Lingüística Geral. São Paulo: Cultrix, 1979.

MUSSALIN, Fernanda e BENTES, Ana Cristina (orgs). Introdução à Lingüística; domínios e fronteiras vols. I e II 2ª ed.. São Paulo: Cortez, 2001

SAPIR, Edward. Lingüística como Ciência. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1969.

SAUSSURE, Ferdinand de. Curso de Lingüística Geral. São Paulo: Cultrix, 1979.

WEEDWOOD, Bárbara. História concisa da Lingüística. São Paulo: Parábola Editora, 2002.

COMPLEMENTAR

BUYSENS, Eric. (1972) Semiologia: comunicação e linguística. São Paulo: Cultrix.

CÂMARA JR, Joaquim Mattoso. (1997) Princípios de Linguística Geral. Rio de Janeiro: Acadêmica,

DUBOIS, Jean et al. (1993) Dicionário de Linguística 9ª ed. São Paulo: Cultrix,

FIORIN, José Luiz, (1994) Introdução á Linguística I: Objetos Teóricos. São Paulo: Editora Contexto,

FIORIN, José Luiz. (1994) Introdução à Lingüística II: Princípios de Análise. São Paulo: Editora Contexto.

JAKOBSON, Roman.(1999) Linguística e Comunicação 22ª ed. São Paulo: Cultrix.

LYONS, John. (1987) Língua(gem) e Linguística: uma introdução. Rio de Janeiro Koogan.

MARTELOTTA, Mário Eduardo.(2010) Manual de Linguística, São Paulo: Editora Contexto,

MARTINET, André.(1979) Elementos de Linguística Geral. São Paulo: Cultrix,

MUSSALIN, Fernanda e BENTES, Ana Cristina (orgs). (2002) Introdução à Linguística; domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez.

RECTOR, Mônica e YUNES, Eliana.(1980) Manual de Semântica. Rio de Janeiro: Ao livro Técnico

SAPIR, Edwar.(1969) Linguística como Ciência. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica.

TRASK, R. L.(org) (2010) Dicionário de Linguagem e Linguística São Paulo: Editora Contexto.

Textos da Wikipédia. ([htt://.wikipedia.org/wiki/ling](http://.wikipedia.org/wiki/ling)).

URBANO, Hudinilson (2010). A Frase na Boca do Povo.. São Paulo: Contexto, 2011.

Código	Fonética e Fonologia	Total h/a	Créd.
		75	5
<p>Conceituação e classificação de Fonética e Fonologia, anatomia e fisiologia da fala, critérios de classificação dos sons da fala, descrição dos sons linguísticos, alfabeto fonético internacional, os elementos supra-segmentais. os agrupamentos de fonemas, estrutura das sílabas, as transcrições fonéticas e fonológicas dos sons linguísticos, Fonologia e o ensino de línguas.</p>			

REFERÊNCIAS**BÁSICA**

- DUBOIS, Jean et. Al. Dicionário de linguística. São Paulo: Cultrix, 1998
- MUSSALIN, Fernanda e BENTES, Ana Cristina (orgs). Introdução à Linguística; domínios e fronteiras vl II 2ª ed.. São Paulo: Cortez, 2001
- SILVA, Thais Cristófar. Fonética e fonologia do Português: roteiro de estudos e guia de exercícios. 5ª Ed – São Paulo: Contexto, 2001
- SILVA, Thais Cristófar, Exercício de Fonética e Fonologia. São Paulo: Editora Contexto, 2010

COMPLEMENTAR

- BORBA, Francisco da Silva. Introdução aos Estudos Linguísticos 13ª ed. Campinas SP: Pontes, 2003.
- CÂMARA JR. Joaquim Mattoso. Estrutura da língua portuguesa 36ª ed. Petrópolis: Vozes, 2004.
- FIORIN, José Luiz. Introdução à Linguística II: Princípios de Análise. São Paulo: Editora Contexto, 2002.
- LOPES, Edwar. Fundamentos da Linguística Contemporânea. São Paulo: Cultrix, 1975
- LYONS, John. Língua(gem) e Linguística: uma introdução. Rio de Janeiro Koogan, 1987.
- MARTELOTTA, Mário Eduardo. Manual de Linguística, São Paulo: Editora Contexto 2010
- PITMAN, Helena Graça, Ortografia: A Relação Fonema\ Grafema. São Paulo: Thesaurus Editora, 2010.

Código	Sociolinguística	Total h/a	Créd.
		60	4
Sociolingüística: etimologia, conceito, ramificações ciências afins e tarefas; relação entre língua e sociedade, língua e cultura, língua e estilo; variabilidade lingüística, os níveis de linguagem, os tipos de diversidade lingüística.			
REFERÊNCIAS			
BÁSICA			
ALÉONG, Stanley. Normas Lingüísticas, normas sociais: uma perspectiva antropológica. In: Bagno, Marcos. Norma lingüística. São Paulo: Loyola, 2001			
BAGNO, Marcos. O preconceito lingüístico. 34ª ed. São Paulo: Ática, 2005.			
CALVET, Louis-Jean. Sociolingüística: uma introdução crítica. 3ª ed. São Paulo: Parábola. 2007.			
CAMACHO, Roberto G. Uma reflexão crítica sobre a teoria sociolingüística. In: DELTA, vol.26 nº1. São Paulo: PUC, 2010.			
CAMACHO, Roberto G. Sociolingüística. Parte II. In: Fernanda Mussalim; Anna C. Bentes (Orgs). Introdução à Lingüística – domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez Editora, 2001.			
GOMES, Cristina Abreu e CRISTOFARO, Thais. Variação lingüística: antiga questão e novas perspectivas. In Revista LINGUAGEM Volume 1 N° 2. Macapá, AP: ILAPEC, julho-dez/2004.			
HALLIDAY, M. K. e outros. As ciências lingüísticas e o ensino de línguas. Petrópolis: Vozes, 1974.			
HAUGEN, Einar. Dialeto, Língua, Nação. In: Bagno, Marcos. Norma lingüística. São Paulo: Loyola, 2001.			
HORA, Dermeval da. Teoria da Variação: Trajetória de uma proposta. In Estudos Sociolingüísticos: perfil de uma comunidade. Dermeval da Hora (org). João Pessoa, PB: ILAPEC, 2004.			
LABOV, William. O estudo da língua em seu contexto social. In: Labov, W. Padrões Sociolingüísticos. São Paulo: Parábola. 2008.			

PRETTI, Dino. Sociolinguística: os níveis da fala. 9ª ed. São Paulo: Editora da USP, 2003.
 TARALLO, Fernando. A Pesquisa Sociolinguística. 7ª ed. São Paulo: Ática 2003.
COMPLEMENTAR
 ALKMIN, Tânia M. Sociolinguística. In: Fernanda Mussalim; Anna C. Bentes (Orgs). Introdução à Linguística – domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez Editora, 2001.
 CAMACHO, Robero G. Sociolinguística. Parte II. In: Fernanda Mussalim; Anna C. Bentes (Orgs). Introdução à Linguística – domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez Editora, 2001.
 MOLLICA, Maria C. e BRAGA, Maria L. Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação. Editora Contexto, 2004.

Código	Semântica e Pragmática	Total h/a	Créd.
		60	4
Distinção entre Semiótica, Semiologia, Semântica, Linguística e Pragmática; As classificações da semântica: Filosófica, Geral e Linguística; Tradicional, histórica, formal, interpretativa e cognitiva; Os conceitos básicos da semântica linguística: Signo, problemas da significação, os processos semânticos; as análises semânticas.			
REFERÊNCIAS BÁSICA			
BARTHES, Roland. Elementos de semiologia. São Paulo: Cultrix, 1992.			
BRANDÃO, Helena Nagamini. Introdução à Análise do Discurso. Campina, SP: Editora UNICAMP, 2002.			
GUIRAUD, Pierre. A Semântica. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1972.			
ILARI, Rodolfo, Introdução à Semântica: brincando com a gramática. São Paulo, Contexto, 2006.			
LYONS, John. Introdução à Linguística Teórica. São Paulo: Editora Nacional, 1979			
MUSSALIN, Fernanda e BENTES, Ana Christina. Introdução à linguística: domínios e fronteiras v.2. (orgs.) . 4 ed. – São Paulo: Cortez, 2004.			
ORLANDI, Eni Puccinelli. Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996			
OLIVEIRA, Roberta Pires. Semantica Formal: uma breve introdução. Campinas, SP: Mercado de Letras Letras, 2001			
RECTOR, Mônica, YUNES, Eliana. Manual de Semântica. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980.			
COMPLEMENTAR			
ALI, M. Said. Meios de expressão e alterações semânticas. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1971.			
BORBA, Francisco da Silva. Introdução aos estudos lingüísticos. 12ª Campinas: Pontes, 1998.			
BUYSENS, Eric. Semiologia; comunicação e linguística. São Paulo: Cultrix, 1972.			
CHOMSKY, Noan. Reflexões sobre a linguagem. Lisboa, Editora 70, 1977.			
DUBOIS, Jean e outros. Dicionário de Linguística. São Paulo: Cultrix, 1993			

Código	Psicolinguística	Total h/a	Créd.
		60	4
Histórico da Psicolinguística; visão geral dos principais modelos linguísticos e psicológicos explicitadores dos processos de aquisição, desenvolvimento e usos da linguagem; fundamentos biológicos da linguagem.			

REFERÊNCIAS**BÁSICA**

DEL RÉ, Alessandra(org). A Aquisição da linguagem: uma abordagem psicolinguística. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

JAKUBBOVICZ, Regina e CUPELLO, Regina. Introdução à Afasia: elementos para diagnóstico e terapia, Rio de Janeiro: Reviver, 1996.

KATO, Mary. No Mundo da Escrita: uma perspectiva psicolinguística. 3ª Ed. São Paulo: Ática, 1996.

MUSSALIN, Fernanda e BENTES, Ana Cristina (orgs). Introdução à Linguística; domínios e fronteiras v I e II. 2ª ed.. São Paulo: Cortez, 2001

PETERFALVI, Jean Michel. Introdução à Psicolinguística. São Paulo: Cultrix, 1973.

SANTANA, Ana Paula. Escrita e Afasia. O lugar da linguagem escrita na afasiologia. São Paulo: Plexus, 2002.

SCLIAR-CABRAL, Leonor. Introdução à Psicolinguística. São Paulo: Ática, 1991

SLOBIN, Dan Isaac, Psicolinguística. São Paulo Ao Livro Técnico, 1980.

TITONE, Renzo, Psicolinguística Aplicada: Introdução psicológica à didática das línguas. São Paulo: Summus, 1983.

VYGOTSKY, L.S. Pensamento e Linguagem. Lisboa: Antídoto, 1979

COMPLEMENTAR

CHOMSKY, Noan. Linguagem e Pensamento 3ª Ed. Petrópolis: Vozes, 1973

DUBOIS, Jean et. Al. Dicionário de linguística. São Paulo: Cultrix, 1998

GREENE, Judith. Pensamento e Linguagem. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

LOPES, Edwar. Fundamentos da Linguística Contemporânea. São Paulo: Cultrix, 1975

LYONS, John. Língua(gem) e Linguística: uma introdução. Rio de Janeiro Koogan, 1987.

MENYUK, Paula. Aquisição e Desenvolvimento da Linguagem. São Paulo: Pioneira, 1975.

PIAGET, Jean. O Nascimento da Inteligência na Criança. 3ª Ed. Rio de Janeiro Zahar, 1978.

POTIER, Geraldine. Psicolinguística. In Manual de Linguística (vários autores) Petrópolis: Vozes, 1979.

SLAMAR-CAZACU, Tatiana. Psicolinguística Aplicada ao Ensino de Línguas. São Paulo: Pioneira, 1979.

SKINNER, B. F. O Comportamento Verbal. São Paulo: Cultrix, 1978

WEIL, Pierre; TOMPAKOW, Roland. Corpo e Fala: a linguagem silenciosa da línguas. São Paulo: Summus, 1983.

Código	Morfologia	Total h/a	Créd.
		60	4
<p>Conceituação de morfologia e sua interdependência com a fonologia e a sintaxe; conceito e classificação dos morfemas; princípios da análise mórfica; estrutura e formação dos vocábulos em português; mecanismos da flexão na língua portuguesa; classes e funções dos vocábulos em português.</p>			
REFERÊNCIAS			
BÁSICA			
BASÍLIO, M. Teoria Lexical. SP: Ática, 1987.			
BECHARA, E. Moderna Gramática Portuguesa. 37 ed. RJ: Nova Fronteira, 2009.			
CARONE, F. B. Morfossintaxe. SP: Ática, 1986.			
CUNHA, C; CINTRA, L. Nova Gramática do Português Contemporâneo. 5 ed. RJ: Lexikon, 2008.			
DUARTE, P; LIMA, M. C. Classes e Categorias em Português. Fortaleza: UFC, 2000.			
LIMA, R. Gramática Normativa da Língua Portuguesa. 31 ed. RJ: José Olympio, 1992.			
KOCK, I; SILVA, C.M. Linguística Aplicada ao Português: morfologia. 13 ed. SP: Cortez,			

2002.
 MACAMBIRA, J.R. Português Estrutural. 2 ed. SP: Pioneira, 1978.
 MATTOSO CÂMARA, J. Estrutura da Língua Portuguesa. 36 ed. Petrópolis: Vozes, 2004.
 PERINI, M. Estudos de Gramática Descritiva: as valências verbais. SP: Parábola, 2008.
 SANDMANN, A. J. Morfologia Geral. SP: Contexto, 1991.
COMPLEMENTAR
 AZEREDO, J.C. Gramática Houaiss da Língua Portuguesa. SP: Publifolha, 2010.
 BORBA, F.S. Introdução aos Estudos Linguísticos. 13 ed. Campinas, SP: Pontes, 2003.
 MONTEIRO, J.L. Morfologia Portuguesa. 4 ed. Campinas: Pontes, 2002.
 ROSA, M.C. Introdução à Morfologia. SP: Contexto, 2002.

Código	Sintaxe	Total h/a	Créd.
		60	4
Definição e classificação de Predicação; Conceito e exemplos de Referenciação; Tipos e definição de Modalização; Conceito de Conexão.			
REFERÊNCIAS			
BÁSICA			
ANTUNES, Irlande. Lutar com palavras: coesão e coerência. São Paulo: Parábola, 2005.			
CARONE, Flávia de Barros. Morfossintaxe. São Paulo: Ática: 1995.			
CARONE, Flávia de Barros. Subordinação e coordenação: confrontos e contrastes. São Paulo: Ática: 2008.			
CEGALLA, Domingos. Novíssima gramática da língua portuguesa. São Paulo: Nacional, 2005.			
KURY, Adriano da Gama. Novas lições de análise sintática. São Paulo: Ática, 2010.			
KOCH, Ingedore V. A Coesão textual. São Paulo: Contexto, 2009.			
SILVA, Maria Cecília Perez de Souza. Lingüística aplicada ao português: sintaxe. São Paulo: Cortez, 2004.			
VIEIRA, Silvia Rodrigues (org.). Ensino de gramática: descrição e uso. São Paulo: Contexto, 2011.			
COMPLEMENTAR			
ALI, Said. Dificuldades da língua portuguesa. São Paulo: Nacional, 2008.			
ALMEIDA, Nilson Teixeira de. Regência verbal e nominal. São Paulo: Atual, 1991.			
BEARZOTI FILHO, Paulo. Sintaxe de colocação. São Paulo: Atual, 1994.			
CHOMSKY, Noam. Aspectos da teoria da sintaxe. Coimbra: Armênio Amado, 1978.			
HOAUISS, Antônio. Dicionário Houaiss da Língua portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.			
MINCHILLO, Carlos Alberto Cortez. O verbo. São Paulo: Atual, 1993.			
PEREIRA, José Reis. Sintaxe estrutural. Teresina: Universidade Federal do Piauí, 2000.			
PERINI, Mário Alberto. A Gramática gerativa: introdução ao estudo da sintaxe portuguesa. Belo Horizonte: Vigília, 1985.			
PINHEIRO, João Batista G. Análise sintática. São Paulo: Atual, 1994.			

Código	Língua Latina I	Total h/a	Créd.
		60	4
Contexto histórico do latim. Alfabeto e ortofonia latina. Abordagens paradigmáticas e sintagmáticas das línguas analíticas e sintéticas. Flexão nominal. As declinações latinas dos substantivos, adjetivos e pronomes. Verbo sum e seus compostos. Flexão verbal: as conjunções regulares ativas. Sintaxe da oração em voz ativa. Expressões e citações latinas usuais na literatura científica. Tradução em Latim/Português e versão em Português/Latim.			

REFERÊNCIAS**BÁSICA**

- A.CART. P. CRIMAL, J Lamaison e R. Noiville. Gramática Latina. São Paulo: Editora da USP, 1986.
- APULÉIO, Lúcio. O asno de Ouro. São Paulo: Ediouro.
- CARDOSO, Zélia de Almeida. Iniciação ao Latim. São Paulo: Ática, 1993.
- COMBA, Padre Júlio. Gramática Latina. São Paulo: Editora Salesiana Dom Bosco, 1984.
- COMMELIN, P. Mitologia Grega e Romana. São Paulo: Martins Fontes.
- FARIA, Ernesto. Dicionário Escolar Latino-Português. Rio de Janeiro: FAE, 1988.
- FARIA, E., Gramática Superior da Língua latina. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica.
- FERREIRA, António Gomes. Dicionário de Latim-Português. Porto-Portugal, Editora Porto, 1990.
- FIGUEIREDO E ALMEIDA, José Nunes de, e Maria Ana. Compêndio de Gramática Latina. Porto-Portugal: Editora Porto.
- FONTANA, Dino Fausto. Curso de Latim. São Paulo: Saraiva, 1987.
- FURLAN, Oswaldo A. Gramática Básica de Latim. Editora da UFSC, 1993.
- FREIRE, António. Gramática Latina. Braga-Portugal: Livraria Apostoloado da Imprensa, 1992.
- GARCIA, Janete Melasso. Introdução à Teoria e Prática do Latim. Brasília: Editora da UNB, 1995.
- HAMILTON, Edith. Mitologia. São Paulo: Martins Fontes.
- NOVAK, M. da G. Poesia Lírica Latina. São Paulo: Martins Fontes.
- PERELMAN, Chaim. Retóricas. São Paulo: Martins Fontes.
- PETRÔNIO. O Satiricon. Livros de bolso europa-américa.
- REBOUL. Olivier. Introdução à Retórica. São Paulo: Martins Fontes.
- RONAI, Paulo. Curso de Latim. Gradus Primus. Volume I. São Paulo: Cultrix, 1993.
- _____. Curso de latim. Gradus Secundus. Volume I. São Paulo: Cultrix, 1993.
- SÊNECA. Medeia. São Paulo, Ediouro.
- SIENKIEWICZ, Henryk. Quo Vadis. São Paulo: Ediouro.
- SILVA NETO, Serafim da. História do Latim Vulgar. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1997.
- SPINA, S. E. Introdução à Retórica. São Paulo: Martins Fontes.
- TOSI, Renzo. Dicionário de Sentenças Latinas e Gregas. São Paulo: Martins Fontes.
- VERDIER, Roger. Marcus et Tuilie. Manual de Língua Latina. Rio de Janeiro: Presença, 1978.
- XAVIER, Ronaldo Caldeira. Latim no Direito. Rio de Janeiro: Editora Forense, 1997.
- WILLIAMS, Ediwin Bucher. Do Latim ao Português. Rio de Janeiro: Tempo Universitário.
- A.CART. P. CRIMAL, J Lamaison e R. Noiville. Gramática Latina. São Paulo: Editora da USP, 1986.
- APULÉIO, Lúcio. O asno de Ouro. São Paulo: Ediouro.
- CARDOSO, Zélia de Almeida. Iniciação ao Latim. São Paulo: Ática, 1993.
- COMBA, Padre Júlio. Gramática Latina. São Paulo: Editora Salesiana Dom Bosco, 1984.
- COMMELIN, P. Mitologia Grega e Romana. São Paulo: Martins Fontes.
- FARIA, Ernesto. Dicionário Escolar Latino-Português. Rio de Janeiro: FAE, 1988.
- FARIA, E., Gramática Superior da Língua latina. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica.
- FERREIRA, António Gomes. Dicionário de Latim-Português. Porto-Portugal, Editora Porto, 1990.
- FIGUEIREDO E ALMEIDA, José Nunes de, e Maria Ana. Compêndio de Gramática Latina. Porto-Portugal: Editora Porto.
- FONTANA, Dino Fausto. Curso de Latim. São Paulo: Saraiva, 1987.
- FURLAN, Oswaldo A. Gramática Básica de Latim. Editora da UFSC, 1993.

FREIRE, António. Gramática Latina. Braga-Portugal: Livraria Apostoloado da Imprensa, 1992.

GARCIA, Janete Melasso. Introdução à Teoria e Prática do Latim. Brasília: Editora da UNB, 1995.

HAMILTON, Edith. Mitologia. São Paulo: Martins Fontes.

NOVAK, M. da G. Poesia Lírica Latina. São Paulo: Martins Fontes.

PERELMAN, Chaim. Retóricas. São Paulo: Martins Fontes.

PETRÔNIO. O Satiricon. Livros de bolso europa-américa.

REBOUL. Olivier. Introdução à Retórica. São Paulo: Martins Fontes.

RONAI, Paulo. Curso de Latim. Gradus Primus. Volume I. São Paulo: Cultrix, 1993.

_____. Curso de latim. Gradus Secundus. Volume I. São Paulo: Cultrix, 1993.

SÊNECA. Medeia. São Paulo, Ediouro.

SIENKIEWICZ, Henryk. Quo Vadis. São Paulo: Ediouro.

SILVA NETO, Serafim da. História do Latim Vulgar. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1997.

SPINA, S. E. Introdução à Retórica. São Paulo: Martins Fontes.

COMPLEMENTAR

TOSI, Renzo. Dicionário de Sentenças Latinas e Gregas. São Paulo: Martins Fontes.

VERDIER, Roger. Marcus et Tuilie. Manual de Língua Latina. Rio de Janeiro: Presença, 1978.

XAVIER, Ronaldo Caldeira. Latim no Direito. Rio de Janeiro: Editora Forense, 1997.

WILLIAMS, Ediwyn Bucher. Do Latim ao Português. Rio de Janeiro: Tempo Universitário.

Código	Língua Latina II	Total h/a	Créd.
		60	4
<p>Conjugações regulares passivas. Conjugação de verbos depoentes, semidepoentes e antidepoentes. Numerais cardinais. Sintaxe da oração em voz passiva. Sintaxe do grau dos adjetivos latinos. Conjugações coordenativas e preposições. Período hipotético. Ablativo absoluto. Acusativo com infinitivo. Tradução Latim/Português e versão Português/Latim.</p>			
<p>REFERÊNCIAS</p> <p>BÁSICA</p> <p>ALMEIDA, Napoleão Mendes de. Gramática Latina. São Paulo: Saraiva, 1989.</p> <p>SPALDING, Tassilo Orpheu. Guia Prático de Tradução Latina. São Paulo: Cultrix, 1994</p> <p>COMPLEMENTAR</p> <p>A.CART. P. CRIMAL, J Lamaison e R. Noiville. Gramática Latina. São Paulo: Editora da USP, 1986.</p> <p>APULÉIO, Lúcio. O asno de Ouro. São Paulo: Ediouro.</p> <p>CARDOSO, Zélia de Almeida. Iniciação ao Latim. São Paulo: Ática, 1993.</p> <p>COMBA, Padre Júlio. Gramática Latina. São Paulo: Editora Salesiana Dom Bosco, 1984.</p> <p>COMMELIN, P. Mitologia Grega e Romana. São Paulo: Martins Fontes.</p> <p>FARIA, Ernesto. Dicionário Escolar Latino-Português. Rio de Janeiro: FAE, 1988.</p> <p>FARIA, E., Gramática Superior da Língua latina. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica.</p> <p>FERREIRA, António Gomes. Dicionário de Latim-Português. Porto-Portugal, Editora Porto, 1990.</p> <p>FIGUEIREDO E ALMEIDA, José Nunes de, e Maria Ana. Compêndio de Gramática Latina. Porto-Portugal: Editora Porto.</p> <p>FONTANA, Dino Fausto. Curso de Latim. São Paulo: Saraiva, 1987.</p> <p>FURLAN, Oswaldo A. Gramática Básica de Latim. Editora da UFSC, 1993.</p> <p>FREIRE, António. Gramática Latina. Braga-Portugal: Livraria Apostoloado da Imprensa, 1992.</p>			

GARCIA, Janete Melasso. Introdução à Teoria e Prática do Latim. Brasília: Editora da UNB, 1995.

HAMILTON, Edith. Mitologia. São Paulo: Martins Fontes.

NOVAK, M. da G. Poesia Lírica Latina. São Paulo: Martins Fontes.

PERELMAN, Chaim. Retóricas. São Paulo: Martins Fontes.

PETRÔNIO. O Satiricon. Livros de bolso europa-américa.

REBOUL. Olivier. Introdução à Retórica. São Paulo: Martins Fontes.

RONAI, Paulo. Curso de Latim. Gradus Primus. Volume I. São Paulo: Cultrix, 1993.

_____. Curso de latim. Gradus Secundus. Volume I. São Paulo: Cultrix, 1993.

SÊNECA. Medeia. São Paulo, Ediouro.

SIENKIEWICZ, Henryk. Quo Vadis. São Paulo: Ediouro.

SILVA NETO, Serafim da. História do Latim Vulgar. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1997.

SPINA, S. E. Introdução à Retórica. São Paulo: Martins Fontes.

TOSI, Renzo. Dicionário de Sentenças Latinas e Gregas. São Paulo: Martins Fontes.

VERDIER, Roger. Marcus et Tuilie. Manual de Língua Latina. Rio de Janeiro: Presença, 1978.

XAVIER, Ronaldo Caldeira. Latim no Direito. Rio de Janeiro: Editora Forense, 1997.

WILLIAMS, Ediwyn Bucher. Do Latim ao Português. Rio de Janeiro: Tempo Universitário, 1994.

LEITURAS ORIENTADAS:

SIENKIEWICZ, Henryk. Quo Vadis. São Paulo: Ediouro (romance polaco).

VIRGÍLIO. Eneida.

Código	Linguística Românica	Total h/a	Créd.
		60	4
A Linguística Comparada e a Linguística Histórica. As Línguas Românicas. A Geografia Linguística das Línguas Românicas. A Romanização. O Estruturalismo Linguístico de Ferdinand de Saussure. Os Estudos Diacrônicos e os Estudos Sincrônicos. A Sociolinguística do Latim. Os Metaplasmos do Latim Vulgar para as Línguas Românicas. As Criações Românicas. As Consequências Linguísticas das Invasões Romanas. A História da Língua Portuguesa. Os Estudos Contrastivos entre o Latim e suas Línguas Românicas ou entre as próprias Línguas Românicas.			
REFERÊNCIAS			
BÁSICA			
WILLIAMS, E. Bucher. Do Latim ao Português. Rio de Janeiro: Tempo Universitário, 1994.			
COUTINHO, Ismael de Lima. Gramática Histórica. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.			
ILARI, Rodolfo. Linguística Românica. São Paulo: Ática, 2002.			
TEYSSIER, Paul. História da Língua Portuguesa. São Paulo: Martins Fontes, 2001.			
COMPLEMENTAR			
SILVA, Dirlene Joceli Colla da. Metaplasmos por subtração na fala dos paraguaios residentes em Mato Grosso do Sul. Dourados: UEMS, 2005. (Monografia de especialização em Letras, na área de Variação Linguística e Confrontos).			
FARIA, Ernesto. Dicionário Escolar Latino-Português. Rio de Janeiro: FAE, 1988.			
FERREIRA, António Gomes. Dicionário de Latim-Português. Porto: Editora do Porto, 1990.			

Código	Literatura Brasileira I	Total h/a	Créd.
		60	4
Introdução ao estudo da Literatura Brasileira. As primeiras manifestações literárias: Literatura Informativa e Literatura dos Jesuítas. O Barroco. O Arcadismo. O Romantismo.			

REFERÊNCIAS**BÁSICA**

- AMORA, Antônio Soares. *História da Literatura Brasileira*. 24. ed. São Paulo. Saraiva, 2004
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1994.
- CASTELLO, José Aderaldo. *Manifestações literárias do período colonial*, Vol. 1. São Paulo: Cultrix, 1975.
- CADERMATORI, Lígia. *Períodos literários*. São Paulo: Ática, 1997.
- COELHO, Nelly Novaes. *Literatura e Linguagem. A obra literária e a expressão lingüística*. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.
- COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.
- MOISÉS, Massaud. *História da literatura brasileira: origens, barroco e arcadismo*. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1997.
- _____. *História da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1996.
- _____. *A literatura brasileira através dos textos*. São Paulo: Cultrix, 1995.
- MORICONI, Ítalo. *Os cem melhores poemas brasileiros do século*. Rio de Janeiro. Objetiva, 2001.
- PROENÇA, Domicio Filho. *Estilos de época na literatura*. 15. ed. São Paulo: Ática, 1995.
- RONCARI, Luiz. *Dos Primeiros cronistas aos últimos românticos*. São Paulo. EDUSP, 2002

COMPLEMENTAR

- ABREU, Márcia. *Histórias da história e sua história*. www.unicamp.br/iel/ensaios/htm
- CAMINHA, Pero Vaz de. *A carta*. Disponível em <http://www.aliteratura.kit.net/carta.html>
- NASCIMENTO, Regina. *A prática de leitura literária no curso de letras da unifap: algumas reflexões*. Dissertação de Mestrado. UNICAMP, 2001. Disponível em <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000218822&opt=1>.

Código	Literatura Brasileira II	Total h/a	Créd.
		60	4
Realismo, naturalismo, parnasianismo e pré-modernismo.			
REFERÊNCIAS			
BÁSICA			
AMORA, Antônio Soares. <i>História da Literatura Brasileira</i> . 24. ed. São Paulo. Saraiva, 2004			
BAKHTIN, Mikhail. <i>Questões de literatura e de estética: teoria do romance</i> . São Paulo: Martins Fontes, 1998.			
BOSI, Alfredo. <i>História concisa da literatura brasileira</i> . São Paulo: Cultrix, 1994.			
CADERMATORI, Lígia. <i>Períodos literários</i> . São Paulo: Ática, 1997.			
COELHO, Nelly Novaes. <i>Literatura e Linguagem. A obra literária e a expressão lingüística</i> . Rio de Janeiro: Vozes, 1994.			
COUTINHO, Afrânio. <i>A literatura no Brasil</i> . Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.			
MOISÉS, Massaud. <i>História da literatura brasileira. Romantismo</i> . São Paulo: Cultrix, 1995.			
_____. <i>História da literatura brasileira</i> . São Paulo: Cultrix, 1996.			
_____. <i>A literatura brasileira através dos textos</i> . São Paulo: Cultrix, 1995.			
MORICONI, Ítalo. <i>Os cem melhores contos brasileiros</i> . Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.			
MORICONI, Ítalo. <i>Os cem melhores poemas brasileiros do século</i> . Rio de Janeiro. Objetiva, 2001.			
PAIVA, Aparecida et al (org). <i>Democratizando a leitura: pesquisas e práticas</i> . Belo Horizonte: CEALE, Autêntica, 2004.			
PAIVA, Aparecida et al. <i>Literatura e letramento: espaços, suportes e interfaces – o jogo do</i>			

livro. Belo Horizonte: Autêntica/CEALE/FAe/UFGM: 2005.
 PROENÇA, Domício Filho. Estilos de época na literatura. 15. ed. São Paulo: Ática, 1995.
 RONCARI, Luiz. Dos Primeiros cronistas aos últimos românticos. São Paulo. EDUSP, 2002.

COMPLEMENTAR

ABREU, Márcia. As variadas formas de ler. In PAIVA, Aparecida. (Org). No fim do século a diversidade: o jogo do livro infantil. Belo Horizonte. Autêntica, 2000.

ABREU, Márcia. Diferentes formas de ler. Disponível em www.unicamp.br/iel/memoria.

CAMPADELLI, Samira Y. Martins Pena. São Paulo: Abril Educação, 1980.

GOULEMOT, Jean Marie. (1996). Da leitura como produção de sentido. In CHATIER, Roger.(Org). Práticas de leitura. São Paulo. Estação Liberdade, 1996, pp. 107-116.

LAJOLO, Marisa & CAMPADELLI, Samira Y. Castro Alves. São Paulo. Abril Educação, 1980.

NASCIMENTO, Regina. A prática de leitura literária no curso de letras da universidade federal do Amapá: algumas reflexões. Dissertação de Mestrado. UNICAMP, 2001.

Disponível em

<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000218822&opt=1>

PEREIRA, Lúcia Miguel. Prosa de ficção: 1870-1920. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973

Código	Literatura Brasileira III	Total h/a	Créd.
		60	4
O Modernismo e o Pós-Modernismo.			
REFERÊNCIAS			
BÁSICA			
AMORA, Antônio Soares. História da literatura brasileira. 24. ed. São Paulo. Saraiva, 2004.			
BAKHTIN, Mikhail. Questões de literatura e de estética: teoria do romance. São Paulo: Martins Fontes, 1998.			
BOSI, Alfredo. História concisa da literatura brasileira. São Paulo: Cultrix, 1994.			
CADERMATORI, Lúcia. Períodos literários. 8. ed. São Paulo: Ática, 1997.			
COELHO, NELLY NOVAES. Literatura e Linguagem. A obra literária e a expressão lingüística. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.			
COUTINHO, Afrânio. A literatura no Brasil. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.			
D'ONOFRIO, Salvatore. Literatura ocidental: autores e obras fundamentais. São Paulo: Cultrix, 2004.			
MOISÉS, Massaud. História da literatura brasileira: modernismo. São Paulo: Cultrix, 1996.			
MOISÉS, Massaud. A literatura brasileira através dos textos. São Paulo: Cultrix, 2004.			
MORICONI, Ítalo. Os cem melhores contos brasileiros. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.			
MORICONI, Ítalo. Os cem melhores poemas brasileiros do século. Rio de Janeiro. Objetiva, 2001.			
PAIVA, Aparecida et al (org). Democratizando a leitura: pesquisas e práticas. Belo Horizonte: CEALE, Autêntica, 2004.			
PAIVA, Aparecida et al. Literatura e letramento: espaços, suportes e interfaces – o jogo do livro. Belo Horizonte: Autêntica/CEALE/FAe/UFGM: 2005.			
PROENÇA, Filho Domício. Estilos de época na literatura. 15. ed. São Paulo: Ática, 1995.			
ZILBERMAN, Regina. A leitura e o ensino de literatura. São Paulo: Contexto, 1981			
COMPLEMENTAR			
ABREU, Márcia (2000). As variadas formas de ler. In PAIVA, Aparecida. (Org). No fim do século a diversidade: o jogo do livro infantil. Belo Horizonte. Autêntica.			
ABREU, Márcia. Diferentes formas de ler. Disponível em			

www..unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/Marcia/marcia.htm.
 BUARQUE, Chico. Leite derramado.
 CABRAL, João. Morte e vida Severina.
 GARCIA, Simone. Canudos: história e literatura. Curitiba: HD Livros, 2002.
 GUILHERME, Mauro. O trem de maria.
 LISPECTOR, Clarice. A hora da estrela.
 NASCIMENTO, Regina. (2001). A prática de leitura literária no curso de letras da universidade federal do Amapá: algumas reflexões. Dissertação de Mestrado.
 UNICAMP. Disponível em <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000218822&opt=1>
 ROSA, João Guimarães. Sagarana. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

Código	Literatura Infanto-Juvenil	Total h/a 60	Créd. 4
--------	----------------------------	-----------------	------------

Abordagem histórica da literatura infanto-juvenil no Brasil, fundamentos e caracterização. Características da obra infanto-juvenil. A literatura infanto-juvenil, o ensino e a formação de professores.

REFERÊNCIAS

BÁSICA

ABRAMOVICH, Fanny. *Literatura Infantil: gostosuras e bobices*. S. Paulo: Scipione, 1989.
 AGUIAR, Vera Teixeira de (coord.). *Era uma vez... na escola: formando educadores para formar leitores*. S. Paulo: Formato, 2001.
 BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. R. de Janeiro: Paz e Terra, 2006.
 COELHO, Nelly Novaes. *Panorama histórico da literatura infantil e juvenil*. S. Paulo: Ática, 1991.
 CUNHA, Maria Antonieta A. *Literatura Infantil: teoria & prática*. S. Paulo: Ática, 1985.
 LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira: história & histórias*. S. Paulo: Ática, 2003.
 OLIVEIRA, Maria Alexandre de. *A literatura para crianças e jovens no Brasil de ontem e de hoje: caminhos de ensino*. Paulinas, 2008.

COMPLEMENTAR

COELHO, Nelly Novaes. *O conto de fadas*. S. Paulo: Princípios, 1991.
 PRIETO, Heloisa. *Quer ouvir uma história? Lendas e mitos no mundo da criança*. S. Paulo: Angra, 1999.
 RIBEIRO, Paula Simon e SANCHOTENE, Rogério Fossari. *Brincadeiras infantis: origem – desenvolvimento, sugestões didáticas*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2004.
 SERRA, Elizabeth D'Angelo (org.). *30 anos de literatura para crianças e jovens: algumas leituras*. S. Paulo: Mercado de Letras: 1998.

Código	Teoria Literária I	Total h/a 60	Créd. 4
--------	--------------------	-----------------	------------

A Teoria da Literatura: Conceito, objeto, disciplinas afins, relação de complementaridade, papel propedêutico. A Literatura: conceito, funções, obra literária, as outras artes. Gêneros literários: conceito, classificação, características, teorias dos gêneros literários e espécies literárias; classificação dos gêneros - períodos literários e momentos literários: conceito, origem, caracterização e periodização.

REFERÊNCIAS**BÁSICA**

AGUIAR e SILVA, Vitor Manuel de. Teoria da Literatura. Coimbra: Imedina, 1969.
 AMORA, Antônio Soares. Introdução à Teoria da Literatura. SP: Cultrix, 1977.
 CASTAGUINO, Raul. Que é literatura? SP: Mestre Jou.
 COELHO, Nelly Novaes. Literatura e Linguagem. RJ: José Olympio.
 MOISÉS, Massaud. A criação Literária. RJ: Cultrix, 1987.
 PORTELA, Eduardo et alii. Teoria Literária. RJ: Tempo Brasileiro, 1979.
 SAMUEL, Rogel et alii. Manual de Teoria Literária. RJ: Vozes, 1992.
 STAIGER, Emil. Conceitos Fundamentais da Poética. RJ: Tempo Brasileiro, 1975.
 WELLEK, René e WARREN, Austin. Teoria da Literatura. Coleção Europa-América, 1976.

COMPLEMENTAR

Leituras de obras como: A Divina Comédia, de Dante Alighieri; Os Miseráveis, de Vitor Hugo; Dom Quixote, de Miguel de Cervantes; Grande Sertão Veredas, de Guimarães Rosa.

Código	Teoria Literária II	Total h/a	Créd.
		60	4

A criação poética: estudo da poesia e da poética. A ficção narrativa: estudo do conto, da novela, do romance e da crônica.

REFERÊNCIAS**BÁSICA**

AGUIAR e SILVA, Vitor Manuel de. Teoria da Literatura. Coimbra: Imedina, 1969.
 AMORA, Antônio Soares. Introdução à Teoria da Literatura. SP: Cultrix, 1977.
 CASTAGUINO, Raul. Que é literatura? SP: Mestre Jou.
 COELHO, Nelly Novaes. Literatura e Linguagem. RJ: José Olympio.
 MOISÉS, Massaud. A criação Literária. RJ: Cultrix, 1987.
 PORTELA, Eduardo et alii. Teoria Literária. RJ: Tempo Brasileiro, 1979.
 SAMUEL, Rogel et alii. Manual de Teoria Literária. RJ: Vozes, 1992.
 STAIGER, Emil. Conceitos Fundamentais da Poética. RJ: Tempo Brasileiro, 1975.
 WELLEK, René e WARREN, Austin. Teoria da Literatura. Coleção Europa-América, 1976.

COMPLEMENTAR

ASSIS, Machado de. D. Casmurro
 ROSA, João Guimarães. Grande Sertão Veredas.
 SABINO, Fernando. O Bom Ladrão.

Código	Literatura Amapaense	Total h/a	Créd.
		60	4

Estudo da historiografia da literatura amapaense a partir do século XIX até a atualidade e das correntes literárias que a influenciaram. Estudo de autores da literatura amapaense através de suas obras mais significativas.

REFERÊNCIAS**BÁSICA**

Loureiro, João de Jesus Paes. *Cultura Amazônica* – uma poética do imaginário: Cejup. Belém.

Portela, Eduardo e outros. *Teoria Literária: Tempo Brasileiro*. R. de Janeiro.

Picanço, Estácio Vidal. *Informações sobre a história do Amapá*: Imprensa oficial/Ap.

Macapá.

Samuel, Rogel e outros. *Manual de Teoria Literária: Vozes*. R. de Janeiro.

Santos, Fernando Rodrigues dos. *História do Amapá*: Valcan. Macapá.

COMPLEMENTAR

Vários Autores. *Macapá, Recortes Poéticos*. Edições Macapaenses: Ética/Artegraf. Imperatriz/MA.

Vários Autores. *Coletânea Amapaense. Poesia e crônica*: Graficentro/Cejup. Belém.

Corrêa, Manoel Bispo (Org.). *Poetas, contistas e cronistas do meio do mundo*: Gráfica

RVS. Macapá-Ap.

Código	Literatura Portuguesa do Período Medieval	Total h/a 60	Créd. 4
---------------	---	-------------------------------	--------------------------

Origem e periodização da Literatura Portuguesa. A Literatura Portuguesa Medieval: a poesia trovadoresca e a poética dos cancioneiros. O nascimento da prosa literária: os crônicas e as novelas de cavalaria. A literatura do séc. XV: O cancionero geral. A evolução da prosa quinhentista: a crônica palaciana. O Teatro Vicentino.

REFERÊNCIAS**BÁSICA**

DICIONÁRIO DE LÍNGUA E LITERATURA. Dirigido por Jacira Prado Coelho. RJ: Aguiar, 1973.

CORREIA, Natália. *Cantares dos Trovadores galego-portuguesa*. Lisboa: Estampa, 1970.

FIGUEIREDO, Fidelino. *A Literatura Portuguesa*. RJ: Acadêmica, 1955.

LAPA, M. Rodrigues. *Lições de Literatura Portuguesa. Época Medieval*. Coimbra, 1973.

_____. *Presença da Literatura Portuguesa. Época Medieval*. SP: Difusão Européia do Livro, 1963.

SARAIVA, Antônio José. *História da Literatura Portuguesa*. Porto s. d.

SÉRGIO, Antonio. *Breve interpretação da história de Portugal*. Lisboa: Sá da Costa, 1970.

ROUGEMONT, Denis de. *O amor e o Ocidente*. Moraes, Ed. Rio, 1986.

COMPLEMENTAR

NUNES, José Joaquim. *Crestomátio Arcaica*. Lisboa: Clássica Editores, 1959.

Código	Literatura Portuguesa Clássica	Total h/a 60	Créd. 4
---------------	--------------------------------	-------------------------------	--------------------------

O Renascimento Português: origens e característica. Poesia épica e lírica de Camões: importância e influência. Principais do Barroco. O Neo-Classicismo e suas repercussões na poesia. Oratória.

REFERÊNCIAS**BÁSICA**

ALONSO, Amado. Matéria Y Forma. Madrid: Gredos, 1960.
 AVERBACH, Erich. Mimesis. SP: Perspectiva,
 HATZEELD, Helmut. Estudos Sobre El Barroco. Madrid: Gredos, 1972.
 HAUSER, Arnauld. Maneirismo. SP: Perspectiva, 1976.
 MOISÉS, Massaud. A Literatura Portuguesa através dos textos. SP: Cultrix, 1968.
 _____. A Criação Literária. SP: Cultrix, 1980.
 _____. A Análise Literária. SP: Cultrix, 1981.
 _____. A Novela de Cavalaria no quinhentismo Português. SARAIVA, Antônio José.
 Para a história da cultura em Portugal. Lisboa: Europa-América.

COMPLEMENTAR

SILVA, Victor: Maneirismo e Barroco na Poesia lírica portuguesa. Coimbra: 1971.

Código	Literatura Portuguesa Moderna e Contemporânea	Total h/a 60	Créd. 4
Simbolismo: origem e características. Poesia e Prosa Simbolistas: Camilo Peçanha e outros. Modernismo: origem e características. Correntes literárias modernistas. Fernando Pessoa e a renovação da poesia portuguesa. O romance e o conto. Principais escritores da atualidade.			
REFERÊNCIAS BÁSICA BALAKIAN, Anna. El Movimiento Simbolista. Madri: Guadarrama, 1969. BAKATINE, Milahail. La Poétique de Dostolevsiki. Editions du Seuil, Paris, 1963. DUBOIS, J. et alli. Retórica Geral. São Paulo: Cultrix, 1974. FRANÇA, José Augusto. A Arte em Portugal no Século XX. Lisboa: Bertrand, 1974. FREEDMAN, Halph. The Lyrical Novel. P.U.P: Princenton, 1970. FRIEDRICH, Hugo. Estrutura da Lírica Moderna. São Paulo: Duas Cipades, 1978. FOUCAUT, Michel. As Palavras e as Coisas. São Paulo: Martins Fontes, 2ª ed., 1981. FRYE, Northrop. Anatomia da Crítica. São Paulo: Cultrix, 1973. COMPLEMENTAR LAUSBERG, Heinrich. Elementos de Retórica Literária. Lisboa: Calouste Gulberniderr, 2ª ed., 1972. PEREIRA, J. C. Seabra. Decadentismo e Simbolismo na Poesia Portuguesa. Coimbra, 1975.			

Código	Língua Francesa I	Total h/a 90	Créd. 6
Iniciação à expressão oral e escrita em língua francesa. Apresentação pessoal e de terceiros, saudação, caracterização psicológica, apresentação de pessoas, coisas. Compreensão de diversos atos de fala.			

REFERÊNCIAS**BÁSICA**

- BARFETY, M, BEAUJOIN, P. *Compréhension Orale.Niveau 1*. CLE International. 2005
 _____ *Expression Orale. Niveau I*. Cle International. 2005
- BAYLON, Christian, FABRE, Paul. *Grammaire systématique de la langue française*. Paris Nathan. 1973.
- BERARD, Evelyne, LAVENNE, Christian. *Modes d'emploi. Grammaire utile du français*. Paris, Hatier. 1989.
- BERARD, E, CANIER, Y, LAVENNE C. *Tempo 1 et 2. Methode de français*. Didier-Hatier. 1995.
- CALLANNAND, Monique. *Grammaire Vivante du français*, LARROUSSE.
- DELATOUR, Jennepen, LÉON-DUJOUR. Teyssier. *Grammaire Pratique du français*. Paris. HACHETTE.
- DRIVAUD, M-H, MORVAN, D. *Le Robert micro. Dictionnaire d'apprentissage de la langue française*. Nouvelles éditions. 1998.
- MABILAT, J-J, MARTINS, C. *Sons et Intonations. Exercice de Prononciation*. Didier.2004.
- MÉRIEUX Régine, LOISEAU, Yves. *Connexions. Méthode de français 1 et 2*. Paris, Didier, 2004.(livre de l'élève)
- MONNERIE, Annie. *Le français au présent. Grammaire. Français langue étrangère*. Paris. Didier-Hatier. 1987.
- GREGOIRE, M, THIEVENAZ, O. *Grammaire Progressive du français*. CLE Internatioinal (3 volumes: débutant, intermediaire et avancé).
- GREGOIRE, M, KOSTUCKI, A. *Exercices Audio de Grammaire. Grammaire progressive de français*. CLE International. 2005.
- WAGNER, R.L.PINCHON, J. *Grammaire du français classique et moderne*. Paris, Hachette, 1972.
- COMPLEMENTAR**
- BOULARÈS, Michele. *Conjugaison Progressive du Français*, Paris, Hachette, 2000.
- BOULET, R, Vergne-Sirièys, A, Quinton, S, Ogle, C. *Grammaire Expliquée du Français*. Paris, Clé International, 2003.
- MUQUEL. C. *Grammaire en dialogue*, Paris, Clé International, 2005.

Código	Língua Francesa II	Total h/a 90	Créd. 6
Desenvolvimento da capacidade de expressão e compreensão oral e escrita. Aprofundamento das estruturas já utilizadas. Compreensão de uma mensagem eletrônica e de uma carta postal e produção de pequenos diálogos.			
REFERÊNCIAS			
BÁSICA			
BARFETY, M, BEAUJOIN, P. <i>Compréhension Orale.Niveau 1</i> . CLE International. 2005 _____ <i>Expression Orale. Niveau I</i> . Cle International. 2005			
BAYLON, Christian, FABRE, Paul. <i>Grammaire systématique de la langue française</i> . Paris Nathan. 1973.			
BERARD, Evelyne, LAVENNE, Christian. <i>Modes d'emploi. Grammaire utile du français</i> . Paris, Hatier. 1989.			
BERARD, E, CANIER, Y, LAVENNE C. <i>Tempo 1 et 2. Methode de français</i> . Didier-Hatier. 1995.			
CALLANNAND, Monique. <i>Grammaire Vivante du français</i> , LARROUSSE.			

DELATOUR, Jennepen, LÉON-DUJOUR. Teyssier. Grammaire Pratique du français. Paris. HACHETTE.

DRIVAUD, M-H, MORVAN, D. *Le Robert micro. Dictionnaire d'apprentissage de la langue française*. Nouvelles éditions. 1998.

MABILAT, J-J, MARTINS, C. *Sons et Intonations. Exercice de Prononciation*. Didier.2004.

MÉRIEUX Régine, LOISEAU, Yves. *Connexions. Méthode de français 1 et 2*. Paris, Didier, 2004.(livre de l'élève)

MONNERIE, Annie. *Le français au présent. Grammaire. Français langue étrangère*. Paris. Didier-Hatier. 1987.

GREGOIRE, M, THIEVENAZ, O. *Grammaire Progressive du français*. CLE Internatioinal (3 volumes: débutant, intermediaire et avancé).

GREGOIRE, M, KOSTUCKI, A. *Exercices Audio de Grammaire. Grammaire progressive de français*. CLE International. 2005.

WAGNER, R.L.PINCHON, J. *Grammaire du français classique et moderne*. Paris, Hachette, 1972.

COMPLEMENTAR

BOULARÈS, Michele. *Conjugaison Progressive du Français*, Paris, Hachette, 2000.

BOULET, R, Vergne-Sirièys, A, Quinton, S, Ogle, C. *Grammaire Expliquée du Français*. Paris, Clé International, 2003.

MUQUEL. C. *Grammaire en dialogue*, Paris, Clé International, 2005.

Código	Língua Francesa III	Total h/a 90	Créd. 6
<p>Desenvolvimento da capacidade de expressão e compreensão oral e escrita. Aprofundamento das estruturas já utilizadas. Compreensão de um itinerário, de argumentos contraditórios, leitura de um plano, descrição de um lugar e de uma pessoa, bem como a compreensão de uma mensagem eletrônica.</p>			
<p>REFERÊNCIAS</p> <p>BÁSICA</p> <p>BARFETY, M, BEAUJOIN, P. <i>Compréhension Orale.Niveau 1</i>. CLE International. 2005</p> <p>_____ <i>Expression Orale. Niveau I</i>. Cle International. 2005</p> <p>BAYLON, Christian, FABRE, Paul. <i>Grammaire systématique de la langue française</i>. Paris Nathan. 1973.</p> <p>BERARD, Evelyne, LAVENNE, Christian. <i>Modes d'emploi. Grammaire utile du français</i>. Paris, Hatier. 1989.</p> <p>BERARD, E, CANIER, Y, LAVENNE C. <i>Tempo 1 et 2. Methode de français</i>. Didier-Hatier. 1995.</p> <p>CALLANNAND, Monique. <i>Grammaire Vivante du français</i>, LARROUSSE.</p> <p>DELATOUR, Jennepen, LÉON-DUJOUR. Teyssier. Grammaire Pratique du français. Paris. HACHETTE.</p> <p>DRIVAUD, M-H, MORVAN, D. <i>Le Robert micro. Dictionnaire d'apprentissage de la langue française</i>. Nouvelles éditions. 1998.</p> <p>MABILAT, J-J, MARTINS, C. <i>Sons et Intonations. Exercice de Prononciation</i>. Didier.2004.</p> <p>MÉRIEUX Régine, LOISEAU, Yves. <i>Connexions. Méthode de français 1 et 2</i>. Paris, Didier, 2004.(livre de l'élève)</p> <p>MONNERIE, Annie. <i>Le français au présent. Grammaire. Français langue étrangère</i>. Paris. Didier-Hatier. 1987.</p> <p>GREGOIRE, M, THIEVENAZ, O. <i>Grammaire Progressive du français</i>. CLE Internatioinal (3 volumes: débutant, intermediaire et avancé).</p>			

GREGOIRE, M, KOSTUCKI, A. *Exercices Audio de Grammaire. Grammaire progressive de français*. CLE International. 2005.
 WAGNER, R.L.PINCHON, J. *Grammaire du français classique et moderne*. Paris, Hachette, 1972
COMPLEMENTAR
 BOULARÈS, Michele. *Conjugaison Progressive du Français*, Paris, Hachette, 2000.
 BOULET, R, Vergne-Sirièys, A, Quinton, S, Ogle, C. *Grammaire Expliquée du Français*. Paris, Clé International, 2003.
 MUQUEL. C. *Grammaire en dialogue*, Paris, Clé International, 2005.

Código	Língua Francesa IV	Total h/a 90	Créd. 6
<p>Língua Francesa IV instrumentaliza o aluno com estruturas complexas elaboradas no tempo presente, passado e futuro, tornando mais eficaz sua expressão e compreensão oral e escrita. Aprofundamento de estruturas complexas através de escutas e produção oral/escrita de variados gêneros textuais.</p>			
<p>REFERÊNCIAS BÁSICA BARFETY, M, BEAUJOIN, P. <i>Compréhension Orale. Niveau 1</i>. CLE International. 2005 <i>Expression Orale. Niveau I</i>. Cle International. 2005 BAYLON, Christian, FABRE, Paul. <i>Grammaire systématique de la langue française</i>. Paris Nathan. 1973. BERARD, Evelyne, LAVENNE, Christian. <i>Modes d'emploi. Grammaire utile du français</i>. Paris, Hatier. 1989. BERARD, E, CANIER, Y, LAVENNE C. <i>Tempo 1 et 2. Methode de français</i>. Didier-Hatier. 1995 CALLANNAND, Monique. <i>Grammaire Vivante du français</i>, LARROUSSE. DELATOUR, Jennepen, LÉON-DUJOUR. Teyssier. <i>Grammaire Pratique du français</i>. Paris. HACHETTE. DRIVAUD, M-H, MORVAN, D. <i>Le Robert micro. Dictionnaire d'apprentissage de la langue française</i>. Nouvelles éditions. 1998. MABILAT, J-J, MARTINS, C. <i>Sons et Intonations. Exercice de Prononciation</i>. Didier. 2004. MÉRIEUX Régine, LOISEAU, Yves. <i>Connexions. Méthode de français 1 et 2</i>. Paris, Didier, 2004. (livre de l'élève) MONNERIE, Annie. <i>Le français au présent. Grammaire. Français langue étrangère</i>. Paris. Didier-Hatier. 1987. GREGOIRE, M, THIEVENAZ, O. <i>Grammaire Progressive du français</i>. CLE Internatioinal (3 volumes: débutant, intermediaire et avancé). GREGOIRE, M, KOSTUCKI, A. <i>Exercices Audio de Grammaire. Grammaire progressive de français</i>. CLE International. 2005. WAGNER, R.L.PINCHON, J. <i>Grammaire du français classique et moderne</i>. Paris, Hachette, 1972 COMPLEMENTAR BOULARÈS, Michele. <i>Conjugaison Progressive du Français</i>, Paris, Hachette, 2000. BOULET, R, Vergne-Sirièys, A, Quinton, S, Ogle, C. <i>Grammaire Expliquée du Français</i>. Paris, Clé International, 2003. MUQUEL. C. <i>Grammaire en dialogue</i>, Paris, Clé International, 2005.</p>			

Código	Língua Francesa V	Total h/a 90	Créd. 6
Instrumentalização de estruturas profundas; compreensão de fatos passados, ações quotidianas, de diversos registros da língua: produção de diferentes gêneros textuais e análise de estruturas complexas da língua.			
REFERÊNCIAS			
BÁSICA			
BARFETY, M, BEAUJOIN, P. <i>Compréhension Orale.Niveau 1</i> . CLE International. 2005			
_____ <i>Expression Orale. Niveau I</i> . Cle International. 2005			
BAYLON, Christian, FABRE, Paul. <i>Grammaire systématique de la langue française</i> . Paris Nathan. 1973.			
BERARD, Evelyne, LAVENNE, Christian. <i>Modes d'emploi. Grammaire utile du français</i> . Paris, Hatier. 1989.			
BERARD, E, CANIER, Y, LAVENNE C. <i>Tempo 1 et 2. Methode de français</i> . Didier-Hatier. 1995			
CALLANNAND, Monique. <i>Grammaire Vivante du français</i> , LARROUSSE.			
DELATOUR, Jennepen, LÉON-DUJOUR. Teyssier. <i>Grammaire Pratique du français</i> . Paris. HACHETTE.			
DRIVAUD, M-H, MORVAN, D. <i>Le Robert micro. Dictionnaire d'apprentissage de la langue française</i> . Nouvelles éditions. 1998.			
MABILAT, J-J, MARTINS, C. <i>Sons et Intonations. Exercice de Prononciation</i> . Didier.2004.			
MÉRIEUX Régine, LOISEAU, Yves. <i>Connexions. Méthode de français 1 et 2</i> . Paris, Didier, 2004.(livre de l'élève)			
MONNERIE, Annie. <i>Le français au présent. Grammaire. Français langue étrangère</i> . Paris. Didier-Hatier. 1987.			
GREGOIRE, M, THIEVENAZ, O. <i>Grammaire Progressive du français</i> . CLE Internatioinal (3 volumes: débutant, intermediaire et avancé).			
GREGOIRE, M, KOSTUCKI, A. <i>Exercices Audio de Grammaire. Grammaire progressive de français</i> . CLE International. 2005.			
WAGNER, R.L.PINCHON, J. <i>Grammaire du français classique et moderne</i> . Paris, Hachette, 1972			
COMPLEMENTAR			
BOULARÉS, Michele. <i>Conjugaison Progressive du Français</i> , Paris, Hachette, 2000.			
BOULET, R, Vergne-Sirièys, A, Quinton, S, Ogle, C. <i>Grammaire Expliquée du Français</i> . Paris, Clé International, 2003.			
MUQUEL. C. <i>Grammaire en dialogue</i> , Paris, Clé International, 2005.			

Código	Língua Francesa VI	Total h/a 90	Créd. 6
Aperfeiçoamento técnico nas habilidades de expressão e compreensão oral e escrita através do aprofundamento das estruturas to texto narrativo, descritivo e dissertativo. Compreensão de textos literários, criação de diálogos profundos e estudos da nominalização.			

REFERÊNCIAS**BÁSICA**

BARFETY, M, BEAUJOIN, P. *Compréhension Orale.Niveau 1*. CLE International. 2005

_____ *Expression Orale. Niveau I*. Cle International. 2005

BAYLON, Christian, FABRE, Paul. *Grammaire systématique de la langue française*. Paris Nathan. 1973.

BERARD, Evelyne, LAVENNE, Christian. *Modes d'emploi. Grammaire utile du français*. Paris, Hatier. 1989.

BERARD, E, CANIER, Y, LAVENNE C. *Tempo 1 et 2. Methode de français*. Didier-Hatier. 1995

CALLANNAND, Monique. *Grammaire Vivante du français*, LARROUSSE.

DELATOUR, Jennepen, LÉON-DUJOUR. Teyssier. *Grammaire Pratique du français*. Paris. HACHETTE.

DRIVAUD, M-H, MORVAN, D. *Le Robert micro. Dictionnaire d'apprentissage de la langue française*. Nouvelles éditions. 1998.

MABILAT, J-J, MARTINS, C. *Sons et Intonations. Exercice de Prononciation*. Didier.2004.

MÉRIEUX Régine, LOISEAU, Yves. *Connexions. Méthode de français 1 et 2*. Paris, Didier, 2004.(livre de l'élève)

MONNERIE, Annie. *Le français au présent. Grammaire. Français langue étrangère*. Paris. Didier-Hatier. 1987.

GREGOIRE, M, THIEVENAZ, O. *Grammaire Progressive du français*. CLE Internatioinal (3 volumes: débutant, intermediaire et avancé).

GREGOIRE, M, KOSTUCKI, A. *Exercices Audio de Grammaire. Grammaire progressive de français*. CLE International. 2005.

WAGNER, R.L.PINCHON, J. *Grammaire du français classique et moderne*. Paris, Hachette, 1972.

COMPLEMENTAR

BOULARÈS, Michele. *Conjugaison Progressive du Français*, Paris, Hachette, 2000.

BOULET, R, Vergne-Sirièys, A, Quinton, S, Ogle, C. *Grammaire Expliquée du Français*. Paris, Clé International, 2003.

MUQUEL. C. *Grammaire en dialogue*, Paris, Clé International, 2005.

Código	Língua Francesa VII	Total h/a	Créd.
		90	6

Aperfeiçoamento técnico nas habilidades de expressão e compreensão oral e escrita através do aprofundamento das estruturas to texto narrativo, descritivo e dissertativo. Compreensão de variados gêneros textuais, produção de cartazes com mensagens profundas, resolução de problemas e produção de relatos, expressar a obrigação, ler variados gêneros textuais, expressar a causa e a conseqüência e distinguir os diversos atos de fala.

REFERÊNCIAS**BÁSICA**

BARFETY, M, BEAUJOIN, P. *Compréhension Orale.Niveau 1*. CLE International. 2005

_____ *Expression Orale. Niveau I*. Cle International. 2005

BAYLON, Christian, FABRE, Paul. *Grammaire systématique de la langue française*. Paris Nathan. 1973.

BERARD, Evelyne, LAVENNE, Christian. *Modes d'emploi. Grammaire utile du français*. Paris, Hatier. 1989.

BERARD, E, CANIER, Y, LAVENNE C. *Tempo 1 et 2. Methode de français*. Didier-Hatier.

1995.
 CALLANNAND, Monique. *Grammaire Vivante du français*, LARROUSSE.
 DELATOUR, Jennepen, LÉON-DUJOUR. Teyssier. *Grammaire Pratique du français*. Paris. HACHETTE.
 DRIVAUD, M-H, MORVAN, D. *Le Robert micro. Dictionnaire d'apprentissage de la langue française*. Nouvelles éditions. 1998.
 MABILAT, J-J, MARTINS, C. *Sons et Intonations. Exercice de Prononciation*. Didier. 2004.
 MÉRIEUX Régine, LOISEAU, Yves. *Connexions. Méthode de français 1 et 2*. Paris, Didier, 2004. (livre de l'élève)
 MONNERIE, Annie. *Le français au présent. Grammaire. Français langue étrangère*. Paris. Didier-Hatier. 1987.
 GREGOIRE, M, THIEVENAZ, O. *Grammaire Progressive du français*. CLE Internatioinal (3 volumes: débutant, intermediaire et avancé).
 GREGOIRE, M, KOSTUCKI, A. *Exercices Audio de Grammaire. Grammaire progressive de français*. CLE International. 2005.
 WAGNER, R.L.PINCHON, J. *Grammaire du français classique et moderne*. Paris, Hachette, 1972
COMPLEMENTAR
 BOULARÈS, Michele. *Conjugaison Progressive du Français*, Paris, Hachette, 2000.
 BOULET, R, Vergne-Sirièys, A, Quinton, S, Ogle, C. *Grammaire Expliquée du Français*. Paris, Clé International, 2003.
 MUQUEL. C. *Grammaire en dialogue*, Paris, Clé International, 2005.

Código	Literaturas francesa e francófonas I	Total h/a 60	Créd. 4
Estudo de obras, autores e movimentos das literaturas francesa e francófonas da Idade Média, do século XVI e do século XVII, tendo como base a análise de textos literários representativos.			
<p>REFERÊNCIAS BÁSICA BLONDEAU Nicole, ALLOUACHE Ferroudja, NÉ Marie-Françoise. <i>Littérature progressive du français</i>, niveau intermédiaire. Paris, CLE International, 2003. DARCOS Xavier. <i>Histoire de littérature française</i>. Paris, Hachette, 1992. JOUBERT Jean-Louis. <i>Littérature Francophone : anthologie</i>. Paris, Nathan, 1992. BERTHELOT Anne et alii. <i>Langue et littérature : anthologie Moyen âge, XVI^e, XVII^e, XVIII^e siècles</i>. Paris, Nathan, 1992. DESAINTGHISLAIN Christophe et alii. <i>Français, littérature et méthodes</i>. Paris, Nathan, 1995. COMPLEMENTAR ETERSTEIN C. <i>La littérature française de A à Z</i>. Paris, Hatier, 1998. FRAGONARD M.-M. <i>Précis d'histoire de la littérature française</i>. Paris, Didier, col. « Faire lire », LIGNY C., ROUSSELOT M. <i>La littérature française : repères pratiques</i>. Paris, Nathan, 1992. PLOQUIN, Françoise ; HERMELINE Laurent, ROLLAND Dominique. <i>Littérature française : les textes essentiels</i>. Paris, Hachette, col. « Outils », 2000. PRAT, Marie-Hélène ; AVIRÉRINOS, Maryse. <i>Littérature : textes, histoire, méthode</i>, t. 1 et 2. Paris, Larousse/Bordas, 1997. SABBAH, H. <i>Textes et méthodes</i>, livres 1 et 2. Paris, Didier, col. « Littérature »,</p>			

Código	Literaturas francesa e francófonas II	Total h/a 60	Créd. 4
Estudo de obras, autores e movimentos das literaturas francesa e francófonas do século XVIII (Século das Luzes) e do século XIX – o Romantismo e o Realismo –, tendo como base a análise de textos literários representativos.			
<p>REFERÊNCIAS</p> <p>BÁSICA</p> <p>MANUAIS E ANTOLOGIAS</p> <p>BLONDEAU Nicole, ALLOUACHE Ferroudja, NÉ Marie-Françoise. <i>Littérature progressive du français, niveau intermédiaire</i>. Paris, CLE International, 2003.</p> <p>BERTHELOT Anne et alii. <i>Langue et littérature : anthologie Moyen âge, XVI^e, XVII^e, XVIII^e siècles</i>. Paris, Nathan, 1992</p> <p>CASTEX, P.-G., SURRER P. <i>Manuel des études littéraires françaises XIX^e et XX^e siècles</i>. Paris. Hachette, s.d.</p> <p>DARCOS Xavier. <i>Histoire de littérature française</i>. Paris, Hachette, 1992.</p> <p>DESAINTEGHISLAIN Christophe et alii. <i>Français, littérature et méthodes</i>. Paris, Nathan, 1995.</p> <p>JOUBERT Jean-Louis. <i>Littérature Francophone : anthologie</i>. Paris, Nathan, 1992.</p> <p>AUTORES E OBRAS DOS SÉCULOS XVIII E XIX</p> <p>BEAUMARCHAIS. <i>La folle Journée ou Le Mariage de Figaro</i>. Paris, Larousse/Bordas, 1998.</p> <p>_____. <i>La double Inconstance</i>. Paris, Larousse, 1991.</p> <p>HUGO Victor. <i>Les Châtiments</i> (extraits). Paris, Bordas, 1985.</p> <p>_____. <i>Les Misérables I</i>. Paris, Gallimard, col. « Folio », 2000.</p> <p>_____. <i>Le dernier Jour d'un condamné suivi de Claude Gueux et de L'Affaire Tapner</i>. Paris, Le Livre de poche, 1989.</p> <p>LACLOS Chordelos. <i>Les Liaisons dangereuses</i>. Paris, GF Flammarion, 1996.</p> <p>MARIVAUX. <i>Le Jeu de l'amour et du hasard</i>. Paris, Bordas, 1995.</p> <p>MONTAIGNE Michel de. <i>Essais livre 1</i>. Paris, GF Flammarion, 1969.</p> <p>ORIZET Jean (dir.). <i>La Poésie romantique II : Victor Hugo</i>, t. 6. Paris, France Loisirs, col. « La Bibliothèque de la poésie », 1992.</p> <p>ROUSSEAU Jean-Jacques. <i>Émile e Sophie ou Os solitários</i>. Ed. bilíngüe, Françoise Galler (trad.), Porto Alegre, Paraiba, 1994.</p> <p>_____. <i>Les Rêveries du promeneur solitaire</i>. Paris, Gallimard, col. "Folio", 1972.</p> <p>VOLTAIRE. <i>Zadig</i>. Paris, Hachette, 1993.</p> <p>COMPLEMENTAR</p> <p>ETERSTEIN C. <i>La littérature française de A à Z</i>. Paris, Hatier, 1998.</p> <p>FRAGONARD M.-M. <i>Précis d'histoire de la littérature française</i>. Paris, Didier, col. « Faire lire »,</p> <p>LIGNY C., ROUSSELOT M. <i>La littérature française : repères pratiques</i>. Paris, Nathan, 1992.</p> <p>PLOQUIN, Françoise ; HERMELINE Laurent, ROLLAND Dominique. <i>Littérature française : les textes essentiels</i>. Paris, Hachette, col. « Outils », 2000.</p> <p>PRAT, Marie-Hélène ; AVIRÉRINOS, Maryse. <i>Littérature : textes, histoire, méthode</i>, t. 1 et 2. Paris, Larousse/Bordas, 1997.</p> <p>SABBAH, H. <i>Textes et méthodes</i>, livres 1 et 2. Paris, Didier, col. « Littérature », s.d.</p>			

Código	Literatura francesa e francófonas III	Total h/a 60	Créd. 4
Estudo de obras, autores e movimentos das literaturas francesa e francófonas do século XIX – o Naturalismo, o Parnasianismo, o Simbolismo –, tendo como base a análise de textos literários representativos.			
REFERÊNCIAS			
BÁSICA			
MANUAIS E ANTOLOGIAS			
BLONDEAU Nicole, ALLOUACHE Ferroudja, NÉ Marie-Françoise. <i>Littérature progressive du français, niveau intermédiaire</i> . Paris, CLE International, 2003.			
CASTEX, P.-G., SURRER P. <i>Manuel des études littéraires françaises XIX^e et XX^e siècles</i> . Paris. Hachette, s.d.			
DARCOS Xavier. <i>Histoire de littérature française</i> . Paris, Hachette, 1992.			
DESAINTEGHISLAIN Christophe et alii. <i>Français, littérature et méthodes</i> . Paris, Nathan, 1995.			
JOUBERT Jean-Louis. <i>Littérature Francophone : anthologie</i> . Paris, Nathan, 1992.			
ORIZET Jean (dir.). <i>Les grands fondateurs de la poésie moderne I</i> , t. 8. Paris, France Loisirs, col. « La Bibliothèque de la poésie », 1992.			
ORIZET Jean (dir.). <i>Les grands fondateurs de la poésie moderne II</i> , t. 9. Paris, France Loisirs, col. « La Bibliothèque de la poésie », 1992.			
AUTORES E OBRAS DO SÉCULO XIX			
BAUDELAIRE Charles. <i>Les Fleurs du Mal</i> , texte étudié. Paris, Gallimard, 1993.			
GAUTIER Théophile. <i>Contes fantastiques</i> . Paris, Hachette, 1992.			
RIMBAUD Arthur. <i>Œuvres complètes : correspondances</i> . Paris, Robert Laffont, 1992.			
VERLAINE Paul. <i>Œuvres poétiques complètes</i> . Paris, Robert Laffont, 1992.			
VERNE Jules. <i>Vingt mille lieues sous les mers</i> . Paris, Hachette, col. « Lecture facile », 1996.			
COMPLEMENTAR			
ETERSTEIN C. <i>La littérature française de A à Z</i> . Paris, Hatier, 1998.			
FRAGONARD M.-M. <i>Précis d'histoire de la littérature française</i> . Paris, Didier, col. « Faire lire », s.d.			
LIGNY C., ROUSSELOT M. <i>La littérature française : repères pratiques</i> . Paris, Nathan, 1992.			
PLOQUIN, Françoise ; HERMELINE Laurent, ROLLAND Dominique. <i>Littérature française : les textes essentiels</i> . Paris, Hachette, col. « Outils », 2000.			
PRAT, Marie-Hélène ; AVIRÉRINOS, Maryse. <i>Littérature : textes, histoire, méthode</i> , t. 1 et 2. Paris, Larousse/Bordas, 1997.			
SABBAH, H. <i>Textes et méthodes</i> , livres 1 et 2. Paris, Didier, col. « Littérature », s.d.			

Código	Literatura Francesa IV	Total h/a 60	Créd. 4
Estudo das literaturas francesa e francófonas (literaturas escritas em língua francesa, fora da França) do século XX e da contemporaneidade: as obras, os autores, os movimentos literários e de ideias representativos desses períodos.			

REFERÊNCIAS**BÁSICA**

MANUAIS E ANTOLOGIAS

BLONDEAU Nicole, ALLOUACHE Ferroudja, NÉ Marie-Françoise. *Littérature progressive du français, niveau intermédiaire*. Paris, CLE International, 2003.

CASTEX, P.-G., SURRER P. *Manuel des études littéraires françaises XIX^e et XX^e siècles*. Paris. Hachette, s.d.

DARCOS Xavier. *Histoire de littérature française*. Paris, Hachette, 1992.

DESAINTGHISLAIN Christophe et alii. *Français, littérature et méthodes*. Paris, Nathan, 1995.

JOUBERT Jean-Louis. *Littérature Francophone : anthologie*. Paris, Nathan, 1992.

ORIZET Jean (dir.). *Les grands fondateurs de la poésie moderne I*, t. 8. Paris, France Loisirs, col. « La Bibliothèque de la poésie », 1992.

ORIZET Jean (dir.). *Les grands fondateurs de la poésie moderne II*, t. 9. Paris, France Loisirs, col. « La Bibliothèque de la poésie », 1992.

AUTORES E OBRAS DO SÉCULO XIX

BAUDELAIRE Charles. *Les Fleurs du Mal*, texto étudié. Paris, Gallimard, 1993.

GAUTIER Théophile. *Contes fantastiques*. Paris, Hachette, 1992.

RIMBAUD Arthur. *Œuvres complètes : correspondances*. Paris, Robert Laffont, 1992.

VERLAINE Paul. *Œuvres poétiques complètes*. Paris, Robert Laffont, 1992.

VERNE Jules. *Vingt mille lieues sous les mers*. Paris, Hachette, col. « Lecture facile », 1996.

COMPLEMENTAR

ETERSTEIN C. *La littérature française de A à Z*. Paris, Hatier, 1998.

FRAGONARD M.-M. *Précis d'histoire de la littérature française*. Paris, Didier, col. « Faire lire », s.d.

LIGNY C., ROUSSELOT M. *La littérature française : repères pratiques*. Paris, Nathan, 1992.

PLOQUIN, Françoise ; HERMELINE Laurent, ROLLAND Dominique. *Littérature française : les textes essentiels*. Paris, Hachette, col. « Outils », 2000.

PRAT, Marie-Hélène ; AVIRÉRINOS, Maryse. *Littérature : textes, histoire, méthode*, t. 1 et 2. Paris, Larousse/Bordas, 1997.

SABBAH, H. *Textes et méthodes*, livres 1 et 2. Paris, Didier, col. « Littérature », s.d.

Código	Estágio Supervisionado em FLE I	Total h/a	Créd.
		105	7

Organização das atividades curriculares. Inserção na comunidade escolar. Docência em Língua e Literatura Francesa no Ensino Fundamental. Avaliação do estágio.

REFERÊNCIAS**BÁSICA**

ANTUNES, Celso. *Língua Estrangeira e Didática*. Rio de Janeiro: Vozes. 2010.

MOROSOV, Ivete. *A didática do ensino e a avaliação da aprendizagem em língua estrangeira*/Ivete Morosov, Juliana Zeggio Martinez – Curitiba:lbpex, 2008.

COMPLEMENTAR

MARTINEZ, Pierre. *Didática de Línguas Estrangeiras*/Pierre Martinez; Tradução: Marcos Marcionilo. São Paulo: ParábolaEditorial, 2009.

Código	Estágio Supervisionado em FLE II	Total h/a 90	Créd. 6
Organização das atividades curriculares. Inserção na comunidade escolar. Docência em Língua e Literatura Francesa no Ensino Médio. Avaliação do estágio.			
REFERÊNCIAS BÁSICA ANTUNES, Celso. Língua Estrangeira e Didática. Rio de Janeiro: Vozes. 2010. MOROSOV, Ivete. A didática do ensino e a avaliação da aprendizagem em língua estrangeira/Ivete Morosov, Juliana Zeggio Martinez: Curitiba:lbpex, 2008. COMPLEMENTAR ANTUNES, Celso. Língua Estrangeira e Didática. Rio de Janeiro: Vozes. 2010. MOROSOV, Ivete. A didática do ensino e a avaliação da aprendizagem em língua estrangeira/Ivete Morosov, Juliana Zeggio Martinez – Curitiba:lbpex, 2008.			
Código	Didática do FLE I	Total h/a 75	Créd. 5
Panorama geral dos mais conhecidos métodos e abordagens de ensino de línguas estrangeiras, discussão sobre os aspectos relevantes no processo de avaliação em ensino aprendizagem de LE e reflexão sobre as questões contemporâneas e significativas para o ensino de LE.			

VII – BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- ANTUNES, Celso. *Lingua Estrangeira e Didática*. Rio de Janeiro: Vozes. 2010.
- BESSE, Henri. *Méthodes et pratiques des manuels de langue*. Paris, Didier/Crédif, 1985.
- BÉRARD, Évelyne. *L'approche communicative. Théorie et pratiques*. Paris: CLE International (coll "Didactiques des Langues étrangères »), 1981.
- CONSEIL DE L'EUROPE. *Cadre européen commun de référence pour l'apprentissage et l'enseignement des langues*. Strasbourg : Conseil de l'Europe,.Paris. Didier.1998.
- CUQ, Jean-Pierre. *Dictionnaire de didactique du Français Langue Étrangère et Seconde*, CLE International, 2003.
- GERMAIN, Claude. *Evolution de l'enseignement des langues*. 5000 ans d'histoires. Paris, CLÉ International, 1993.
- _____. *L'approche communicative en Didactiques de Langues*. Anjou (Québec) : CEC (coll « Le point sur... »), 1981.
- GIRARD, Denis. *Linguistique Appliquée et Didactiques de Langues*. Paris, Colin. 1972.
- Martinez Pierre. *La didactique des langues étrangères*. Paris, Paris, 2011.
- PÉCHEUR, Jacques & VIGNER, Gérard (org.). *Méthodes et méthodologies*. N. Spécial. Le Français dans le Monde / Recherches et applications, janvier 1995 .
- MOROSOV, Ivete. *A didática do ensino e a avaliação da aprendizagem em língua estrangeira*. Curitiba:lbpex, 2008.
- PUREN, Christian. *Histoires des méthodologies de l'enseignement des langues*. Paris, CLÉ International, 1988.
- _____. *La didactique des langues étrangères à la croisée des méthodes: essai sur l'éclectisme*. Paris: Didier (« coll. CREDIF/ essais »), 1994.

COMPLEMENTAR

MARTINEZ, Pierre. *Didática de Linguas Estrangeiras/Pierre Martinez; Tradução: Marcos Marcionilo*.São Paulo: ParábolaEditorial, 2009.

Código	Didática do FLE II	Total h/a	Créd.
		75	5

Proposição de uma reflexão teórica e crítica dos principais componentes do ensino-aprendizagem do Francês Língua Estrangeira baseado na abordagem comunicativa.

REFERÊNCIAS BÁSICA

- ANTUNES, Celso. *Lingua Estrangeira e Didática*. Rio de Janeiro: Vozes. 2010.
- BESSE, Henri. *Méthodes et pratiques des manuels de langue*. Paris, Didier/Crédif, 1985
- BÉRARD, Évelyne. *L'approche communicative. Théorie et pratiques*. Paris: CLE International (coll "Didactiques des Langues étrangères »), 1981.
- BRASIL, Parâmetros Curriculares Nacionais-PCN/ Língua Estrangeira (3º e 4º ciclos). Brasília, MEC/SEF. 1998.
- CASTELLOTTI, Véronique. *La langue maternelle en classe de langue étrangère*, Paris, CLE International, 2001.
- COURTILLON, Janine. *Élaborer un cours de FLE*, Hachette, 2002.
- CONSEIL DE L'EUROPE. *Cadre européen commun de référence pour l'apprentissage et*

l'enseignement des langues. Strasbourg : Conseil de l'Europe,.Paris. Didier.1998.

CYR, Paul. Les stratégies d'apprentissages, Paris, CLE international, 1998.

CUQ, Jean-Pierre. Dictionnaire de didactique du Français Langue Étrangère et Seconde, CLE International, 2003.

GALISSON, Robert. D'hier à aujourd'hui. La Didactique Générale des Langues étrangères. Du Structuralisme au Fonctionnalisme, Paris, CLE International, 1980.

GALISSON, Robert et PUREN, Christian. La Formation en question, Paris, CLE International, 2000.

GERMAIN, Claude. L'approche communicative en Didactiques de Langues. Anjou (Québec) : CEC (coll « Le point sur... »), 1981.

_____. Evolution de l'enseignement des langues. 5000 ans d'histoires. Paris, CLÉ International, 1993.

GIRARD, Denis. Linguistique Appliquée et Didactiques de Langues. Paris, Colin. 1972.

GOULLIER, Francis. Les Outils du Conseil de l'Europe en classe de langue. Cadre européen commun et Portfolios, Paris, Didier, 2005.

MOROSOV, Ivete. A didática do ensino e a avaliação da aprendizagem em língua estrangeira/Ivete Morosov, Juliana Zeggio Martinez – Curitiba:lbpex, 2008.

PÉCHEUR, Jacques & VIGNER, Gérard (org.). Méthodes et méthodologies. N. Spécial. Le Français dans le Monde / Recherches et applications, janvier 1995 .

PUREN, Christian. Histoires des méthodologies de l'enseignement des langues. Paris, CLÉ International, 1988.

_____. La didactique des langues étrangères à la croisée des méthodes: essai sur l'écletisme. Paris : Didier (« coll. CREDIF/ essais »), 1994

RIVENC, Paul. Pour aider à apprendre à communiquer dans une langue étrangère. Paris : Didier Érudition, 2000.

TAGLIANTE, Christine. *La Classe de Langue*. CLÉ International, 1994

_____. L'évaluation et le Cadre européen commun. Paris, CLE International, 2005.

COMPLEMENTAR

MARTINEZ, Pierre. Didática de Linguas Estrangeiras/Pierre Martinez; Tradução: Marcos Marcionilo.São Paulo: ParábolaEditorial, 2009.

Código	TCC I	Total h/a	Créd.
		30	2
Elaboração e qualificação do Projeto do Trabalho de Conclusão de Curso.			

REFERÊNCIAS**BÁSICA**

ANDRADE, Maria Margarida de. *Introdução à Metodologia do Trabalho Científico*. 9. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

ANDRÉ, Marli *Fundamentos da pesquisa etnográfica: etnografia da prática escolar*. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2005.

CERVO, Luiz. *Metodologia Científica*. 6. ed. São Paulo: Pearson Prendice Hall, 2007.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Técnicas de pesquisa*. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Fundamentos de metodologia científica*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 2007.

TEIXEIRA, Elizabeth. *As três metodologias*. 3. ed. Belém: Grapel, 2001.

COMPLEMENTAR

A base teórica e metodológica específica de cada Projeto de Trabalho de Conclusão de Curso será definida pelo acadêmico ou pelo grupo e deverá estar em conformidade com o tema a ser desenvolvido.

Código	TCC II	Total h/a 30	Créd. 2
---------------	--------	------------------------	-------------------

Redação e defesa do Trabalho de conclusão do curso

REFERÊNCIAS**BÁSICA**

ANDRADE, Maria Margarida de. *Introdução à Metodologia do Trabalho Científico*. 9. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

ANDRÉ, Marli *Fundamentos da pesquisa etnográfica: etnografia da prática escolar*. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2005.

CERVO, Luiz. *Metodologia Científica*. 6. ed. São Paulo: Pearson Prendice Hall, 2007.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Técnicas de pesquisa*. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Fundamentos de metodologia científica*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 2007.

TEIXEIRA, Elizabeth. *As três metodologias*. 3. ed. Belém: Grapel, 2001

COMPLEMENTAR

A base teórica e metodológica específica de cada Projeto de Trabalho de Conclusão de Curso será definida pelo acadêmico ou pelo grupo sob orientação do professor orientador e deverá estar em conformidade com o tema a ser desenvolvido.

Código	O ensino/aprendizagem do Português como L2 e como LE	Total h/a 60	Créd. 4
---------------	--	------------------------	-------------------

Estrutura da língua oral e escrita. Desenvolvimento das habilidades orais e escritas.

REFERÊNCIAS

BÁSICA

ALMEIDA FILHO, José Carlos de. *Dimensões comunicativas no ensino de línguas*. 2.ed. Campinas: Pontes, 2000.

_____ & LOMBELLO, Leonor C. (Org.). *O ensino de português para estrangeiros*. 2. ed. Campinas: Pontes, 2001.

ALMEIDA, Marilu Miranda Montenegro e. *Português como segunda língua*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1990.

CELLI, Rosine. *Passagens: português do Brasil para estrangeiros*. Campinas: Pontes, 2000.

FONTÃO, Elizabeth & COUNTRY, Pierre. *Fala Brasil: português para estrangeiros*. 13. ed. Campinas: Pontes, 2002.

LAROCA, Maria Nazaré de Carvalho et al. *Aprendendo português do Brasil*. 3. ed. Campinas: Pontes, 1999.

COMPLEMENTAR

LIMA, Emma Eberlein O.F. & LUNES, Samira A. *Falando...lendo...escrevendo...português: um curso para estrangeiros*. São Paulo: EPU, 2005.

LIMA, Emma Eberlein O. F., LUNES, Samira Abirad & LEITE, Marina Ribeiro. *Diálogo Brasil: Curso intensivo de português para estrangeiros*. São Paulo: EPU, 2003. (unidades de 1 a 5)

MARCHANT, Mercedes. *Português para estrangeiros*. 27. ed. Imbé: Pégasos, 1992.

Código	Linguagem Oral como Objeto de Ensino	Total h/a	Créd.
<p>Nesta disciplina serão discutidos pontos relativos: a linguagem oral como uma forma de concretização de nossas práticas sociais de uso da oralidade em situações formais públicas, as esferas de produção e circulação de gêneros orais “ escola” e a academia. Busca-se ainda apresentar noções breves sobre: as ordens/tipologias /sequências textuais envolvidas na produção oral (expor, argumentar e injunção), o caráter heterogêneo da modalidade oral da linguagem, a linguagem oral propriamente dita como um objeto ser ensinado e metodologias do ensino desse objeto.</p> <p>Do mesmo modo serão discutidos os conceitos sobre os gêneros orais formais públicos, e em seguida tratar-se-á sobre o processo de produção e avaliação desses gêneros na esfera escolar e nos livros didáticos de Língua Portuguesa do ensino fundamental e médio. Aproveitar-se-á, a partir das exposições dos acadêmicos, para se fazer a auto-avaliação sobre os modos de transpor e didatizar esses gêneros para a prática de sala de aula.</p>			
<h2>REFERÊNCIAS</h2> <h3>BÁSICA</h3> <p>BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. <i>In: Estética da Criação Verbal</i>, pp.277-326. São Paulo: Martins Fontes, 1953.</p> <p>BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais -PCN/ Língua Portuguesa (3º e 4º ciclos). Brasília, MEC/SEF. 1998.</p> <p>BRONCKART, J. P. Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo discursivo. Trad. de A.R. Machado e P. Cunha. São Paulo: Educ., 1999.</p> <p>FÁVERO, Leonor Lopes, ANDRADE, Maria Lúcia C. V. O. & AQUINO, Zilda G. O. As relações entre fala e escrita. <i>In: Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna</i>. São Paulo: Cortez, 2002.</p>			

ROJO, R. H. R. & CORDEIRO, G. S. (orgs/trads). Gêneros orais e escritos na escola, Campinas: Mercado de Letras, 2004.

_____. Letramento escolar, oralidade e escrita em sala de aula: diferentes modalidades ou gêneros do discurso?. In: Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

GOMES, Rosivaldo. O livro didático de Língua Portuguesa: um lugar de interação de disputa entre os gêneros orais e escritos?. 2010. 98 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação), Coordenação do Curso de Letras, UNIFAP, Macapá, 2010.

COMPLEMENTAR

BUNZEN, C.; MENDONÇA, M. Português no Ensino Médio e formação do professor. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

PRETI, Dino (Org.). Interação na Fala e na Escrita. São Paulo: Humanitas, 2002

Código	Tópicos da Fonética da Língua Francesa	Total h/a 60	Créd. 4
Estudo de aspectos particulares da fonética da língua francesa em nível avançado.			
REFERÊNCIAS			
BÁSICA			
ABRY, D., Chalaron, M. Phonétique, 350 exercices, Hachette. 1994			
CUREAU, J., VULETIC, B.(1976) Enseignement de la prononciation, Didier, Paris			
LEON, M et LEON P. La prononciation du français.Paris, Armand Colin, 2008.			
MABILAT, J-J, MARTINS, C. Sons et Intonations. Exercice de Prononciation. Didier.2004.			
MURILLO, J.(1976) El método verbo-tonal, UNED, Madrid.			
PAGNIEZ-DELBART, A l'écoute des sons. Les voyelles. Les consonnes, Clé International. 1990.			
COMPLEMENTAR			
RENARD, R. Introduction à la méthode verbo-tonale de correction phonétique, Didier, Paris,1971.			
WIOLAN, F. Prononcer les mots du français. Paris, Hachette, 1991.			

Código	Avaliação Educativa	Total h/a 60	Créd. 4
As diversas concepções teóricas e práticas da avaliação em confronto com as exigências legais e a realidade educacional. Os paradigmas norteadores da construção do pensamento da avaliação escolar. Os estudos sobre avaliação no Brasil: origem, trajetórias e tendências atuais. Fundamento legal da avaliação. Testar, medir e avaliar: conceitos e diferenças básicas. Função social do exame e da avaliação. A prova enquanto exame e enquanto avaliação. A avaliação da aprendizagem: funções, instrumentos, parâmetros, métodos e técnicas. Planejamento, elaboração e análise de estratégias e de instrumento de avaliação adequados à realidade educacional brasileira.			

REFERÊNCIAS**BÁSICA**

BATISTA, Antonio Augusto Gomes. Avaliação Diagnóstica. Belo Horizonte-MG: Ceale/FaE/UFMG, 2005.

CATANI, Denise Barbara; GALEGO. Avaliação. São Paulo: UNESP, 2009.

DEPRESBITERIS, Léa; TAVARES, Martinalva Rossi. Diversificar e preciso... instrumentos e técnicas de avaliação de aprendizagem. São Paulo: Senac São Paulo, 2009.

LUCKESI, Cipriano C. Avaliação da aprendizagem escolar. 19 ed. São Paulo: Cortez, 2008.

COMPLEMENTAR

SANMARTI, Neus. Avaliar para aprender. Trad. Henrique Lucas Lima. Porto Alegre: Artmed, 2009.

VASCONCELOS, Celso dos Santos. Avaliação: concepção dialética-libertadora do processo de avaliação escolar. 17 ed. São Paulo, Libertad, 2007.

Código	Didática Geral	Total h/a	Créd.
		60	4

Compreensão da função da Didática como elemento organizador de fatores que influem no processo de ensino e aprendizagem. Elaboração do plano de ensino. Visão crítica do papel do planejamento na dinâmica da construção do conhecimento pelo educando.

REFERÊNCIAS**BÁSICA**

CANDAU, V. M. A didática em questão. Petrópolis: Vozes, 1989.

Freire, Paulo. Pedagogia da Autonomia- saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, Didática. São Paulo, Cortez, 1992.

LUCKESI, C.C. Avaliação da Aprendizagem Escolar. São Paulo: Cortez, 2000.

PADILHA, Paulo Roberto. Planejamento dialógico: como construir o projeto pedagógico da escola. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire, 2001.

PURA, Lúcia Martins. Didática Teórica Didática Prática. S. Paulo, Loyola, 2000.

TURRA, Clódia Maria Godoy et al. Planejamento de ensino e avaliação. Porto alegre: Sagra Luzzatto, 1998.

VEIGA, Ilma Passos A. Repensando a Didática . 3ª ed., Campinas, Papyrus, 2000. 1996.

COMPLEMENTAR

CANDAU, V. M. Rumo a uma nova didática. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

_____ et al. Repensando a Didática. São Paulo: Papyrus, 1991.

_____. A prática pedagógica do professor de didática. São Paulo: Papyrus, 1994.

BRANDÃO, C. R. O que é Educação. São Paulo: Brasiliense, 2000.

CASTRO, A. D.; CARVALHO, M. P. de C. (orgs.). Ensinar a ensinar. São Paulo: Pioneira, 2001.

FELTRAN, A . et al. Técnicas de ensino: Por que não? São Paulo: Papyrus, 1991.

GHIRALDELLI, P. O que é Pedagogia. São Paulo: Brasiliense, 1996.

PIMENTA, Selma Garrido (org.). Didática e formação de professores: percursos e perspectivas no Brasil e em Portugal. São Paulo: Cortez, 1997.

SAVIANI, D. Escola e democracia. São Paulo: Autores Associados, 1993.

SILVA, A . M. M. (org.). Didática, currículo e saberes escolares. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

TOSI, M . R. Didática Geral: um olhar para o futuro. 2. ed. Ref. e atual. Campinas, SP: ed. Alínea, 2001.

VEIGA, I. P. A . et al. Didática: O ensino e suas relações. São Paulo: Papirus, 2000.
WENZEL, R. L. Professor: Agente da educação. São Paulo: Papirus, 1994.

Código	Legislação e Política Educacional Brasileira	Total h/a 90	Créd. 6
---------------	--	-------------------------------	--------------------------

Configurações sócio históricas da organização do ensino brasileiro: da Colônia à República. A educação nos Estatutos Jurídicos brasileiros contemporâneos e sua regulamentação decorrente.

REFERÊNCIAS BÁSICA

BRASIL. Congresso Nacional. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Nº 9.394/96, de 20/12/1996. Brasília: DOU, 2006. (resgatar em www.mec.gov.br/Legislação).

BRZEZINSKI, Iria. Ldb dez anos depois: reinterpretação sob diversos olhares. São Paulo: Cortez Editora, 2008.

CURY, Carlos Roberto Jamil. Legislação educacional brasileira. 2ª Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002 (Coleção O que você precisa saber sobre...).

DAVIES, Nicholas. Financiamento da educação: novos ou velhos desafios? São Paulo: Xamã, 2004.

MONLEVADE, João. Para entender o FUNDEB. Ceilândia, DF: Editora Idea, 2007.

RIBEIRO, João Ubaldo. Política: quem manda, por que manda e como manda. – 3ª Ed. Revista. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

SAVIANI, Dermeval. A nova lei da educação: LDB – trajetória, limites e perspectivas. Campinas, SP: Autores Associados, 1997. – (Coleção Educação Contemporânea).

_____. Da nova LDB ao novo Plano Nacional de Educação: por uma outra política educacional. Campinas, SP: Autores Associados, 1998. – (Coleção Educação Contemporânea).

_____. Da nova LDB ao FUNDEB. Campinas, SP: Autores Associados, 2008. Campinas, SP: Autores Associados, 2009. – (Coleção Polêmicas do nosso tempo).

_____. PDE – Plano de Desenvolvimento da educação: análise crítica da política do MEC.

COMPLEMENTAR

AZEVEDO, Janete M. Lins de. A educação como política pública. 2ª Ed. Campinas: São Paulo, 2001.

CIAVATTA, Maria; Frigotto, Gaudêncio; RAMOS, Marise (Org.). Ensino médio integrado: concepções e contradições. São Paulo: Cortez, 2005.

FREITAG, Bárbara. Escola, Estado & Sociedade. São Paulo, Moraes, 1980.

LIBÂNEO, José Carlos. OLIVEIRA, João Ferreira de. TOSHI, Mirza Seabra. Educação Escolar: Política, estrutura e organização. São Paulo: Cortez, 2003.

OLIVEIRA, Romualdo Portela de; ADRIÃO, Theresa (Org.). Gestão, financiamento e direito à educação: análise da LDB e da Constituição Federal. 2ª Ed. São Paulo: Xamã, 2001.

SAVIANI, Dermeval. Política e educação no Brasil: o papel do Congresso Nacional na legislação do ensino. – 3ª Ed. Campinas: Autores Associados, 1996.

Código	Psicologia da Educação	Total h/a 60	Créd. 4
---------------	------------------------	-------------------------------	--------------------------

Histórico da Psicologia. Papel das teorias psicológicas e sua implicação no contexto educacional. Evolução histórica no Brasil e sua importância no processo ensino – aprendizagem.

REFERÊNCIAS**BÁSICA**

- BARROS, Célia S. G. Pontos de Psicologia escolar. São Paulo: Ática, 1995.
 BOCK, A . M. B. *et alii*. Psicologia: uma introdução ao estudo de Psicologia. São Paulo: Saraiva, 1993.
 CÓRIA – SABINI, M. A. Fundamentos de Psicologia educacional. São Paulo: Ática, 1991.
 DAVIS, Cláudia e OLIVEIRA, Zilma de. Psicologia na Educação. São Paulo: Cortez, 1993.
 FREIRE, Izabel R. Raízes da Psicologia. Petrópolis: Vozes, 1998.
 GOULART, Íris B. Psicologia da Educação: fundamentos teóricos e aplicações à prática pedagógica. Petrópolis: Vozes, 1987.
 NICOLETTO, Ugo *et alii*. Psicologia Geral. Petrópolis, Vozes, 1995.
 PILETTI, N. Psicologia Educacional. São Paulo: Ática, 1991.

COMPLEMENTAR

- ALENCAR, Eunice S. Psicologia: introdução aos princípios do comportamento. São Paulo: Vozes, 1986.
 ANGERMEIER, W.F. Psicologia para o dia - a – dia. Petrópolis: Vozes, 1993.
 MUELLER, Fernando L. História da Psicologia: da Antigüidade aos dias de hoje: São Paulo: Nacional, 1978.
 TELES. M. L. S. O que é Psicologia. São Paulo: Braziliense, 1994.

Código	Introdução à Filosofia	Total h/a	Créd.
		60	4
Cultura. Educação e Sociedade. Conceito. Método, Divisão da Filosofia. Formação Histórica. A existência O Conhecimento Os problemas Filosóficos. A verdade e a Ciência. Os valores, A Conduta Humana, Política.			
REFERÊNCIAS			
BÁSICA			
ALTHUSSER, Louis. IDEOLOGIA E APARELHOS IDEOLÓGICOS DO ESTADO. Lisboa, Editora presença. s/a			
ALVES, Rubem. FILOSOFIA DA CIÊNCIA. 5º Ed. Brasiliense. São Paulo. 1984.			
_____. CONVERSAS COM QUEM GOSTA DE ENSINAR. 22º Ed. São Paulo: Cortez, 1988.			
ARANHA, Maria Lúcia de A. FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO. 2º edição: Moderna, São Paulo, 1996.			
ARANHA, Maria Lúcia de A. MARTINS, Maria Helena P. TEMAS DE FILOSOFIA. 1º Edição. São Paulo: Moderna, 1992.			
_____. P. TEMAS DE FILOSOFIA. 3º Edição. São Paulo: Moderna, 2005.			
_____. FILOSOFANDO: INTRODUÇÃO À FILOSOFIA. 2º Ed.rev.atual. São Paulo: Moderna, 1993.			
_____. FILOSOFANDO: INTRODUÇÃO À FILOSOFIA. 3º Ed.rev.atual. São Paulo: Moderna, 2004.			
BORNHEIM, G.A. INTRODUÇÃO AO FILOSOFAR. Porto Alegre. Globo, 1990.			
BUNGE, Mario. EPISTEMOLOGIA: CURSO DE ATUALIZAÇÃO. São Paulo: T. A. Queiroz/EDUSP, 1980, capítulo 2.			
BUSSOLA, Carlo. FILOSOFIA PARA O CURSO BÁSICO UNIVERSITÁRIO. 3ª ed. e ampl-Vitória: Fundação Ceciliano Abel de Almeida, 1994.			
BUZZI, Arcângelo. INTRODUÇÃO AO PENSAR: O SER, O CONHECIMENTO, A LINGUAGEM. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.			
_____. FILOSOFIA PARA PRINCIPIANTES: A EXISTÊNCIA HUMANA			

- NO MUNDO. 13^o Edição. Petrópolis-RJ: Vozes, 1991.
- CARVALHO, João Wilson, TEMAS BÁSICOS EM FILOSOFIA. 2^a edição. PROGRAD/UNIFAP, Macapá, 2002.
- CHAUÍ, Marilena. CONVITE À FILOSOFIA. 13^a edição revista e ampliada. São Paulo, Ed. Ática, 2004.
- _____. CONVITE À FILOSOFIA. São Paulo, Ed. Ática, 1994.
- _____. FILOSOFIA: SÉRIE ENSINO MÉDIO. 1^o Ed. Ática, São Paulo, 2000.
- CHÊTELET, F. "HISTÓRIA DA FILOSOFIA" Vol. 2.
- _____. PRIMEIRA FILOSOFIA. São Paulo: Ática, 1994.
- CHISHOLM, R. M.: *TEORIA DO CONHECIMENTO*, Rio de Janeiro: Zahar, São Paulo, 1966.
- CORBESIER, Roland. INTRODUÇÃO À FILOSOFIA. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1995.
- _____. Enciclopédia Filosófica. 6^o ed. São Paulo, Brasiliense, 1986.
- CORREIA, Wilson. wilfc2002@yahoo.com.br
- CORTELLA, Mario Sergio. A ESCOLA E O CONHECIMENTO: FUNDAMENTOS EPISTEMOLÓGICOS E POLÍTICOS. São Paulo: Cortez 2000.
- COTRIM, Gilberto. FUNDAMENTOS DA FILOSOFIA: SER, SABER E FAZER. 13^o Edição. São Paulo: Saraiva, 1997.
- _____. FUNDAMENTOS DA FILOSOFIA. HISTÓRIA E GRANDES TEMAS. 15^o Ed. Saraiva, São Paulo, 2000.
- _____. FUNDAMENTOS DA FILOSOFIA. HISTÓRIA E GRANDES TEMAS. 16^o Ed. rev.atual. Saraiva, São Paulo, 2006.
- _____. FILOSOFIA TEMÁTICA. São Paulo: Saraiva, 2008
- CORDI, SANTOS, BORBO...PARA FILOSOFAR. Ed. Scipione, São Paulo, 1995.
- _____. PARA FILOSOFAR. 4^a ed. Ed. Scipione, São Paulo, 2000.
- CHISHOLM, R. M. (1966): *TEORIA DO CONHECIMENTO*, Rio de Janeiro: Zahar, pgs. 11-15.
- FEITOSA, Charles. EXPLICANDO A FILOSOFIA COM ARTE. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.
- GAARDEN, Jostein. O MUNDO DE SOFIA. São Paulo. Ed. CIA das Letras. 1991.
- GALLO, Silvio (coord). ÉTICA E CIDADANIA: CAMINHOS DA FILOSOFIA: ELEMENTOS PARA O ENSINO DE FILOSOFIA. 11^a ed.rev.e atualizada. Campinas-SP: Papirus, 2003
- GHIRALDELI, Paulo Jr. O que é necessário à Filosofia. In: Página virtual de www.filosofia.pro.br
- GILES, Thomas R. O QUE É FILOSOFAR? EPU. São Paulo, 1984.
- _____. FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO. São Paulo, EPU, 1983.
- GRAMSCI, Antônio. CONCEPÇÃO DIALÉTICA DA HISTÓRIA. Rio de Janeiro: civilização Brasileira, 1987.
- HOSLE, Vitório. K. Nora. O CAFÉ DOS FILÓSOFOS MORTOS. São Paulo. Editora Angra, 2001.
- HUISMAN, D. VERGEZ. A. HISTÓRIA DOS FILÓSOFOS ILUSTRADA PELOS TEXTOS. 6^o Ed. Freitas Bastos. Rio de Janeiro, 1984.
- IRWIN, William. MATRIX: BEM VINDO AO DESERTO DO REAL. São Paulo: Madras Editora Ltda, 2003.
- JASPER. Karl. INTRODUÇÃO À FILOSOFIA. Cultrix, São Paulo, 1971.
- JAPIASSU, Hilton. INTRODUÇÃO AO PENSAMENTO EPISTEMOLÓGICO. Francisco Alves. RJ, 1990.
- JOLIVET, Régis. CURSO DE FILOSOFIA: tradução de Eduardo Prado de Mendonça. 20^o. Ed. Rio de Janeiro: Agir, 2001.
- MARCONDES, Danilo. INICIAÇÃO À HISTÓRIA DA FILOSOFIA: DOS PRÉ-

SOCRÁTICOS A WITTGENSTEIN. 6º ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

_____. UMA HISTÓRIA DA FILOSOFIA OCIDENTAL. (Internet) <http://geocities.yahoo.com.br/mcrost09/>

_____. UMA HISTÓRIA DA FILOSOFIA OCIDENTAL. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica – RJ, 1987.

MENDONÇA, Eduardo Prado de. O MUNDO PRECISA DE FILOSOFIA. Rio de Janeiro, Agir, 1968.

MONDIM, Batista. CURSO DE FILOSOFIA: OS FILÓSOFOS DO OCIDENTE. Paulinas, São Paulo, 1990.

_____. INTRODUÇÃO À FILOSOFIA: PROBLEMAS, SISTEMAS, AUTORES, OBRAS. São Paulo: Paulus, 1980.

MORRA, Gianfranco. São Paulo: Paulus, 2001.

MOSÉS, Viviane. Série ser ou não ser. Ética e Indiferença. www.globo.com/fantastico. 29/10/2006.

OLIVEIRA, Cristina G. www.filosofiavirtual.cjb.net

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO: REFLEXÕES E DEBATES. 2ª Ed. Belém: UNAMA, 2003.

OSBORNE, Richard. FILOSOFIA PARA PRINCIPIANTES. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 1998.

PILETTI, Cláudio e Nelson. FILOSOFIA E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO. 10º Ed. São Paulo, Ed. Ática, 1993.

POLITZER, George. PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS DA FILOSOFIA. São Paulo: Hemus, 1884.

RODRIGUES, Neidson. FILOSOFIA... PARA NÃO FILÓSOFOS. 3º Ed. São Paulo: Cortez, 2002.

SAVIANI, Dermeval. EDUCAÇÃO DO SENSO COMUM À CONSCIÊNCIA FILOSÓFICA. 12º Ed. Campinas – SP: Autores Associados, 1996.

SÁTIRO, Angélica. WUENSCH, na M. PENSANDO MELHOR: INICIAÇÃO AO FILOSOFAR. Ed. Saraiva, São Paulo, 1997.

SCHIRATO, Maria Aparecida Rhein. INICIAÇÃO À FILOSOFIA: VIVA A FILOSOFIA VIVA. São Paulo: Editora Moraes, 1987.

SEVERINO, Antônio J. FILOSOFIA. São Paulo: Cortez, 1993.

SOUZA, Maria Ribeiro de. UM OUTRO OLHAR: FILOSOFIA. São Paulo, 1995.

TELES, Maria Luiza Silveira. FILOSOFIA PARA JOVENS: UMA INICIAÇÃO À FILOSOFIA. 11ª Edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

_____. FILOSOFIA PARA O ENSINO MÉDIO. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

TIBURI, Márcia. FILOSOFIA COMUM: PARA LER JUNTO. 4ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2008.

TURNBULL, Neil. FIQUE POR DENTRO DA FILOSOFIA. São Paulo, Cosac e Naif ed., 2001.

VÁSQUEZ, Adolfo Sánchez. ÉTICA. 15º Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

WARBURTON, Nigel. O BÁSICO DA FILOSOFIA. Rio de Janeiro: José Olímpio, 2008.

WEISCHEDEL, Wilhelm. A ESCADA DOS FUNDOS DA FILOSOFIA: Editora Angra. São Paulo. 2001.

www.mundodosilosophos.com.br

www.carpediem.com.br

www.filosofia.pro.br

COMPLEMENTAR

<http://filosofiaivapro.blogs.sapo.pt/18657.html>

www.benitopepe.com/2009/02/teoria-critica-12.html ABBAGNANO, Nicola. DICIONÁRIO

DE FILOSOFIA. 2º Ed. São Paulo: Mestre Jou, 1962.

_____. HISTÓRIA DA FILOSOFIA. 2.a Edição. São Paulo: EDITORIAL PRESENÇA

AYER, Alfred. "AS QUESTÕES CENTRAIS DA FILOSOFIA". Trad. Alberto Oliva, 1975

BARKER, Stephen F. FILOSOFIA DA MATEMÁTICA. 2º Ed., Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.

BICUDO, Maria A. Viggiani. e GARNICA, Antônio Vicente M. FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO MATEMÁTICA. 2º Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

BITTAR, Eduardo C. B. DOCTRINAS E FILOSOFIAS POLÍTICAS: CONTRIBUIÇÕES PARA A HISTÓRIA DAS IDÉIAS POLÍTICAS. São Paulo: Atlas, 2002.

BOCHENSKY, M. A FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA OCIDENTAL. São Paulo, Herder, 1962.

BRABO, L. (2007) Filosofia Sistemática. <http://filosofia.catolico.org.br>

CASSIRER, E. ANTROPOLOGIA FILOSÓFICA. São Paulo: Saraiva, 1976.

CHARLOT, B. DA RELAÇÃO COM O SABER: ELEMENTOS PARA UMA TEORIA. Trad. B. Magne. Porto Alegre: Artmed, 2000.

CYRINO, H. & PENHA, C. FILOSOFIA HOJE. 2. ed. Campinas: Papyrus, 1992.

DELACAMPAGNE, Cristian. A FILOSOFIA POLÍTICA HOJE; IDÉIAS/DEBATES/QUESTÕES. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

_____. HISTÓRIA DA FILOSOFIA NO SÉCULO XX. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

FAGUNDES, Márcia Botelho. APRENDENDO VALORES ÉTICOS. Belo Horizontes: Autêntica, 2001.

FEAR, Nicholas. APRENDENDO A FILOSOFAR EM 25 LIÇÕES: DO POÇO DE TALES À DESCONSTRUÇÃO DE DERRIDA. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

FONTANA, Dino. HISTÓRIA DA FILOSOFIA, PSICOLOGIA E LÓGICA. Texto mimeografado.

FORACCHI, Maralice. PEREIRA, Luís. EDUCAÇÃO E SOCIEDADE. 10º edição. São Paulo: Nacional, 1979.

HEGENBERG, Leônidas. EXPLICAÇÕES CIENTÍFICAS: INTRODUÇÃO À FILOSOFIA DA CIÊNCIA. São Paulo: E.P.U. EDUSP, 1973, segunda parte, capítulo 5.

HESSEN, Johannes. TEORIA DO CONHECIMENTO. 6º Ed. Editoria Armênio Amado Coimbra, 1973.

LAKATOS, Eva Maria & MARCONI, Marina de Andrade. METODOLOGIA CIENTÍFICA. São Paulo: Editora Atlas, 1991.

LEGUIZAMON, Hector. Tradução: MONANZA, Ciro. FILOSOFIA: ORIGENS, CONCEITOS, ESCOLAS E PENSADORES. São Paulo: Escala Educacional, 2008.

KOHAN, Walter. ENSINO DE FILOSOFIA: PERSPECTIVAS. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

NISKIER, Arnaldo. FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO: UMA VISÃO CRÍTICA. Consultor, Rio de Janeiro, 1992.

NORONHA, Nelson Matos de. FILOSOFIA DA CIÊNCIA. – Manaus/AM: UEA, 2006.

NUNES, César Aparecido. APRENDENDO FILOSOFIA. 7º Ed. Campinas, Papyrus, 1997.

STRECKER Heidi. <http://educacao.uol.com.br/filosofia/ult3323u4.jhtm>

TEICHMAN, Jenny e EVANS, Katherine C. FILOSOFIA: UM GUIA PARA INICIANTES. São Paulo: Madras, 2009.

<http://ateus.net/artigos/filosofia>

<http://www.fortunecity.com/campus/biology/752/tconh.htm>

<http://www.serprofessoruniversitario.pro.br/ler.php?modulo=21&texto=1691>

<http://encfil.goldeye.info/> "Enciclopédia de Filosofia"

<http://pfilosofia.fateback.com/>

<http://www.pfilosofia.pop.com.br/>
www.estudantedefilosofia.com.br/doutrinas
<http://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%B3gica>

Código	Introdução à Sociologia	Total h/a 60	Créd. 4
Discussão das condições históricas e das grandes correntes do pensamento social que tornaram possível o surgimento da sociologia como Ciência; debate das polemicas que constituem o campo de reflexão desta Disciplina (objeto e método); visão geral e crítica das grandes correntes sociológicas e de seus respectivos conceitos.			
REFERÊNCIAS BÁSICA MARTINS, C. B. O que é Sociologia. São Paulo: Brasiliense, 1982. HUBERMAN, L. A História da riqueza do homem. Rio de Janeiro: Zahar, 1974. MILLS, W. A imaginação sociológica. Rio de Janeiro: Zahar, 1965. BERGER, P. Perspectivas sociológicas . Petrópolis: Vozes, 1973, DEMO, P. Sociologia - Uma introdução crítica. São Paulo: Atlas, 1985. COMPLEMENTAR FORACHI, M. A. E MARTINS, J. S. Sociologia e sociedade. São Paulo: Rio de Janeiro: Tec.e Cienc., 1977. HARNECHER, M.SANTIAGO. Os Conceitos Elementares Do Material Histórico. São Paulo: Siglo, 1971.			

Código	Educação Inclusiva para Pessoas com Necessidades Educativas Especiais	Total h/a 45	Créd. 3
Introdução à Educação Inclusiva: histórico, conceitos e terminologias. Contribuições teóricas ao debate sobre o fenômeno da deficiência: concepções histórica, psicológica, filosófica e sociológica . Processos de identificação dos sujeitos da educação inclusiva. A política nacional e a fundamentação legal da Educação Inclusiva. Deficiente Auditivo (DA), Deficiente Físico (DF), Deficiente Visual (DV), Deficiente Intelectual (DI), Deficiências Múltiplas (DM) e Altas Habilidades (AH).			
REFERÊNCIAS BÁSICA MAZZOTTA, Marcos José Silveira. Educação especial no Brasil: história e políticas públicas. 5ª Ed. São Paulo: Cortez, 2005. SKLIAR, Carlos B. (org). Educação e exclusão. Abordagens sócio-antropológicas em educação especial. Porto Alegre: Mediação, 1997. MANTOAN, Maria Tereza Eglér. Inclusão escolar o que é? Por quê? Como fazer? São Paulo: Moderna. 2003. COMPLEMENTAR CARVALHO, Edler Rosita. Educação inclusiva: com os pingos nos "Is". Porto Alegre: Mediação, 2004. CARVALHO, Rosita Édler. Removendo barreiras para a aprendizagem. 2ed. Porto Alegre/RS: Mediação, 2002. MORAES, Maria Cândida. Sentir pensar: fundamentos e estratégias para reencantar a educação. Petrópolis/RJ: Vozes, 2004.			

Código	Introdução a Libras	Total h/a 60	Créd. 4
Fundamentos da Educação de surdos; Pressupostos teórico-históricos, filosóficos, sociológicos, pedagógicos e técnicos da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS; História da Língua de sinais Brasileira; Aspectos metodológicos acerca da educação de surdos; Estrutura Gramatical; Parâmetros da LIBRAS; Sinais básicos			
REFERÊNCIAS			
BÁSICA			
FERNANDEZ, Eulália (org). Surdez e Bilingüismo. São Paulo/SP: Editora Cortez, 2003.			
GESSER, Audrei. Libras? Que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo/SP: Parábola, 2009			
QUADROS, Ronice Muller de; KARNOPP, Lodenir Becker. Língua de Sinais Brasileira: estudos lingüísticos. Porto Alegre/RS: Artmed, 2004.			
SANTANA, Ana Paula. Surdez e Linguagem: aspectos e implicações neurolinguísticas - São Paulo, Plexus, 2007.			
VELOSO, Eden; MAIA, Valdeci; Aprenda Libras com eficiência e rapidez. Curitiba/PR: Mãos Sinais, 2009.			
COMPLEMENTAR			
ALMEIDA, E.C.; DUARTE, P.M. <i>Atividades ilustradas em sinais de libras</i> . 1ª Edição. Rio de Janeiro: Revinter, 2004.			
BOTELHO, Paula. Linguagem e Letramento na Educação de Surdos. São Paulo/SP: Editora Autêntica, 2002.			
BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Decreto 5626/2005.			
CARVALHO, Rosita Édler. Removendo barreiras para a aprendizagem. 2ed. Porto Alegre/RS: Mediação, 2002.			
QUADROS, Ronice Muller de. Educação de Surdos: a aquisição da linguagem. Porto Alegre/RS: Artmed, 2004.			
PEREIRA, Rachel de Carvalho. Surdez: aquisição da linguagem e inclusão social. Rio de Janeiro. Revinter, 2008.			

Código	Reflexões sobre os diferentes grupos étnico- sociais	Total h/a 45	Créd. 3
Os povos indígenas e afro-descendentes em sua relação com a sociedade nacional. Visão estereotipada acerca dos povos indígenas e afro-descendentes na sociedade. Movimentos indígenas e afrodescendentes e direitos conquistados. Educação Escolar indígena e afrodescendente. Política Nacional de Educação Escolar Indígena e Afrodescendente. Ação pedagógica do educador no contexto indígena e afrodescendente. As peculiaridades socioculturais e linguísticas dos povos indígenas brasileiros.			
REFERÊNCIAS			
BÁSICA			
BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, Diário Oficial [da União]. Brasília, Distrito Federal, 10 de jun. 2003.			
_____, Lei nº 11.645/08, de 10 de março de 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena.			
_____, Orientações e ações para a educação das relações étnico-raciais. Ministério da			

Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília: Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, 2006.

_____, Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais Para Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afrobrasileira e Africana. Brasília: Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade racial, 2009.

CANDAÚ, Vera Maria. Pluralismo cultural, cotidiano escolar e formação de professores. *In*: Candau, Vera M. (Org.). Magistério: construção cotidiana, Petrópolis: Vozes. 1997, p. 237-250.

CAVALLEIRO, Eliane. Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola. São Paulo: Summus, 2001.

GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e . Movimento negro e educação. *In*: Revista Brasileira de Educação. N. 15. Set./out./nov./dez., 2000.

HENRIQUES, Ricardo. *Et. ali.* (Org.). Educação Escolar Indígena: diversidade sociocultural indígena ressignificando a escola. Cadernos SECAD, v.3. MEC: Brasília, 2007.

MELIÀ, Bartomeu. Educação indígena na escola. Cadernos CEDES, ano XIX, n. 49, Dezembro, 1999.

COMPLEMENTAR

MOURA, Clóvis. História do negro brasileiro. São Paulo: Ática, 1989.

SILVA, Aracy Lopes da; GRUPIONI, Donizete, Benzi. (Org.). A temática indígena na escola: novos subsídios para professores de 1º e 2º graus. 4. Ed. São Paulo: Global Editora, MEC/MARI/UNESCO, 2004.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves. Aprendizagem e ensino das Africanidades Brasileiras. *In*: MUNANGA, Kabengele. (Org.). Superando o racismo na escola. Brasília: SECAD, 2005

ANEXO 2 CÓPIA DO REGULAMENTO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO DA UNIFAP



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
CONSELHO UNIVERSITÁRIO

RESOLUÇÃO N. 02/2010 – CONSU/UNIFAP

Regulamenta o Estágio Supervisionado, no âmbito da Universidade Federal do Amapá.

O PRESIDENTE DO CONSELHO UNIVERSITÁRIO, no uso das atribuições que lhe são conferidas pelo Artigo 14, Inciso XIII, do Estatuto da UNIFAP, c/c Artigo 17, Inciso II, do Regimento Geral, e ainda, Artigo 24, Inciso IV, do Regimento do CONSU,

CONSIDERANDO:

1 A Resolução N. 02, de 19/02/2002, do Conselho Nacional de Educação, que institui a duração e a carga horária dos Cursos de Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, na modalidade licenciatura;

2 O Parecer N. 67, de 11/03/2003, do Conselho Nacional de Educação, que dispõe sobre o Referencial para as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) dos Cursos de Graduação;

3 A Resolução N. 2, de 18/06/2007, que dispõe sobre a carga horária mínima e procedimentos relativos à integralização e duração dos cursos de Graduação, na modalidade bacharelado-presencial; e

4 A Lei N. 11.788, de 25/09/2008, que dispõe sobre o Estágio de estudantes de Instituições regulares de Ensino.

RESOLVE:

Art. 1º Aprovar as Diretrizes regulamentadoras do Estágio Supervisionado, no âmbito da UNIFAP, dispostas no Apêndice desta Resolução, sendo dela parte integrante e indissociável.

Art. 2º Determinar a todos os Colegiados de Curso que, no prazo máximo de 180 (cento e oitenta) dias, promovam o ajustamento de seus respectivos Projetos Pedagógicos a esta Resolução, e que elaborem Projeto-Referência de Estágio.

Art. 3º Esta Normatização entra em vigor na data de sua assinatura, com efeito retroativo às turmas ingressantes nos Cursos de Graduação da UNIFAP a partir do 1º semestre letivo de 2009, revogadas todas as disposições em contrário.

Gabinete do Presidente do Conselho Universitário da Fundação Universidade Federal do Amapá, em Macapá, 26 de fevereiro de 2010.

Prof. Dr. José Carlos Tavares Carvalho
Presidente do Conselho Universitário



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
CONSELHO UNIVERSITÁRIO

APÊNDICE DA RESOLUÇÃO N. 02/2010, DE 26 DE FEVEREIRO DE 2010 – CONSU/UNIFAP

NORMATIZAÇÃO PARA O ESTÁGIO SUPERVISIONADO

CAPÍTULO I
DA DEFINIÇÃO DO ESTÁGIO

Art. 1º Estágio é um modo especial de capacitação em serviço, caracterizado por conjunto de atividades de prática pré-profissional, exercidas pelo acadêmico em ambiente real de trabalho, sob supervisão, e que possibilita a apreensão de informações sobre o mercado de trabalho, desenvolvimento de conhecimentos e habilidades específicas à formação profissional, e ainda, aperfeiçoamento cultural e de relacionamento humano.

§ 1º O Estágio poderá ser desenvolvido em instituições privadas e/ou em órgãos da administração pública direta, autárquica e fundacional, de qualquer dos poderes da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios; bem como em escritórios de profissionais liberais, portadores de diploma de nível superior, e que estejam devidamente registrados em seus respectivos Conselhos.

§ 2º A natureza prática do Estágio não pode ser confundida com a dimensão prática das demais disciplinas integrantes do currículo.

CAPÍTULO II
DOS OBJETIVOS DO ESTÁGIO

Art. 2º O Estágio tem os seguintes objetivos:

- I Estabelecer conexões reais entre a formação acadêmica e o mundo profissional;
- II Associar os conhecimentos adquiridos durante o Curso de Graduação às habilidades que o profissional precisa desenvolver para “saber-fazer” frente às exigências da sociedade e das organizações;
- III Propiciar aos acadêmicos espaços e experiências profissionais, para o desenvolvimento de competências voltadas à solução de problemas;
- IV Complementar o processo ensino-aprendizagem promovido pelo Curso de Graduação, mediante o fortalecimento das potencialidades do aluno e de seu aprimoramento profissional e pessoal.

CAPÍTULO III
DA NATUREZA DO ESTÁGIO

Art. 3º O Estágio pode ser de duas naturezas:

- I Obrigatório: é aquele previsto no Projeto Pedagógico do Curso de Graduação, como componente indispensável para a integralização do currículo;
- II Não-Obrigatório: é aquele desenvolvido como atividade opcional, acrescida à carga horária obrigatória do Curso de Graduação.

Parágrafo único: o Estágio, tanto Obrigatório quanto Não-Obrigatório, em hipótese alguma cria vínculo empregatício.

CAPÍTULO IV DA FORMALIZAÇÃO DO ESTÁGIO

Art. 4º Caberá à Divisão de Estágio (DE), na condição de órgãos da UNIFAP responsável pela coordenação administrativa do Estágio, promover Cadastramento, firmar Convênio e assinar Termo de Compromisso junto às Instituições-Campo, observando se atendem às exigências da Lei do Estágio, da legislação relacionada à saúde e segurança do trabalho para os Contratos de Estágio, e ainda, à legislação educacional vigente.

§ 1º O Cadastramento representa o levantamento prévio, feito em favor da composição de um Banco de Instituições, com potencial para Campo de Estágio.

§ 2º O Convênio é o instrumento jurídico que formaliza o Campo de Estágio, devendo ser assinado pela Conveniente (UNIFAP) e pela Conveniada (Concedente do Estágio).

§ 3º O Termo de Compromisso é o acordo tripartite celebrado entre a Conveniente (UNIFAP), a Conveniada (Concedente do Estágio) e o Estagiário (aluno da Graduação), e que os vincula a um conjunto de responsabilidades que deverão ser atendidas durante a realização do Estágio.

Art. 5º Quando se tratar de Estágio Não-Obrigatório exige-se, antes da formalização do Estágio, a apreciação e homologação do projeto por parte do Colegiado de Curso no qual o Estagiário for recrutado.

CAPÍTULO V DOS CAMPOS DE ESTÁGIO

Art. 6º Os Campos de Estágio, categorizados no §1º destas Diretrizes, serão definidos após visita, avaliação e seleção, por parte de representantes da UNIFAP, observando, em especial, os seguintes critérios:

I Ação institucional consolidada na área de formação dos Alunos-Estagiários;

II Localização geográfica de fácil acesso, tanto ao Aluno-Estagiário quanto ao Professor-Supervisor, visando ao deslocamento seguro e sem obstáculos para o desenvolvimento das atividades.

CAPÍTULO VI DO SEGURO DE ESTÁGIO, DA BOLSA-ESTÁGIO, DO AUXÍLIO-TRANSPORTE E DE OUTROS BENEFÍCIOS

Art. 7º O Seguro, de responsabilidade da Instituição Concedente, é elemento obrigatório para a efetivação do Estágio, seja ele Obrigatório ou Não-Obrigatório, e sua cobertura deve prever todo e qualquer acidente pessoal que venha a ocorrer com o estudante durante o período de vigência do Estágio, vinte e quatro horas por dia, tanto em âmbito nacional quanto internacional.

§ 1º Quando se tratar de Estágio Obrigatório, realizado em Instituições Públicas, alternativamente o Seguro poderá ser contratado pela UNIFAP, através da Pró-Reitoria de Administração e Planejamento (PROAP).

§ 2º A matrícula no Curso de Graduação, no semestre em que a disciplina Estágio Supervisionado esteja sendo ofertada, é condição *sine qua non* para a contratação do Seguro.

Art. 8º A Bolsa-Estágio caracteriza-se por recurso financeiro concedido ao Estagiário, como forma de contraprestação pelos serviços realizados, sendo opcional quando se tratar de Estágio Obrigatório e compulsória quando for Estágio Não-Obrigatório.

Parágrafo único: a Instituição Concedente tem autonomia para decidir por outra forma de contraprestação, que não a Bolsa-Estágio, devendo somente, em qualquer um dos casos, registrar o tipo de auxílio no Termo de Compromisso a ser firmado entre as partes envolvidas no Estágio.

Art. 9º O Auxílio-Transporte é uma obrigação da Instituição Concedente, quando se tratar de Estágio Não-Obrigatório, e visa subsidiar não só as despesas com deslocamento do Estagiário ao local de Estágio, quanto às de retorno, podendo ser substituído por transporte próprio da empresa, quando for o caso.

Parágrafo único: quando se tratar de Estágio Obrigatório, o Auxílio-Transporte é facultativo.

Art. 10 A Instituição Concedente do Estágio poderá, voluntariamente, oferecer aos Estagiários outros benefícios, como alimentação, acesso a plano de saúde, dentre outros, independentemente de se tratar de Estágio Obrigatório ou Não-Obrigatório.

CAPÍTULO VII DAS ETAPAS DO ESTÁGIO CURRICULAR

Art. 11 O Estágio, como componente curricular dos Cursos de Graduação, será composto das seguintes etapas:

I Diagnóstica: caracterizada pela observação e contextualização dos espaços de atuação profissional, visando identificar condições estruturais, materiais, humanas, administrativas e organizacionais do campo de estágio, dentre outros aspectos pertinentes à formação;

II Projetual: caracterizada pela tessitura de Plano de Ação, de caráter investigativo e interventivo, fundado nos dados levantados na fase Diagnóstica;

III Interventiva: caracterizada pela execução do Plano de Ação no campo de Estágio, observado o calendário de atividades da Instituição Concedente;

IV Sistematizadora: caracterizada pela elaboração do Relatório de Estágio, documento-síntese da produção do conhecimento, construído no decurso das fases Diagnóstica, Projetual e Interventiva.

Parágrafo único: o Relatório de Estágio deve ser organizado de acordo com a especificidade de cada Curso, podendo tomar forma de *paper*, artigo, síntese digital, *portfólio*, dentre outras.

Art. 12 De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) de cada Curso de Graduação, os Colegiados têm autonomia para definir outras etapas estruturantes para o Estágio Curricular, que não as previstas no Artigo 11 desta Normatização.

CAPÍTULO VIII DA CARGA HORÁRIA DO ESTÁGIO OBRIGATÓRIO

Art. 13 Para os Cursos de Licenciatura, a carga horária mínima do Estágio obrigatório, a ser ofertada a partir do início da segunda metade do itinerário formativo, será de 400 (quatrocentas) horas, à exceção do Curso de Pedagogia, no qual a carga horária mínima poderá ser de 300 (trezentas) horas, de acordo com o que prevê o inciso II, do Art. 7º, da Resolução N. 1, de 15/05/2006, do Conselho Nacional de Educação.

§ 1º Admitir-se-á a redução de até 30% (cinquenta por cento) da carga horária total do Estágio Obrigatório, de acadêmicos que comprovadamente exerçam atividade docente regular na Educação Básica.

§ 2º O aluno que obtiver dispensa de parte da carga horária total do Estágio obrigatório não poderá deixar de participar das etapas previstas no Artigo 11 desta Resolução, tampouco das atividades de orientação, planejamento, discussão e avaliação coletiva da disciplina.

Art. 14 Para os Cursos de Bacharelado a carga horária mínima destinada ao Estágio Obrigatório não poderá exceder a 20% (vinte por cento) da carga horária total do Curso.

Parágrafo único: no Curso de Medicina a carga horária mínima do Estágio Obrigatório não poderá ser inferior a 35% (trinta e cinco por cento) da carga horária total do Curso.

Art. 15 O desenvolvimento do Estágio não deve conflitar com o horário de aulas previsto para as demais disciplinas do currículo.

DO ACOMPANHAMENTO E DA AVALIAÇÃO DO ESTÁGIO

Art. 16 O Estágio deve ser acompanhado por docente, indicado pelo Colegiado do Curso ao qual está vinculado, e por um profissional ligado ao Campo de Estágio, designado pela Instituição Concedente.

§ 1º O acompanhamento do Estágio Curricular deve ser contínuo, recaindo sobre todas as etapas de que trata o Artigo 11 destas Diretrizes, sejam elas executadas no Campo de Estágio ou na própria UNIFAP, sempre na observância do cronograma de execução das atividades.

§ 2º O acompanhamento do Estágio Não-Obrigatório deve observar o previsto no respectivo projeto.

Art. 17 A avaliação do Estágio, seja ele de natureza Obrigatório ou Não-Obrigatório, deve ser prevista nos respectivos projetos de execução, com detalhamento de todas as fases.

Parágrafo único: quando se tratar de Estágio Obrigatório, a avaliação deve considerar aspectos quantitativos e qualitativos, e vir parametrizada pela Resolução que trata da Sistemática de Avaliação, dentro da UNIFAP.

CAPÍTULO X DAS ATRIBUIÇÕES DOS ENVOLVIDOS NO ESTÁGIO

Art. 18 São atribuições da Divisão de Estágio (DE):

I Criar um Banco de Instituições com potencial para Campo de Estágio, tomando-o disponível para os diferentes Colegiados de Curso, sempre que solicitado;

II Firmar Convênio com as Instituições selecionadas para ser Campo de Estágio, de modo a formalizar as ações com a UNIFAP;

III Submeter, para apreciação e homologação por parte dos Colegiados de Curso, todo e qualquer projeto de Estágio, de natureza Não-Obrigatório, antes da formalização do mesmo junto à Instituição Concedente;

IV Providenciar a assinatura do Termo de Compromisso a ser celebrado entre a Conveniente (UNIFAP), a Convenida (Concedente do Estágio) e o Estagiário (aluno da Graduação), e que os vincula a um conjunto de responsabilidades que deverão ser cumpridas durante a realização do Estágio;

V Zelar pelo cumprimento da Lei do Estágio, da legislação relacionada à saúde e segurança do trabalho para os Contratos de Estágio, da legislação educacional vigente e do Termo de Compromisso, reorientando o Estagiário para outro local, em caso de descumprimento das normas previstas;

VI Avaliar, periodicamente, junto às Coordenações de Curso e às Comissões de Estágio Supervisionado, o desenvolvimento dos Estágios Obrigatórios e Não-Obrigatórios.

Art. 19 São atribuições das Coordenações dos Cursos de Graduação, no âmbito de seus respectivos Colegiados:

I Instituir a Comissão de Estágio Supervisionado, órgão responsável pelo gerenciamento, em nível macro, das ações relacionadas ao Estágio, no seio do Curso;

II Homologação do nome dos Professores-Supervisores de Estágio; a lista de entidades indicadas pela DE para compor o Banco de Instituições com potencial para Campo de Estágio; e os Projetos de Estágio, sejam eles de natureza Obrigatório ou Não-Obrigatório;

III Deliberar sobre situações-problema que venham a ser formalmente apresentadas pela Comissão de Estágio Supervisionado, ou ainda pela DE, visando à correção de rumos na execução do Estágio;

IV Participar, juntamente com a Comissão de Estágio Supervisionado, das avaliações periódicas sobre os Estágios, a serem promovidas pela DE.

Art. 20 São atribuições da Comissão de Estágio Supervisionado (CES):

I Promover o ajustamento do Projeto Pedagógico do Curso a estas Diretrizes, submetendo-o à apreciação do Colegiado para homologação;

II Elaborar Projeto-Referência, disciplinador do Estágio Curricular no âmbito do Curso, observando as peculiaridades do itinerário formativo;

III Coordenar e avaliar, em nível macro, o desenvolvimento dos Estágios previstos para o semestre letivo, sejam eles Obrigatórios ou Não-Obrigatórios;

IV Indicar à DE nome de instituições com potencial para Campo de Estágio;

V Visitar, avaliar e selecionar, juntamente com os Professores-Supervisores de Estágio, e quando possível ouvindo os alunos, as entidades previstas como Instituições-Campo para os Estágios Obrigatórios, sempre na observância dos critérios básicos de seleção previstos nos Incisos I e II, do Artigo 6º destas Diretrizes;

VI Apresentar e encaminhar, oficialmente, aos respectivos Campos de Estágios, os Professores-Supervisores;

VII Formalizar ao Colegiado de Curso toda e qualquer situação-problema configurada durante a execução do Estágio e que esteja fora de sua competência, visando à correção de rumos;

VIII Encaminhar, semestralmente, à Coordenação do Curso, Relatório Consolidado das ações relativas ao Estágio;

IX Estimular, valorizar e divulgar, intra e extra Universidade, experiências inovadoras de Estágio, tanto dos Professores-Supervisores, quanto dos Alunos-Estagiários;

X Participar, juntamente com a Coordenação do Curso, das avaliações periódicas sobre os Estágios, a serem promovidas pela DE.

Art. 21 São atribuições do Professor-Supervisor:

I Participar das atividades programadas pela CES visando ao planejamento e avaliação global das atividades a serem desenvolvidas no Estágio;

II Elaborar Projeto específico para o desenvolvimento da disciplina Estágio Supervisionado, baseado no Projeto-Referência do Estágio, observando os pré-requisitos e o status do componente dentro da matriz curricular, bem como os diferentes níveis de composição da disciplina, de modo a promover o desdobramento lógico do itinerário formativo;

III Visitar, avaliar e selecionar, juntamente com a CES, e quando possível ouvindo os alunos, as entidades previstas como Instituições-Campo para os Estágios Obrigatórios, sempre na observância dos critérios básicos de seleção previstos nos Incisos I e II, do Artigo 6º destas Diretrizes;

IV Apresentar e encaminhar, oficialmente, os Alunos-Estagiários aos respectivos Campos de Estágios;

V Orientar, supervisionar e avaliar, pontualmente, o desenvolvimento do Estágio que esteja sob sua responsabilidade dentro do semestre letivo, seja ele Obrigatório ou Não-Obrigatório;

VI Manter a CES informada sobre o desenvolvimento das atividades no Campo de Estágio, formalizando toda e qualquer situação-problema configurada durante a execução do Estágio e que esteja fora de sua competência;

VII Encaminhar, semestralmente, à CES, Relatório Consolidado das ações desenvolvidas no Estágio;

VIII Estimular e valorizar, intra e extra Universidade, experiências inovadoras de Estágio desenvolvidas pelos Alunos-Estagiários.

Art. 22 São atribuições do Aluno-Estagiário:

I Cumprir o Projeto do Estágio Supervisionado, em todas as suas etapas constitutivas, seja ele Obrigatório ou Não-Obrigatório;

II Demonstrar responsabilidade e organização no desenvolvimento do Estágio;

III Atender às normas da Instituição Concedente;

IV Participar das avaliações de desempenho individual e coletivo, sempre que solicitado;

V Manter atitude ético-profissional no desempenho de todas as atividades do Estágio.

Art. 23 São atribuições da Instituição Concedente:

I Celebrar Termo de Compromisso com a UNIFAP e com Aluno que comprovadamente esteja matriculado e tenha frequência regular às aulas, firmando num acordo tripartite um conjunto de responsabilidades que deverão ser cumpridas durante a realização do Estágio;

II Zelar pelo cumprimento da Lei do Estágio, da legislação relacionada à saúde e segurança do trabalho para os Contratos de Estágio, do Termo de Compromisso e do Projeto de Estágio;

III Garantir que as atividades desenvolvidas no Estágio sejam compatíveis com as previstas no Termo de Compromisso e no Projeto de Estágio;

IV Apresentar instalações adequadas para o desenvolvimento do Estágio;

V Indicar funcionário do quadro de pessoal, com formação igual ou superior à pretendida pelo Estagiário, bem como com experiência profissional na área de execução do Estágio, para que possa orientar e supervisionar o desenvolvimento das atividades previstas no Projeto de Estágio;

VI Contratar, em favor do Estagiário, seguro contra acidentes pessoais, com valores de mercado;

VII Garantir Bolsa-Estágio, ou outra forma de contraprestação de serviços, para todo e qualquer aluno que venha a ser contemplado com vaga para o Estágio Não-Obrigatório;

VIII Encaminhar à DE, por ocasião do desligamento do Estagiário, Termo de Realização do Estágio, com indicação resumida das atividades desenvolvidas, dos períodos de estudo e da avaliação de desempenho;

IX Manter documentos relacionados ao Estágio e ao Aluno-Estagiário à disposição dos órgãos de fiscalização externa.

Art. 24 São atribuições do Supervisor da Instituição Concedente:

I Receber os Estagiários, em data previamente marcada com o Professor-Supervisor, fornecendo as informações necessárias para um Estágio eficiente e proveitoso;

II Apresentar os estagiários à equipe administrativa, possibilitando a integração dos envolvidos no Estágio;

III Designar local, a ser utilizado pelos Estagiários, para fazer reuniões e realimentação do processo;

IV Inteirar-se do Plano de Trabalho do Estagiário, fazendo sugestões, sempre que considerar necessário;

V Informar ao Professor-Supervisor qualquer irregularidade ou alteração no processo de Estágio, proporcionando os ajustes necessários, para que não haja solução de continuidade ao trabalho desenvolvido.

DAS DISPOSIÇÕES FINAIS

Art. 25 A jornada diária destinada ao Estágio será definida de comum acordo entre a Instituição de Ensino e a Concedente, devendo ser compatível com as atividades escolares do acadêmico.

§ 1º Quando se tratar de Estágio Obrigatório não deve ultrapassar 6 (seis) horas diárias e 30 (trinta) semanais.

§ 2º Quando se tratar de estágio Não-Obrigatório recomenda-se 4 (quatro) horas diárias e 20 (vinte) semanais.

§ 3º Nos períodos de férias escolares os horários de Estágio poderão ser alterados, mediante acordo entre o Estagiário e a Instituição Concedente, com a devida aquiescência do Professor-Supervisor.

Art. 26 A quantidade máxima de alunos, por professor, será definida no Projeto de Estágio de cada Curso, assegurada a efetiva oferta do Estágio a todos os alunos, dentro do prazo previsto para a integralização curricular.

Art. 27 O estágio Não-Obrigatório poderá ser creditado como Atividade Complementar (AC), desde que esteja previsto no Projeto Pedagógico do Curso e no respectivo Plano Operacional das AC, indicadas na Resolução 024/2008, de 22/10/2008 – CONSU/UNIFAP.

Art. 28 Não será permitida a continuação do Estágio a alunos que venham a fazer trancamento ou cancelamento do Curso, dentro do semestre letivo em que se esteja aplicando o Estágio.

Art. 29 É facultada a participação no processo do Estágio de Agentes de Integração, públicos e privados, desde que observadas todas as condições legais para a consecução da parceria junto à Instituição de Ensino e à Concedente.

Art. 30 A UNIFAP poderá assinar Termo de Cooperação Técnico-Científica com outras Instituições de Ensino Superior, tanto em nível nacional quanto intermedial, em favor de parceria para a realização de Estágios.

Art. 31 Os casos omissos na presente Normatização serão resolvidos pela Coordenadoria de Ensino de Graduação, devidamente calcada nas determinações emanadas dos Órgãos Colegiados da UNIFAP.

Art. 32 Esta Normatização entram em vigor na data de sua aprovação, revogadas as disposições em contrário.

Macapá, 26 de fevereiro de 2010.

Prof. Dr. José Carlos Tavares Carvalho
Presidente do Conselho Universitário

ANEXO 3 CÓPIA DO REGULAMENTO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DA UNIFAP

1



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
CONSELHO UNIVERSITÁRIO

RESOLUÇÃO nº 11/2008 – CONSU/UNIFAP

Estabelece as diretrizes para o Trabalho de Conclusão de Curso em nível de Graduação, no âmbito da UNIFAP.

O PRESIDENTE DO CONSELHO UNIVERSITÁRIO, no uso das atribuições que lhe são conferidas pelo Artigo 14, Inciso XIII do Estatuto da UNIFAP, Artigo 17, Inciso XIX, do Regimento Geral, e ainda, o Artigo 24, Inciso V, do Regimento do CONSU, promulga a presente Resolução, CONSIDERANDO:

A proposição da Comissão de Elaboração das Diretrizes para o Trabalho de Conclusão de Curso em nível de graduação e,

A decisão do egrégio Conselho Superior da UNIFAP, em sessão ordinária realizada no dia 16 de maio de 2008.

RESOLVE:

Art. 1º APROVAR as diretrizes para Trabalho de Conclusão de Curso em nível de graduação, no âmbito da Universidade Federal do Amapá, apresentada nos **Apêndices A, B e C** desta Resolução, sendo dela partes integrantes e indissociáveis.

Art. 2º Esta Resolução entra em vigor na data da sua assinatura, ficando revogadas todas as disposições contrárias.

Gabinete do Presidente do Conselho Universitário da Fundação Universidade Federal do Amapá, em Macapá, 16 de maio de 2008.

Prof. Dr. José Carlos Tavares Carvalho
Presidente do Conselho Universitário



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
CONSELHO UNIVERSITÁRIO

APÊNDICE A – NORMATIZAÇÃO PARA TRABALHO DE CONCLUSÃO DE
CURSO EM NÍVEL DE GRADUAÇÃO

TÍTULO I
DA DEFINIÇÃO E DOS OBJETIVOS DO TCC

CAPÍTULO I
DA DEFINIÇÃO

Art. 1º O Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) é entendido nos termos desta Resolução como uma disciplina obrigatória para os cursos de graduação, que tem como objetivo prover iniciação em atividades de pesquisa, viabilizando a relação integradora e transformadora entre os saberes apropriados pelos acadêmicos durante a realização do Curso.

Parágrafo único: o TCC resulta de um processo de investigação científica desenvolvido pelos acadêmicos, dentro de uma das linhas de pesquisa definidas pelos Colegiados, visando ao aprofundamento de determinada temática voltada à área de atuação do Curso.

Art. 2º Consideram-se como modalidades de TCC:

I Monografia: gênero textual/discursivo da esfera acadêmica de acordo com os parâmetros da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT);

II Produções Diversas: artigo científico, relatório técnico, *portfolio*, projeto e/ou plano técnico, produção de vídeo, criação e/ou exposição de arte, filme, protótipo, invento e similares, na área de abrangência de cada Curso.

Parágrafo único: os trabalhos incluídos nos incisos I e II deverão indicar em sua configuração os fundamentos teórico-metodológicos orientadores do processo de construção, devidamente respaldados na ABNT.

CAPÍTULO II
DOS OBJETIVOS

Art. 3º O TCC deve oportunizar aos acadêmicos o desenvolvimento de habilidades e capacidades que envolvam:

I Conhecimento teórico básico sobre o **que é e como se organiza** um projeto de pesquisa;

II Autonomia para idealização de projetos diversos considerando todas as suas etapas;

III Elaboração de vários tipos de textos relativos ao projeto (além do próprio texto do mesmo, também resenhas, artigos e monografias);

IV Participação em Núcleos ou Grupos de Pesquisa, sob a responsabilidade de professor-orientador;

V Avaliação de todo o percurso do processo, tanto coletiva como individualmente, seja em reuniões destinadas a esse fim, seja por meio da realização de relatórios dirigidos ao Colegiado de Graduação, a órgãos de fomento à pesquisa, dentre outros;

VI Apresentação/exposição, à comunidade, dos resultados parciais ou finais da pesquisa em fóruns de debates local, regional, nacional, ou internacional.

TÍTULO II DA MATRÍCULA EM TCC

Art. 4º O aluno estará apto a matricular-se na disciplina TCC quando tiver concluído pelo menos 50% dos créditos que compõem a matriz curricular do Curso, observado o cumprimento dos pré-requisitos.

TÍTULO III DO PROCESSO DE INSCRIÇÃO DO PROJETO DE TCC

Art. 5º O desenvolvimento do TCC exige a inscrição prévia de um Projeto acadêmico, que deverá ser apresentado ao Colegiado de Curso para efeitos de homologação.

I Para inscrever o Projeto, o aluno deverá preencher **Formulário de Inscrição** (vide APÊNDICE B);

II No ato da inscrição o aluno poderá sugerir o nome do docente para orientar o TCC, sempre em consonância à linha de pesquisa que tal docente integre.

Parágrafo único: caberá ao Colegiado de Curso deliberar sobre a sugestão feita pelo aluno e, no caso de o orientador pleiteado encontrar-se com carga horária de ensino preenchida, indicar outro orientador.

TÍTULO IV DOS PROCESSOS DE ORIENTAÇÃO E DE ELABORAÇÃO DO TCC

CAPÍTULO III DO PROCESSO DE ORIENTAÇÃO

Art. 6º A orientação do TCC deverá ser conduzida por docente efetivo, ou substituto, da UNIFAP e dependendo da especificidade do tema, admitir-se-á a possibilidade de co-orientação.

Parágrafo único: a orientação poderá ser feita por professor não pertencente ao quadro de pessoal da UNIFAP, desde que previamente credenciado pelo Colegiado de Curso.

Art. 7º Mudança de orientação só poderá ocorrer com a devida autorização do Colegiado do Curso.

CAPÍTULO IV DO PROCESSO DE ELABORAÇÃO

Art. 8º O Trabalho de Conclusão de Curso deverá ser elaborado individualmente, admitindo-se a realização em grupo de até 3 (três) componentes, quando houver desequilíbrio entre a demanda de alunos e a disponibilidade de orientadores.

Art. 9º O processo de elaboração do TCC exige a definição de uma agenda de compromissos mútuos entre orientador e orientando, a qual deve vir retratada em **Ficha de Acompanhamento da Produção do TCC** (vide APÊNDICE C) com indicativo das atividades e dos encontros efetivados.

TÍTULO V DO PROCESSO DE AVALIAÇÃO DO TCC

Art. 10 O TCC deverá ser avaliado por 2 (dois) professores da UNIFAP ligados à área de concentração do trabalho.

I Admitir-se-á a possibilidade de avaliador externo, desde que previamente autorizado pelo Colegiado respectivo;

II O orientador do TCC, obrigatoriamente, presidirá os trabalhos.

Art. 11 A avaliação do TCC na modalidade **Monografia** compreenderá as seguintes etapas:

I Exame de Qualificação: consiste em etapa preliminar da avaliação, representada por reunião privativa da Banca Examinadora com o(s) orientando(s), com o propósito de conferir orientações de natureza teórico-metodológicas, de caráter exclusivamente qualitativo, quando decorridos até 50% do tempo total destinado à elaboração do TCC;

II Apresentação escrita: compreende todo o percurso teórico-metodológico da pesquisa, devidamente circunscrito ao tema adotado, observando-se o atendimento às normas da Língua Portuguesa e às da Associação Brasileira de Normas Técnicas;

III Apresentação oral: resulta na socialização da trajetória da pesquisa demonstrando domínio do conteúdo, seqüência lógica e clareza na exposição das idéias, dentro de um tempo mínimo de 30 (trinta) minutos e máximo de 50 (cinquenta).

§ 1º A culminância da apresentação oral ocorrerá com a arguição proferida pelos avaliadores e reposta pelo(s) acadêmico(s) dentro de um tempo correspondente a 30 (quinze) minutos;

§ 2º A não apresentação do TCC para o processo de avaliação no tempo previsto implicará em reprovação automática, além da perda tanto do orientador quanto da Banca Examinadora do trabalho.

Art. 12 Quando se tratar de TCC na modalidade **Produções Diversas** a avaliação será definida de acordo com as especificidades da área referente ao estudo realizado.

Art. 13 Para efeito de aprovação do TCC, em ambas as modalidades, a média final deverá observar o estipulado na sistemática de avaliação adotada pela UNIFAP.

I A média final do TCC deverá ser o resultado da média aritmética simples extraída das notas atribuídas pelos dois avaliadores integrantes da Banca;

II Em caso de discrepância de notas atribuídas pelos dois avaliadores, caberá ao orientador atribuir nota para efeito de composição da média final do trabalho.

Parágrafo único: Considerar-se-ão como notas discrepantes aquelas cuja diferença entre os valores sejam iguais ou superiores a 3 (três) pontos.

Art. 14 A avaliação do TCC, nas duas modalidades adotadas na UNIFAP, deverá ser registrada em **Formulário de Avaliação**, elaborado pelos Colegiados de Curso, no qual deverão constar:

I Título do TCC;

II Nome do(s) autor(es);

III Nome do Orientador e Co-orientador (se houver);

IV Elementos constitutivos da Avaliação, respectiva pontuação e notas/média atribuídas;

V Parecer da Banca Examinadora;

- VI Local e data da avaliação;
- VII Nome e assinatura do orientador e dos avaliadores.

TÍTULO VI DAS DISPOSIÇÕES FINAIS

Art. 15 Trabalhos de Conclusão de Curso que tenham como sujeito de pesquisa seres humanos e/ou animais deverão ter os projetos de origem submetidos à apreciação de Comitê de Ética e Pesquisa da UNIFAP.

Art. 16 No prazo máximo de 30 (trinta) dias corridos, a contar da data de apresentação do TCC, o(os) acadêmico(s) deverá(ão) encaminhar ao Orientador a versão final do trabalho, em *Cd-rom*, formato PDF, incorporando as sugestões da Banca, quando houver. O encaminhamento do CD deverá ser acompanhado de declaração de autorização para a divulgação do trabalho.

I Na capa do *Cd-rom* deverão constar os seguintes dados de identificação:

- a) nome da Instituição a que o trabalho é submetido;
- b) nome completo do Curso realizado;
- c) nome do(s) autor(es) do trabalho;
- d) título do trabalho e subtítulo (se houver);
- e) titulação e nome do orientador do trabalho;
- f) local (cidade) da Instituição onde o trabalho é apresentado;
- g) ano da entrega do trabalho.

II Na contracapa do *Cd-rom* deverá constar o Resumo do trabalho;

III O próprio *Cd-rom* deverá vir identificado com todos os elementos listados no inciso I do Art. 16, à exceção do previsto na alínea “e”.

Parágrafo único: o projeto gráfico do *Cd-rom* é de responsabilidade do(s) autor(es) do TCC.

Art. 17 Mediante o cumprimento das exigências estipuladas no Art. 16, o professor-orientador deverá encaminhar à Coordenação do Curso os seguintes documentos:

- I Diário de Classe devidamente preenchido;
- II Formulário de Avaliação do TCC;
- III *Cd-rom*, com a versão final do TCC.
- IV Declaração do(s) discente(s) autorizando a divulgação do trabalho.

Art. 18 Caberá a Biblioteca a divulgação dos trabalhos na internet através da página institucional da UNIFAP.

Art. 19 Os casos omissos na presente Resolução serão resolvidos pela Pró-Reitoria de Ensino de Graduação, devidamente calcada nas determinações emanadas dos órgãos colegiados desta Universidade.

Art. 20 Este Regulamento entra em vigor na data da sua aprovação.

Prof. Dr. José Carlos Tavares Carvalho
Presidente do Conselho Universitário

APÊNDICE B – Formulário de inscrição do projeto de TCC



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DO CURSO DE _____

FORMULÁRIO DE INSCRIÇÃO DO PROJETO DE TCC

Matricula(s)/Acadêmico(s):

1 _____

2 _____

3 _____

Turma: _____ **Turno:** _____

Título:

Eixo Temático/Linha de Pesquisa:

Campo reservado ao(s) acadêmico(s)	Campo reservado ao Colegiado
Nome do(a) Orientador(a) sugerido(a)	Nome do(a) Orientador(a) homologado(a)
Nome do(a) Co-orientador(a) sugerido(a)	Nome do(a) Co-orientador(a) homologado(a)

Local e data da homologação: _____, ____/____/____.

Assinatura do(a) Orientador(a): _____

Assinatura do(a) Co-orientador(a): _____

Assinatura do(a) Coordenador(a): _____

ANEXO 4 CÓPIA DO REGULAMENTO DAS ATIVIDADES COMPLEMENTARES DA UNIFAP



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
CONSELHO UNIVERSITÁRIO

RESOLUÇÃO N. 024/2008 – CONSU/UNIFAP

Dispõe sobre as diretrizes das Atividades Complementares dos Cursos de Graduação no âmbito da UNIFAP.

O PRESIDENTE DO CONSELHO UNIVERSITÁRIO, no uso das atribuições que lhe são conferidas pelo Artigo 14, Inciso XIII, do Estatuto da UNIFAP; Artigo 17, Inciso XIX, do Regimento Geral, e ainda, Artigo 24, Inciso V, do Regimento do CONSU,
CONSIDERANDO:

1 A Resolução N. 02, de 19/02/2002, do Conselho Pleno do Conselho Nacional de Educação, que institui a carga horária das Licenciaturas;

2 O Parecer N. 67, de 11/03/2003, da Câmara de Educação Superior do Conselho Nacional de Educação, que dispõe sobre o Referencial para as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) dos Cursos de Graduação;

3 A Resolução N. 2, de 18/06/2007, da Câmara de Educação Superior do Conselho Nacional de Educação, que dispõe sobre a carga horária mínima dos cursos de Graduação, na modalidade Bacharelado presencial; e

4 A proposição do Núcleo de Pesquisa em Língua Materna e Ensino-Aprendizagem (NUPEA) para o disciplinamento das Atividades Complementares, construída de forma articulada junto as Coordenações dos Cursos de Graduação da UNIFAP, conforme os autos do Processo N. 23125.003190/2008-71;

RESOLVE:

Art. 1º APROVAR "Ad Referendum" a Normatização das Atividades Complementares dos Cursos de Graduação no âmbito da Fundação Universidade Federal do Amapá, aptidão única desta Resolução, sendo dela parte integrante e indissociável.

Art. 2º Determinar a todos os Colegiados de Curso que promovam, em seu âmbito de atuação acadêmica, o ajustamento das especificidades de seus respectivos Cursos a esta Resolução, elaborando para tal Normas Operacionais para Acompanhamento, Validação e Escrituração das Atividades Complementares.

Art. 3º Esta Normatização entra em vigor na data de sua assinatura, com efeito retroativo as turmas ingressantes nos cursos de Graduação da UNIFAP a partir do 1º semestre letivo de 2008, revogadas as disposições em contrário.

Gabinete do Presidente do Conselho Universitário da Fundação Universidade Federal do Amapá, em Macapá, 22 de outubro de 2008.

Prof. Dr. José Carlos Tavares Carvalho
Presidente do Conselho Universitário



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
CONSELHO UNIVERSITÁRIO**

APÊNDICE DA RESOLUÇÃO N. 024 /2008 – CONSU/UNIFAP, de 22/10/2008.

**NORMATIZAÇÃO DAS ATIVIDADES COMPLEMENTARES
DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO**

**TÍTULO I
DA DEFINIÇÃO, DOS OBJETIVOS, DA CATEGORIZAÇÃO E DA CARGA HORÁRIA DAS
ATIVIDADES COMPLEMENTARES**

**CAPÍTULO I
DA DEFINIÇÃO**

Art. 1º As Atividades Complementares são entendidas nos termos desta Normatização como componente curricular obrigatório da matriz dos cursos de Graduação da UNIFAP, que se materializa através de estudos e atividades independentes não compreendidas nas práticas pedagógicas previstas no desenvolvimento regular das disciplinas.

Parágrafo único: as Atividades Complementares devem ser desenvolvidas durante a trajetória acadêmica do aluno e em estreita observância à filosofia, área de abrangência e objetivos de cada Curso.

**CAPÍTULO II
DOS OBJETIVOS**

Art. 2º As atividades Complementares têm os seguintes objetivos:

- I** Estimular práticas de estudos independentes, visando a progressiva autonomia intelectual do aluno;
- II** Sedimentar os saberes construídos pelos acadêmicos durante o Curso de Graduação;
- III** Viabilizar a relação integradora e transformadora do conhecimento produzido dentro e fora da Universidade;
- IV** Articular ensino, pesquisa e extensão com as demandas sociais e culturais da população;
- V** Socializar resultados de pesquisa produzidos no âmbito da Universidade ou a partir de parceria com entidades públicas e/ou privadas;
- VI** Valorizar a cultura e o conhecimento, respeitando a diversidade sócio-cultural dos povos.

CAPÍTULO III DA CATEGORIZAÇÃO

Art. 3º As Atividades Complementares, com desdobramento nos campos acadêmico-científico, artístico-cultural, social e de organização estudantil, estão categorizadas em 7 (sete) grupos:

I Grupo 1: Atividades de ensino - estão representadas na frequência, com aproveitamento, às aulas de disciplinas afins ao curso de origem do acadêmico, ofertadas por instituições públicas ou isoladas de ensino superior, bem como no efetivo exercício de monitoria, e ainda na realização de estágio extracurricular como complementação da formação acadêmico-profissional;

II Grupo 2: Atividades de pesquisa - conjunto de atividades desenvolvidas em uma das linhas de pesquisa existentes nos cursos de graduação e/ou pós-graduação da UNIFAP;

III Grupo 3: Atividades de extensão - conjunto de atividades, eventuais ou permanentes, executadas de acordo com uma das linhas de ação do Departamento de Extensão da UNIFAP e contempladas no Plano Nacional de Extensão;

IV Grupo 4: Participação em eventos de natureza artística, científica ou cultural - está representada pela presença do aluno em congressos, semanas acadêmicas, seminários, feiras, fóruns, oficinas, intercâmbio cultural, teleconferências, salão de artes, dentre outros;

V Grupo 5: Produções diversas - neste grupo deve-se contemplar o potencial criador do aluno, materializado através de *portfolio*, projeto e/ou plano técnico, criação e/ou exposição de arte, vídeo, filme, protótipo, material educativo, científico e cultural, sites na *internet*, invento e similares;

VI Grupo 6: Ações comunitárias - traduz-se pela efetiva participação do aluno em atividades de alcance social;

VII Grupo 7: Representação estudantil - reporta-se ao exercício de cargo de representação estudantil em órgãos colegiados.

Parágrafo único: para efetivar a integralização das Atividades Complementares, o aluno deverá comprovar participação/produção em pelo menos 2 (dois) dos 7 (sete) grupos acima categorizados, além do cumprimento da carga horária mínima prevista para o componente curricular dentro da matriz de cada Curso.

CAPÍTULO IV DA CARGA HORÁRIA

Art. 4º As Atividades Complementares devem configurar nos currículos dos cursos de Graduação com carga horária de, no mínimo, 200 horas.

Parágrafo único: os Cursos que tenham definido carga horária para Atividades Complementares abaixo de 200 horas, deverão ajustar-se imediatamente ao que prevê esta Normatização.

Art. 5º Para efeito de cômputo da carga horária do professor responsável pelas Atividades Complementares, considerar-se-á a relação 2 (duas) horas-aula semanais + 1 hora de planejamento para cada turma que o mesmo venha a conduzir dentro do semestre letivo.

TÍTULO II

DA SOLICITAÇÃO DE CRÉDITO PARA ATIVIDADES ACADÊMICAS

Art. 6º Ao final de cada semestre ou período letivo, em data previamente estabelecida, o aluno deverá protocolar junto à Coordenação de seu respectivo Curso, em fotocópia, os comprovantes de participação e/ou produção das Atividades Complementares, e solicitar concessão de créditos sobre a carga horária/atividades realizadas.

§ 1º Toma-se obrigatório, no ato do protocolo, a apresentação dos comprovantes de participação e/ou produção das Atividades Complementares em sua forma original, com vistas ao reconhecimento da autenticidade dos documentos fotocopiados.

§ 2º O cumprimento da agenda para protocolo dos comprovantes de Atividades Complementares não garante crédito automático ao aluno, devendo o mesmo aguardar o resultado da análise que será feita sobre os documentos apresentados, o qual ficará disponível para consulta no ambiente acadêmico no prazo máximo de 15 (quinze) dias do término do semestre letivo.

TÍTULO III

DAS ATRIBUIÇÕES DOS COLEGIADOS E DAS COORDENAÇÕES DE CURSO

FRENTE ÀS ATIVIDADES COMPLEMENTARES

CAPÍTULO V

DAS ATRIBUIÇÕES DOS COLEGIADOS DE CURSO

Art. 7º Os Colegiados de Curso são responsáveis diretos pela administração dos atos relativos a política, ao planejamento, acompanhamento e escrituração das Atividades Complementares em seu âmbito de atuação, bem como pela orientação aos alunos sobre a natureza e o desdobramento do referido componente curricular.

Parágrafo único: o gerenciamento das Atividades Complementares deverá ser orientado por Normas Operacionais para Acompanhamento, Validação e Escrituração das Atividades Complementares, elaboradas pelos Colegiados de modo a abrigar suas especificidades.

Art. 8º São atribuições básicas dos Colegiados:

I Definir, a partir da filosofia, área de abrangência e objetivos de seus respectivos Cursos, as atividades inerentes a cada um dos 7 (sete) grupos categorizadores das Atividades Complementares previstas no Art. 3º desta Normatização, bem como a forma de comprovação das mesmas;

II Fomentar, articular e divulgar eventos referentes às Atividades Complementares no âmbito interno e externo da Universidade;

III Acompanhar, controlar e certificar a participação dos alunos em ações e eventos promovidos pela UNIFAP que visem ao aproveitamento da carga horária para Atividades Complementares;

IV Apreciar, semestralmente, os documentos apresentados pelos alunos objetivando aproveitamento de créditos para Atividades Complementares e decidir sobre a validade dos mesmos, sempre na observância do prescrito no Art. 3º desta Normatização e no respectivo desdobramento a ser previsto no âmbito de cada um dos Cursos de Graduação;

V Fazer, a cada semestre, em diário eletrônico, a escrituração das horas/grupos de atividades acumuladas pelos alunos, sempre na observância do que prevê o Art. 3º desta Normatização e seus desdobramentos;

VI Enviar ao Coordenador do Curso, no prazo máximo de 10 (dez) dias úteis após o término do semestre letivo, o diário eletrônico com os registros das Atividades Complementares.

CAPÍTULO VI DAS ATRIBUIÇÕES DAS COORDENAÇÕES DE CURSO

Art. 9º São atribuições básicas dos Coordenadores de Curso:

I Promover a articulação de seus respectivos Colegiados visando a efetiva operacionalização das ações relativas as Atividades Complementares;

II Recepcionar, semestralmente, os diários eletrônicos liberados pelos professores com os registros das Atividades Complementares e, no prazo máximo de 3 (três) dias úteis após o recebimento, validar, imprimir, assinar e enviar a COEG para conhecimento e análise por parte da Divisão de Capacitação e Acompanhamento das Atividades Docentes.

TÍTULO IV DAS DISPOSIÇÕES FINAIS

Art. 10 À medida que cada aluno integralize a carga horária mínima prevista na matriz curricular de seu curso para as Atividades Complementares, o DERCA procederá, automaticamente, com o registro no Histórico Escolar.

Art. 11 Esta Normatização entra em vigor na data de sua assinatura, com efeito retroativo às turmas ingressantes nos cursos de Graduação da UNIFAP a partir do 1º semestre letivo de 2008, revogadas as disposições em contrário.

Art. 12 Os casos omissos na presente Normatização serão resolvidos pela Pró-Reitoria de Ensino de Graduação, devidamente calcada nas determinações emanadas dos órgãos colegiados desta Universidade.

Prof. Dr. José Carlos Tavares Carvalho
Presidente do Conselho Universitário